



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTEONOMIA

MORGANA BRUNO HENRIQUE GUIMARÃES

**A FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS EDUCADORES  
PARA ATUAR NA FORMAÇÃO DE LEITORES EM  
ESCOLAS:**  
e uso de ferramentas pedagógicas como a Biblioteca escolar.

GOIÂNIA  
2010

MORGANA BRUNO HENRIQUE GUIMARÃES

**A FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS EDUCADORES  
PARA ATUAR NA FORMAÇÃO DE LEITORES EM  
ESCOLAS:**  
e uso de ferramentas pedagógicas como a Biblioteca escolar.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do grau Bacharel em  
Biblioteconomia, pela Universidade  
Federal de Goiás (UFG).

Orientadora: Kelley Cristine Gasque

GOIÂNIA  
2010

G963f Guimarães, Morgana Bruno Henrique.

A formação acadêmica dos educadores para atuar na formação de leitores em escolas: e uso de ferramentas pedagógicas como a Biblioteca escolar. [manuscrito] / Morgana Bruno Henrique Guimarães. - 2010. 70 f. : il.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Kelley Cristine Gasque.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Goiás, Curso de Biblioteconomia, 2010.

Bibliografia.

1. Leitura. 2. Formação de professor. 3. Educação. 4. Biblioteca escolar. I. Título.

CDU 377.8:028(817.3)

MORGANA BRUNO HENRIQUE GUIMARÃES

**A FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS EDUCADORES  
PARA ATUAR NA FORMAÇÃO DE LEITORES EM  
ESCOLAS:**

e uso de ferramentas pedagógicas como a Biblioteca escolar.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito  
parcial à obtenção do grau  
Bacharel em Biblioteconomia,  
pela Universidade Federal de  
Goiás (UFG).

Aprovado pela Banca Examinadora em \_\_\_\_ dezembro de 2010.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Professora Dra. Kelley Cristine Gasque  
Orientadora

---

Professora Dra Eliany Alvarenga Araújo

Dedico este trabalho a toda minha família, pessoas que me apoiaram seja diretamente com ações ou indiretamente perdoando as distâncias e ausências. E a Diego Franco Nunes que esteve ao meu lado todos estes anos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que me apoiaram direta ou indiretamente nesta longa caminhada.

À minha família que esteve ao meu lado e me apoiaram, perdendo inclusive minhas ausências. À Madrinha Antônia que me ajudou tantas vezes nesta caminhada. Aos meus pais, amigos e ao Diego que sempre permaneceram ao meu lado.

Agradeço aos professores e colegas, não só da faculdade, que colaboraram com este trabalho, cuja ajuda e colaboração foi indispensável para a conclusão deste trabalho.

À minha Irmã, grande companheira neste período e para sempre, compartilhando escolhas e paixões nesta profissão tão linda compartilhada por nós.

Aos meus mestres, professores e profissionais que tanto me ensinaram e me inspiraram com sua paixão e fascínio por este mundo deslumbrante, este universo contido dentro das bibliotecas e em nossos corações.

*“(...) You may say  
I'm a dreamer  
But I'm not the only one (...)”.*

**Imagine, John Lennon.**

## RESUMO

A realidade de nossas escolas está muito distante da realidade de nossos estudantes. Ela está defasada e maçante. A realidade da biblioteca escolar é ainda pior, quando esta existe. A situação da leitura, muitas vezes, segue esta realidade, sendo a leitura, sinônimo apenas de estudo e aborrecimento. É devido ao pré-conceito ignora-se a importância da leitura e sua presença na rotina. Neste contexto, este trabalho objetiva avaliar a formação dos licenciados em Letras Português, Pedagogia e bacharéis em Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para formar leitores reais mesmo fora da escola e o uso pedagógico da biblioteca escolar.

**Palavras-chave:** Leitura; Formação de Professores; Educação; Biblioteca Escolar.

## **ABSTRACT**

The reality in our schools is so distant of our student's reality. It is lagged and dull. The reality of school's library it even worse, when it exists. The situation of the reading, many times, it is like this reality. And the reading just be a synonym of stud and hassle. And because of the prejudices, they ignores the importance of reading and its presence in the routine. In this context, this study aims to evaluate the training of graduates in Portuguese Literature, Education and Library Science graduates of the Federal University of Goias, to form actual readers even outside of school and educational use of the school library.

**Keywords:** Reading; Teacher Training, Education, School Library.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Você se considera um leitor	22
TABELA 2	Frequência dos diversos tipos de leituras	23
TABELA 3	Frequência dos diversos gêneros de leitura	24
TABELA 4	Frequência de gêneros lidos na internet	25
TABELA 5	Vivências de leituras dos estudantes	27
TABELA 6	Assinatura de revistas e/ou jornais	27
TABELA 7	Maneiras de incentivar à leitura pelos professores	28
TABELA 8	Frequência aos museus e às livrarias	29
TABELA 9	Conceito de leitura	29
TABELA 10	Conceito de biblioteca	30
TABELA 11	Utilização dos serviços da biblioteca	31
TABELA 12	Formação do mediador de leitura nas escolas	32
TABELA 13	Motivos para a formação do mediador de leitura nas escolas	32
TABELA 14	Estágio/trabalho em escolas	33
TABELA 15	Existência de biblioteca na escola	33
TABELA 16	uso das bibliotecas escolares	33
TABELA 17	Utilização e adequação das bibliotecas	34
TABELA 18	Justificativas das respostas sobre a utilização e adequação das bibliotecas	35
TABELA 19	Você se considera um leitor	37
TABELA 20	Frequência e tipos de leitura	38
TABELA 21	Gêneros e frequência de leitura	38
TABELA 22	Uso da internet, pedagogia.	39
TABELA 23	Vivências de leituras dos estudantes	40
TABELA 24	Assinaturas de revistas e/ou jornais	40
TABELA 25	Maneiras de incentivar à leitura pelos professores	41
TABELA 26	Frequência aos museus e às livrarias	41
TABELA 27	Conceito de leitura	42
TABELA 28	Conceito de biblioteca	43
TABELA 29	Utilização dos serviços da biblioteca	44
TABELA 30	Formação do mediador de leitura nas faculdade	44
TABELA 31	Estágio/trabalho em escola	45

TABELA 32	Estágio/trabalho em escola	45
TABELA 33	Uso das bibliotecas escolares	46
TABELA 34	Adequação da utilização da biblioteca	47
TABELA 35	Você se considera um leitor porque?	49
TABELA 36	Frequência e tipos de leitura	50
TABELA 37	Gêneros e frequência de leitura	51
TABELA 38	Uso da internet, Biblioteconomia.	52
TABELA 39	Vivências de leituras dos estudantes	53
TABELA 40	Assinatura de revistas e/ou jornais	53
TABELA 41	Vivências de leituras dos estudantes	54
TABELA 42	freqüência aos museus e às livrarias	54
TABELA 43	Conceito de leitura	55
TABELA 44	Conceito de biblioteca	56
TABELA 45	utilização dos serviços da biblioteca	56
TABELA 46	Formação do mediador de leitura nas faculdade	58
TABELA 47	Estágio/ trabalho em escola	59
TABELA 48	Existência biblioteca na escola	59
TABELA 49	Adequação da utilização da biblioteca	60

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	População do curso de letras_____	18
Figura I.b	População do curso de Pedagogia_____	19
Figura I.c	População do curso de Biblioteconomia_____	19
Figura I.d	Representação dos cursos no Universo_____	20
Figura 2	Respostas sexo letras_____	21
Figura 3	Respostas do questão Você se considera um leitor? _____	21
Figura 4	Respostas para sexo pedagogia_____	36
Figura 5	Leitores e não leitores do curso de pedagogia da UFG_____	36
Figura 6	Respostas sexo biblioteconomia_____	48
Figura 7	Você se considera um leitor_____	49

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1.2. Objetivo Geral</b>	<b>1</b>
1.2.1. Objetivos Específicos	1
<b>1.3. Justificativa</b>	<b>2</b>
<b>2. O CONCEITO DE LEITURA</b>	<b>4</b>
<b>2.1 Leitura como parte do dia-a-dia</b>	<b>5</b>
<b>2.2 Importância da leitura</b>	<b>6</b>
<b>2.3 Leitores nas escolas</b>	<b>6</b>
<b>3. PROFESSORES, FORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE RECURSOS PEDAGÓGICOS</b>	<b>10</b>
<b>3.1 Livro didático como recurso pedagógico</b>	<b>11</b>
<b>3.2 Bibliotecários e auxiliares e sua participação nas escolas</b>	<b>12</b>
<b>4. LEI DA UNIVERSALIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES</b>	<b>15</b>
<b>5. METODOLOGIA</b>	<b>16</b>
<b>6. RESULTADOS DA PESQUISA</b>	<b>18</b>
<b>6.1. Resultados obtidos do curso de Letras</b>	<b>20</b>
<b>6.2. Resultados obtidos do o curso de Pedagogia</b>	<b>35</b>
<b>6.3. Resultados obtidos para o curso de Biblioteconomia</b>	<b>48</b>
<b>7. ANÁLISE CURRICULAR</b>	<b>61</b>
<b>7.1. Ementas do curso de Letras</b>	<b>61</b>
<b>7.2. Ementas do curso de Pedagogia</b>	<b>64</b>
<b>7.3. Ementas do curso de Biblioteconomia</b>	<b>65</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>68</b>
<b>9. REFERÊNCIA</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE A –QUESTIONÁRIO</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE B – TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS LETRAS</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICE C – TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS PEDAGOGIA</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICE D – TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS BIBLIOTECONOMIA</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO A – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE LETRAS (PORTUGUÊS)</b>	
<b>ANEXO B – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA</b>	
<b>ANEXO C – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

A leitura, seja ela formal ou não, está presente no dia-a-dia de toda a sociedade. Ela acontece com interpretação de códigos gráficos, pictóricos, simbólicos ou qualquer outro código utilizado pela sociedade a qual o leitor está inserido. Desta forma, o leitor aprende a ler não apenas na escola, no entanto é na escola que o pensamento crítico e a autonomia para o aprendizado devem se desenvolver.

Contudo, diversas pesquisas apresentam resultados diferentes do esperado desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia, por meio do desempenho dos alunos, da qualidade de ensino, da condição da escola e da biblioteca escolar além das políticas públicas em prol da própria escola e do ensino. Isso torna a realidade escolar brasileira muito aquém do esperado e do ideal, tornando-se um ciclo vicioso, visto que, o fruto dessa escola retorna como educador.

Obviamente, o educador não é a raiz de todo o problema, mas certamente se torna o foco, pois um educador preparado, mesmo em uma escola sem recursos pode despertar mais o pensamento crítico e a atuação social dos alunos do que um educador mal preparado em uma escola cheia de recursos.

Portanto, a formação do educador e o preparo para formação de leitores é o foco deste trabalho que levanta a questão: os alunos dos cursos de Pedagogia, Letras e Biblioteconomia da UFG estão sendo preparados para formar leitores a utilizarem a biblioteca como recurso pedagógico em sua atuação profissional na escola?

### 1.2. Objetivo Geral

Analisar a formação acadêmica dos alunos dos cursos de Pedagogia, Letras e Biblioteconomia da UFG para formação de leitores e utilização da biblioteca como recurso pedagógico em sua atuação profissional na escola.

#### 1.2.1. Objetivos Específicos

- Identificar as vivências de leituras dos alunos do último ano de Pedagogia, Letras e Biblioteconomia da UFG.
- Verificar as concepções dos alunos do último ano de Pedagogia, Letras e Biblioteconomia da UFG a respeito de bibliotecas e leituras.

- Analisar o currículo do curso de Pedagogia, Letras e Biblioteconomia da UFG e a preparação destes futuros profissionais para a formação de leitores e a utilização pedagógica da biblioteca.

### 1.3. Justificativa

A leitura é de fundamental importância na rotina diária, seja nas tarefas mais simples, como pegar ônibus ou ir ao supermercado, e nas mais complexas como ler, entender e assinar contratos ou documentos legais. A leitura está presente em várias atividades, mas não apenas nelas, isto é, a leitura não é útil apenas no desempenho de tarefas e funções (mesmo que estas atividades necessitem de criatividade e interpretação).

A leitura, aos poucos, molda o ser humano e o adapta às diversas situações do cotidiano. Isso porque ela possibilita o desenvolvimento do pensamento crítico, a ampliação dos horizontes e da visão de mundo, o que ocorre em cada indivíduo e consequentemente na sociedade. Para tanto, ressalta-se que é necessário mais do que leituras pontuais, mas uma educação que proporcione todos estes resultados, por meio de um processo longo, que abranja desde a alfabetização e se estenda ao longo da vida. Tal aprendizado extrapola a educação formal, afinal a formação humana advém da convivência em sociedade, ou seja, com toda a vivência e interação entre os indivíduos e o ambiente como um todo.

O aprender a aprender pode ser melhor sistematizado pela educação formal. Afinal é ela que instiga os indivíduos a lerem mais e pensar sobre o que leu, e não se satisfazer rapidamente com qualquer informação. Neste contexto, os professores e profissionais da educação possuem o papel de mediadores<sup>1</sup>. Percebem-se diversos problemas nesse processo de aprendizado, que podem ser constatados, quando se verifica os resultados de pesquisa sobre proficiência em leitura realizado no Brasil. Ao se considerar pesquisas como o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), por exemplo, percebem-se os resultados pífios e o quanto a Escola deve evoluir como um todo, para alcançar os objetivos supracitados.

Então, questionam-se sobre os problemas da formação inadequada dos estudantes na instituição escolar, considerando a leitura como elemento emancipatório e a lei N°. 12.244 de 24 de maio de 2010, sobre a universalização da biblioteca escolar, sancionada

---

<sup>1</sup> Ver FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 23a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

recentemente que torna obrigatória a existência de biblioteca escolar em todas as escolas. Isso porque se percebe que as dificuldades abrangem os problemas políticos, materiais e institucionais e centram-se fortemente na formação dos profissionais da educação. Assim, parece pertinente e relevante questionar como estes profissionais estão sendo preparados para atuar na formação de alunos leitores na sala de aula tradicional, bem como na interação com a biblioteca.

Portanto, a presente pesquisa objetiva analisar se os profissionais da educação estão sendo capacitados adequadamente para lidar com a leitura. Centra-se, portanto, na avaliação dos profissionais da educação formados pela Universidade Federal de Goiás na formação de leitores e do uso adequado das bibliotecas escolares como ferramentas pedagógicas.

Dessa forma, na revisão de literatura, são abordados os tópicos sobre o conceito de leitura, sua importância e presença no cotidiano, a relação da leitura e a escola, a formação de professores e a utilização pedagógica da biblioteca na formação de leitores.

## 2. O CONCEITO DE LEITURA

Quando se pensa na leitura ou ato de ler, defronta-se com um processo complicado, que se estende muito além de mera decodificação do código escrito. Abordar tal processo sem retomar o ponto de vista Freiriano parece ser missão quase impossível. Freire (1981) define em seu célebre livro *A importância do ato de ler* (p. 11) como compreende a tarefa:

(...) processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.

Neste pequeno trecho, o autor demonstra a complexidade da leitura que transcende simplesmente a decodificação, isto é, ele o compreende como um processo mais amplo do que ler e interpretar, que envolve a experiência do indivíduo, para que se possa pensar criticamente e assim formar o próprio conhecimento e visão de mundo.

A compreensão leitora perpassa diversos níveis, que variam desde a decodificação até o seu uso funcional, o qual se denomina Letramento. O letramento é o processo de domínio e controle da leitura e da escrita em situações do cotidiano, que transcende a alfabetização, que por sua vez, refere-se ao domínio do código (a língua portuguesa, por exemplo). Dominar um código significa compreendê-lo e saber como usá-lo, diferente dos casos de muitos analfabetos funcionais, que sabem decodificar um texto escrito, mas não o compreendem.

O letramento não é um processo rápido ou simples, por isso deve ser desenvolvido durante toda a vivência do leitor, extrapolando assim os muros da escola, pois ensina o leitor a aprender. Ao longo desse percurso o aluno se constrói como leitor, adquirindo competências ao passar por vários níveis de leitura. Martins (2004) identifica três níveis de leitura, quais sejam:

- Leitura sensorial: pré-leitura e compreende a identificação das cores, formas, letras, enfim tudo que possa chamar a atenção antes da leitura propriamente dita;
- Leitura emocional: refere ao prazer de ler, que leva em consideração as emoções do leitor.

- Leitura racional: mais relacionada à formação do pensamento crítico e do conhecimento do leitor.

Esses níveis de leitura são importantes e não são excludentes, pois não existe somente um tipo de leitura e muito menos uma única situação de leitura. Afinal, estes níveis podem se misturar em uma mesma leitura. Por exemplo, um leitor pode escolher um livro julgando pela capa, propaganda e/ou autor (leitura sensorial), mas ao mesmo tempo a leitura pode ser extremamente prazerosa (leitura emocional), todavia o leitor pode muitas vezes, fazer uma análise mais profunda do conteúdo ao avaliar criticamente o contexto da leitura (leitura racional). Como exemplo prático, cita-se os textos poéticos de Fernando Pessoa, os quais podem ser interpretados com profundas análises filosóficas e sociais. O leitor de Fernando Pessoa pode passar pelos três níveis de leitura na mesma leitura, assim vê-se que esses níveis são mais sutis e interligados do que normalmente se pensa.

## **2.1 Leitura como parte do dia-a-dia**

Muitas pessoas acreditam que a leitura racional se sobressai sobre os demais níveis, sendo considerada por muitos o único tipo de leitura. Elas supõem que as leituras do cotidiano, presentes nos trechos de jornais, revistas, internet, TV e rádio não são relevantes, nem consideradas leituras. Ao contrário disso, Darnton (1986) apresenta uma perspectiva bem diferente ao relatar partes da história da leitura.

No século dezanove, grupos de artesãos, especialmente fabricantes de charutos e alfaiates, revezavam-se, lendo ou ouvindo um leitor para se manterem entretidos, enquanto trabalhavam. Até hoje, muitas pessoas tomam conhecimento das notícias através da leitura de um locutor de televisão. A televisão pode ser menos um rompimento do passado do que geralmente se supõe. Seja como for, para a maioria das pessoas através da maior parte da história, os livros tiveram mais ouvintes que leitores. Foram mais ouvidos do que vistos. (p.216).

Desta forma, percebe-se que a leitura está muito mais presente no dia-a-dia do que geralmente se supõem. Afinal, a leitura não é apenas para gerar conhecimento, ela pode ser lazer, passatempo, fuga ou encontro com o mundo.

Por causa do distanciamento destas idéias é comum muitos não se considerarem leitores, ao se notar a lacuna existente entre as leituras sensoriais, emocionais e a leitura racional, percebendo esta última, bem distante da realidade vivida. Esse é outro problema, que se estende à escola, visto que se configura no local em que mais se trabalha a leitura racional, bem como gera o preconceito sobre os demais níveis de leitura. Nesse sentido, Freire (1981)

ressalta que a alfabetização deve ser construída em sintonia com o cotidiano dos alunos, perpassando pelos vários níveis de leitura, uma vez que se manter sempre no mesmo nível, ignorando os benefícios dos demais níveis, pode ser prejudicial.

## **2.2 Importância da leitura**

A leitura é peça fundamental do cotidiano, afinal a maior parte da comunicação social é fundamentada na leitura, tanto na interpretação e decodificação de símbolos, cores, códigos, marcas... quanto na estrutura dos diálogos, histórias e idéias que seguem o mesmo padrão de textos escritos.

As pessoas aprendem a ler o mundo por meio do convívio familiar e social. Todavia, a escola também colabora com este aprendizado, apresentando novas perspectivas e pontos de vista. Assim, ela contribui com a formação do pensamento crítico tão necessário aos cidadãos no cumprimento de seus direitos e deveres.

Na formação do pensamento crítico, a leitura racional tem um importante papel, pois possibilita outras leituras e visões de mundo que, normalmente, não seriam apresentados na vivência cotidiana. Por isso, não se pode esquecer que independente do nível de leitura, todas devem ser consideradas como experiências, contribuindo para a formação humana dos leitores. Isso porque é comum a sociedade considerar como leitura apenas a leitura de livros clássicos ou teóricos, recriminando a leitura de auto-ajuda e de literaturas comerciais.

Esta discriminação e preconceito, comuns especialmente na escola e na academia, geram um problema real, que pode culminar com a não variedade dos níveis de leituras pelos leitores e afastam os leitores em formação de um mundo que nem começaram a conhecer, pois não se reconhecem como leitores.

## **2.3 Leitores nas escolas**

Como dito anteriormente, a leitura de mundo é fundamental na vivência e na aprendizagem, a qual se desenvolve pelas experiências e convívio em sociedade. A escola tenta contribuir, formando o leitor com visão crítica de mundo, ao apresentar outros pontos de vista, opiniões e experiências, o que colabora para a formação do pensamento crítico e social. Contudo, devido a inúmeros problemas como a inexistência e/ou ineficácia de políticas públicas para a educação, a formação inadequada de professores e profissionais da educação, dentre outros, faz com que a escola se afaste muito da realidade vivida pelos alunos fora dela.

Um exemplo disso, apresentado no artigo *Mídia, Leitura e Biblioteca Escolar* (GUIMARÃES, 2010) é a distância tecnológica entre a escola e a realidade de muitos alunos. Apesar de não ser a realidade para a maioria, os alunos convivem diariamente com internet, celular, computadores, *softwares*, *e-mail*, *blogs*, *orkut* e uma infinidade de fontes de leitura e produção do conhecimento, mas vivenciam na escola o clássico quadro negro, livro didático, a televisão, o *datashow* (estes dois últimos encarados, muitas vezes, como inovações tecnológicas e pedagógicas), e em poucos casos, contam com laboratório de informática com acesso à internet. Nesse caso, a escola bloqueia inúmeros sites e ferramentas, avaliados como distrações para os alunos durante as aulas, ou seja, nem sempre esses recursos são utilizados com todo o potencial na leitura e na produção de conhecimento.

Isto pode ser constatado ao analisar a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2008) que verifica enorme queda no número de leitores após saírem da escola. Infelizmente, pode ser constatado também resquício de indiferença e aversão, mesmo na obra de pessoas que supostamente se deram tão bem graças à escola. É o caso do escritor e poeta português Fernando Pessoa em seu poema *Liberdade*:

Ai que prazer  
não cumprir um dever.  
Ter um livro para ler  
e não o fazer!  
Ler é maçada,  
estudar é nada.  
O sol doira sem literatura.  
O rio corre bem ou mal,  
sem edição original.  
E a brisa, essa, de tão naturalmente matinal  
como tem tempo, não tem pressa...  
Livros são papéis pintados com tinta.  
Estudar é uma coisa em que está indistinta  
A distinção entre nada e coisa nenhuma.  
Quanto melhor é quando há bruma.  
Esperar por D. Sebastião,  
Quer venha ou não!  
Grande é a poesia, a bondade e as danças...  
Mas o melhor do mundo são as crianças,  
Flores, música, o luar, e o sol que peca  
Só quando, em vez de criar, seca.  
E mais do que isto  
É Jesus Cristo,  
Que não sabia nada de finanças,  
Nem consta que tivesse biblioteca...

Pessoa (2006)<sup>2</sup> mostra quão distante a escola está da vida, afinal mesmo sem tudo isso, o sol continua brilhando e as pessoas continuam vivendo, mesmo que de forma alienada.

Outro exemplo dessa ruptura entre escola e vida pode ser identificada no texto de Carlos Drummond de Andrade (2005)<sup>3</sup>, ao relatar a sua insatisfação diante da Aula de Português:

A linguagem  
na ponta da língua,  
tão fácil de falar  
e de entender.  
A linguagem  
na superfície estrelada de letras,  
sabe lá o que ela quer dizer?  
Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,  
e vai desmatando  
o amazonas de minha ignorância.  
Figuras de gramática, esquipáticas,  
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.  
Já esqueci a língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a prima.  
O português são dois; o outro, mistério.

Neste poema, o autor critica a repressão à língua falada, o preconceito principalmente exercido pela escola. Esta crítica também se compara à crítica de Freire (1981) na qual a alfabetização deve ser construída com elementos do cotidiano do aluno. Drummond expõe a distância da língua cotidiana e da matéria escolar, reforçando a distância entre a escola e a vida real.

Como último exemplo literário desta pesquisa, apresenta-se uma pequena fala do personagem Nilo, da obra “Torvelinho Dia e Noite” de José J. Veiga<sup>4</sup>: “Que escola. Se eu contasse com a escola para aprender a vida, estava ferrado. Essas idéias andam no ar.” O trecho é a resposta de Nilo ao pai, quando este o questiona se o desenvolvimento das opiniões revolucionárias, espertas e inteligentes são frutos da escola.

---

<sup>2</sup> PESSOA, Fernando. Liberdade. In:\_\_\_\_\_. **O guardador de rebanhos e outros poemas**. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 83.

<sup>3</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Aula de português. In:\_\_\_\_\_. **A palavra mágica: poesias**. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 26.

<sup>4</sup> VEIGA, José Jacinto. **Torvelinho dia e noite**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 111.

Estes exemplos mostram que, muitas vezes, a escola tem sido uma obrigatoriedade social, uma vez que as pessoas normalmente não se reconhecem e/ou não reconhecem uma utilidade social para continuar com os estudos e a leitura fora da escola. Fato este que reforça os dados de Retratos da Leitura no Brasil.

Diante desses dados, cabe analisar o papel dos educadores e da escola nesse contexto, visto que são deles o principal dever de estimular os alunos a lerem e a desenvolverem o pensamento crítico, fazendo com que a educação formal seja mais interligada ao cotidiano e à realidade dos alunos.

### 3. PROFESSORES, FORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE RECURSOS PEDAGÓGICOS

Da mesma forma que a leitura, a formação profissional ocorre ao longo de anos, dentro e fora da escola, desenvolvendo-se na faculdade, espaço de construção dos requisitos básicos para o desempenho de determinada profissão. Isto é, o curso superior não fornece todo o conhecimento necessário, afinal existem condições para entrar no curso superior, o que justificam os vestibulares, e, posteriormente ao ensino superior, os cursos de formação continuada e de atualizações elementos importantes na permanência no mercado de trabalho.

Entretanto, existem falhas no processo, como dito anteriormente, a escola está distante da realidade dos alunos e se somando a isto, há os problemas com políticas, verbas, ferramentas pedagógicas inexistentes ou mal utilizadas, os problemas sociais, dentre outros. Como consequência disso, verifica-se os resultados medíocres em pesquisas como as do PISA<sup>5</sup>, mostrando os baixos índices de proficiência em leitura e os baixos resultados no aprendizado dos alunos.

Não pode ser esquecido que são os alunos que vão para a faculdade e, muitas vezes, retornam às escolas como professores, dando continuidade a um círculo vicioso, no qual os alunos que não tiveram acesso a outros recursos além do livro didático e do quadro negro, agora são exigidos a utilizem inúmeros recursos desconhecidos. Desta forma, cabe à universidade e à formação continuada tentar romper o círculo e dar início a outros menos viciosos e mais virtuosos.

Na tentativa de mudar este ciclo, inúmeros autores discutem e analisam a formação do professor e quais as competências para o bom desempenho da profissão, todavia não existe um consenso sobre estas competências. Neste ponto, retoma-se novamente Freire (1996) no livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, no qual ele defende que o processo educativo não é a mera transmissão de conhecimento ou treinamento. Aos educadores e à escola cabe o desenvolvimento crítico e autônomo de cidadãos, isto é, a escola deve transmitir o conhecimento humano e cultural da sociedade, mas também deve mostrar ao aluno como pensar criticamente sobre este conhecimento e ser autônomo para buscar mais do que a escola ensina e ser capaz de influir e contribuir com a sociedade em que está inserido e no conhecimento gerado por ela.

Para que este objetivo seja alcançado são necessários vários recursos além do livro didático e do quadro negro, o aluno deve ter autonomia para buscar suas leituras em diferentes

---

<sup>5</sup> Fazer a referência de <[http://www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/Relatorio\\_PISA2006.pdf](http://www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/Relatorio_PISA2006.pdf)>.

meios e reconhecer a importância dos diferentes tipos e níveis de leitura. Os educadores também devem ter estas habilidades, para estimularem a curiosidade dos alunos e também terem autonomia para buscar sempre o próprio crescimento.

### 3.1 Livro didático como recurso pedagógico

O livro didático é o mais clássico recurso pedagógico das escolas brasileiras, especialmente quando nos referimos à educação básica. Boa parte do planejamento pedagógico é concentrado no livro didático que trás o roteiro das matérias a serem vistas e, algumas vezes, referências de pesquisa e leituras como complementos aos assuntos tratados em sala de aula.

Esse recurso do livro didático pode trazer resultados graves, dependendo da forma como é utilizado pelos alunos e professores. Apesar de parecer contribuir com o ensino e emancipação do aluno, conduzindo-o à pesquisa e à leitura de outras fontes, o livro didático também conduz ao que “deve ser aprendido”, visto que junto com as sugestões de leitura, ele fornece o roteiro do que deve ser observado na leitura, propõe perguntas aos textos lidos e ainda fornece ao professor e aos alunos as respostas esperadas. Isto traz cada vez mais dependência ao livro didático, reforçando os argumentos de Freire.

O livro didático tem o objetivo de “padronizar” o ensino, que tem se tornado mais popular e necessário desde 1808 com a vinda da corte portuguesa ao Brasil<sup>6</sup>. Os textos de Magda Soares (2001) e Ana Maria de Oliveira (2001) discutem a relação de dependência do professor-leitor e do livro didático durante a história da educação brasileira.

O estudo desenvolvido por Gasque e Costa (2003) reforça a dependência do professor ao livro didático, visto que esta é a principal fonte de pesquisa e de leitura para o planejamento das aulas, ficando a biblioteca entre as últimas opções para a pesquisa. As autoras concluem que estes argumentos não contradizem a utilização do livro didático como importante recurso pedagógico, todavia ele não é e não deve ser a única opção de estudo para os alunos e professores. O uso de múltiplos recursos deve ser utilizados e, mais importante, a

---

<sup>6</sup> GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura de professores e professoras: o que diz a historiografia da educação brasileira. In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Belo Horizonte, MG: Ceale, Mercado das letras, 2001. p. 77-118.

SOARES, Magda. O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Belo Horizonte, MG: Ceale, Mercado das letras, 2001. p. 31-76.

formação para os professores usarem as melhores estratégias tirarem o máximo de proveito desses recursos deve ser contínua.

### **3.2 Bibliotecários e auxiliares e sua participação nas escolas**

Como defendido anteriormente, vários recursos pedagógicos devem ser utilizados na escola, entre eles, a biblioteca é um importante recurso. No entanto, a situação da biblioteca escolar chega a ser mais caótica que a situação da escola. As bibliotecas em diversas escolas não existem e quando existem, muitas vezes, não passam de sala de aula, banheiro mal adaptado ou armário trancado, em que a chave quase nunca é encontrada, como apresenta Silva (1995), no livro “Miséria da biblioteca escolar”:

De fato, quando existem nas escolas espaços denominados bibliotecas, estes não passam, na maioria dos casos, de verdadeiros depósitos de livros ou, o que é pior, de objetos de natureza variada, que não estão sendo empregados no momento, seja por estarem danificados, seja por terem perdido sua utilidade. Às vezes, a “biblioteca” é um armário trancado, situado numa sala de aula a qual os alunos só tem acesso se algum professor se dispõe a abri-lo... quando a chave é localizada (p. 13)

Nesta descrição, Silva (1995) apresenta o estado deplorável das bibliotecas escolares, bem como a falta de profissionais com formação adequada para gerenciá-las. Pelo fato de não existir o cargo de bibliotecário em diversos municípios e estados brasileiros, as bibliotecas são “cuidadas” por auxiliares administrativos ou professores, que por algum motivo, não conseguem mais estar em sala de aula.

Estes profissionais, por não serem qualificados, executam um trabalho, que pode ficar muito aquém do ideal. Nesse caso, não é difícil encontrar profissionais que acreditam que os livros devem ser estritamente conservados, o oposto de lidos e utilizados pelas crianças. Este paradigma, dos livros como patrimônios a serem guardados, complica ainda mais a situação, pois quando existe acervo, muitas vezes, ele não está acessível ao usuário.

Outro ponto importante referente à falta de qualificação dos profissionais que trabalham na biblioteca é a distância cada vez maior entre a biblioteca e a sala de aula. Isso porque estes profissionais nem sempre sabem utilizar todo o potencial dos recursos e assim, não conseguem auxiliar adequadamente os professores, que muitas vezes não conhece esta importante ferramenta pedagógica e a forma mais adequada de utilizá-la.

Todavia, a contribuição dos bibliotecários não pode ser considerada sempre exemplar. Sobre isso, Silva (1995) relata que a maior parte da produção científica de

Biblioteconomia é voltada para tecnologia e o mercado empresarial, deixando ainda mais abandonada a quase órfã biblioteca escolar.

Este problema não alcança apenas a produção científica, a maior parte dos profissionais bibliotecários parece não ter interesse pela atuação na educação básica. E quando o interesse ocorre, muitas vezes tardiamente e já no mercado de trabalho, normalmente o profissional impõe códigos e normas rígidos e distantes da realidade dos usuários (SILVA, 1995). Isto é, o bibliotecário se concentra muito mais no tratamento do acervo, do que em sua utilização, disseminação e acesso aos professores e alunos, procurando uma posição mais cômoda dentro da biblioteca, deixando de participar mais efetivamente da formação dos alunos e da atuação profissional dos docentes.

Esta ação dos bibliotecários somada ao baixo desempenho dos vários tipos de bibliotecas e dos profissionais não qualificados que atuam nelas, apagam e escondem o enorme potencial desta importante ferramenta pedagógica, tornando-a quase dispensável na formação acadêmica e na vivência social dos alunos e educadores. Estes resultados não apagam a importância das bibliotecas, normalmente reconhecida por todos, mas a retiram da convivência social, tornando-a quase a última opção. Sendo buscada apenas em grande necessidade, não a reconhecendo como fonte de aprendizagem, cultura e lazer.

O distanciamento entre a biblioteca escolar e o professor ajuda a explicar os resultados obtidos por Leahy (2006), que descreve suas experiências durante o período em que atuou dentro da biblioteca de escolas públicas com trabalhos de leitura. De acordo com ela, os trabalhos apresentaram bons resultados, mas por outro lado, mostram a falta de integração da biblioteca com a escola. Um exemplo é o desinteresse dos professores pelas atividades que ocorrem na biblioteca.

Quanto às professoras, do início ao fim do projeto, continuaram alheias ao que se passava na biblioteca, sem exceção, recusando os convites para participar das atividades de leitura junto com seus alunos, perdendo, assim excelentes oportunidades de interação, integração e conhecimento não-estereotipado de seus alunos. (LEAHY, 2006, p. 36).

Nesse sentido, o desinteresse dos demais profissionais atrapalha o trabalho e os projetos, os quais são interrompidos, fazendo com que as aulas e a biblioteca retomassem a rotina antiga.

Estes problemas causam distanciamento entre a biblioteca e a escola, isto é, na tentativa de manter o projeto e o trabalho, a biblioteca se afastava espontaneamente das decisões e projetos pedagógicos:

Foi com alívio que me vi dispensada das reuniões do conselho de classe, já que não havia avaliação formal em minhas atividades. Com isso, esvaziei ainda mais minha presença docente no espaço escolar, permitindo com minha ausência, que algumas injustiças acontecessem: foram reprovados alunos que eram leitores competentes, mas que ainda não dominavam certas abstrações matemáticas, ou não sabiam conjugar verbos defectivos... (LEAHY, 2006, p. 37).

Esta separação pode trazer sérias conseqüências em especial aos alunos, afinal em um trabalho conjunto, a leitura e a biblioteca podem ser importantes ferramentas no auxílio ao aprendizado de varias matérias não só à língua materna.

#### **4. LEI DA UNIVERSALIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES**

Com a aprovação da lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010 sobre a universalização da biblioteca escolar, tenta-se reverter muito do quadro drástico acima descrito. Contudo, a lei estabelece um longo prazo de adaptação e só normaliza a presença do bibliotecário e a quantidade do acervo não especificando maiores detalhes, como por exemplo, o espaço destinado à biblioteca.

Esta lei pode ser compreendida como reconhecimento da importância da biblioteca escolar, afinal renasce um assunto que normalmente pouco abordado. Mas a lei sozinha não resolverá todos os problemas, pois é bem vaga quando se refere ao funcionamento deste setor cabendo à escola, aos profissionais e à sociedade como um todo ditar a utilização adequada deste meio. Mais ainda, a questão do uso da biblioteca escolar relaciona-se muito com a concepção pedagógica vigente e dessa com a formação dos professores, daí a questão ser muito mais complexa do que parece.

Neste ponto, retoma-se a questão proposta pelo trabalho, ressaltando a relevância em analisar como a faculdade atua na formação dos profissionais da educação para que estes possam trabalhar adequada e conjuntamente na formação de alunos leitores e na utilização deste importante recurso pedagógico.

## 5. METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória quali-quantitativa, isto é, releva as opiniões e respostas dos pesquisados de acordo com o ambiente em que está inserido, contudo também considera os valores e resultados estatísticos associando as duas características para compor o resultado final da pesquisa<sup>7</sup>. Essa pesquisa busca verificar a formação dos alunos, futuros profissionais da educação, para atuar na formação de leitores nas escolas e na utilização de importantes recursos pedagógicos como, por exemplo, a biblioteca. Foram escolhidos os cursos de Letras Português - Licenciatura, Pedagogia e Biblioteconomia, pois são os três cursos mais associados à formação e disseminação de leituras nas escolas. A UFG foi escolhida, primeiramente por ser a única Universidade de Goiânia a possuir os três cursos em seu Campus e, em segundo para privilegiar o local de origem deste trabalho.

A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de questionários<sup>8</sup>, um conjunto de questões que melhor se aplica a esta pesquisa, pois permite registrar inúmeras respostas de diferentes pessoas ao mesmo tempo sendo compatível e mais apropriada à esta pesquisa e ao universo definido. O questionário foi composto por 13 questões, sendo 7 perguntas abertas e 14 fechadas, isto é 3 questões se subdividem em questão aberta e fechada, ou mais de uma questão fechada no mesmo item. Elas objetivam verificar as relações dos estudantes dos cursos de Letras Português Licenciatura, Pedagogia e Biblioteconomia da UFG, com as leituras na infância, na escola e na família, isto é, suas vivências de leitura, além das opiniões e conceitos sobre leitura e a biblioteca.

Os questionários foram aplicados aos estudantes do 8º período desses cursos. Houve problemas para definir exatamente o número de alunos dos períodos, pois nem todos os alunos estão matriculados na mesma disciplina e/ou turno, ou com mesmo professor. Em Biblioteconomia, na ênfase organizacional<sup>9</sup> os alunos estão matriculados por professor, o que

---

<sup>7</sup> SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Laboratório de Ensino a Distância, 2001. Disponível em: <<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>>. Acesso em: nov. 2009.

<sup>8</sup> GUNTHER, Hartmut. Como elaborar um questionário. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003. Disponível em: < <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/393/446> >. Acesso em: 28 jun. 2010.

<sup>9</sup> O Curso de Biblioteconomia, a partir do quarto período possuem disciplinas específicas, focadas em duas ênfases diferentes. A ênfase Educacional e Cultural, que foca a especialização no ensino, formação e disseminação cultural na sociedade. E a ênfase Organizacional focada no tratamento e disseminação da

inviabiliza a recuperação de uma única lista, visto que a maior parte dos alunos possui dois orientadores, um para estágio supervisionado e outro para TCC2. Outro fator que dificultou foi o fato de alguns alunos da ênfase organizacional possuir orientadores da ênfase educacional e vice-versa.

Em Pedagogia, foi complicado definir o número de alunos cursando o 8º período, pois alguns alunos cursaram as disciplinas no período anterior, no 7º período. Portanto, nas salas de aulas, foram encontrados estudantes do 7º período antecipando a matéria enquanto estudantes do 8º não estavam presentes, muito menos matriculados, pois já cursaram a disciplina no semestre anterior.

Em Letras, houve igual problema, agravado por alunos que não possuem um turno específico em sua matrícula, quer dizer, ou estão matriculados nos dois turnos ou cursam alguma disciplina em turno diferente do turno matriculado. Por isso, foi adotado um número simbólico do valor aproximado de alunos que ingressaram no curso em 2007, ano de início das turmas pesquisadas. Assim, considerou-se o Universo de 30 alunos para o curso de Biblioteconomia<sup>10</sup>, 35 alunos por turma do Curso de Pedagogia, contabilizando um total de 140 alunos (duas turmas de 35 estudantes por turno) e 40 estudantes para o Curso de Letras – Licenciatura, matutino e 45 para o curso de Letras – Licenciatura, Vespertino.

Na segunda etapa, as ementas do currículo acadêmico destes cursos foram analisadas e verificadas quais disciplinas e como estas preparam os alunos para atuar na formação de leitores e na utilização de recursos pedagógicos, como a biblioteca em prol deste objetivo. Para tanto, consideraram-se as respostas dadas pelos estudantes do último período nos referidos questionários.

---

informação em empresas e indústrias. Os alunos neste período escolhem a ênfase e uma especialização aproximada ainda dentro da faculdade.

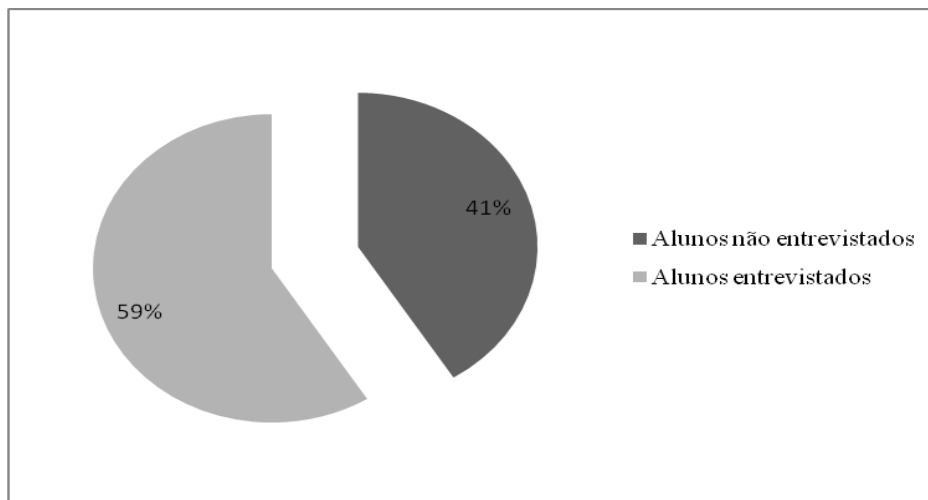
Universidade Federal de Goiás. Faculdade de comunicação e Biblioteconomia. **Biblioteconomia**. Disponível em: <[http://www.facomb.ufg.br/biblioteconomia/?menu\\_id=3015&pos=esq&site\\_id=74](http://www.facomb.ufg.br/biblioteconomia/?menu_id=3015&pos=esq&site_id=74)>. Acesso em: 2 out. 2010.

<sup>10</sup> Os valores adotados para o Universo são menores que as turmas que ingressam hoje na faculdade, pois refere-se aos números anteriores às políticas do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Brasil. Ministério da Educação. **Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**. Disponível em: <[http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=25&Itemid=28](http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=25&Itemid=28)>. Acesso em: 2 out. 2010.

## 6. RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com os estudantes do 8º período dos cursos de Letras Licenciatura Português, Pedagogia e Biblioteconomia da UFG. O questionário é composto por 13 questões variando entre abertas e fechadas que buscam definir as vivências de leituras dos estudantes dentro e fora da faculdade e seus conceitos e opiniões sobre leitura e a instituição biblioteca.

Foram respondidos 56 questionários pelos estudantes do curso de Letras nos dois turnos, como pode ser observado na figura I. No curso de pedagogia, foram respondidos 75 questionários nos dois turnos, figura I.b, e 21 questionários pelos estudantes de Biblioteconomia matutino<sup>11</sup> como apresentado na figura I.c, a representação de cada curso no universo pesquisado, 152 estudantes, pode ser observado na figura I.d.

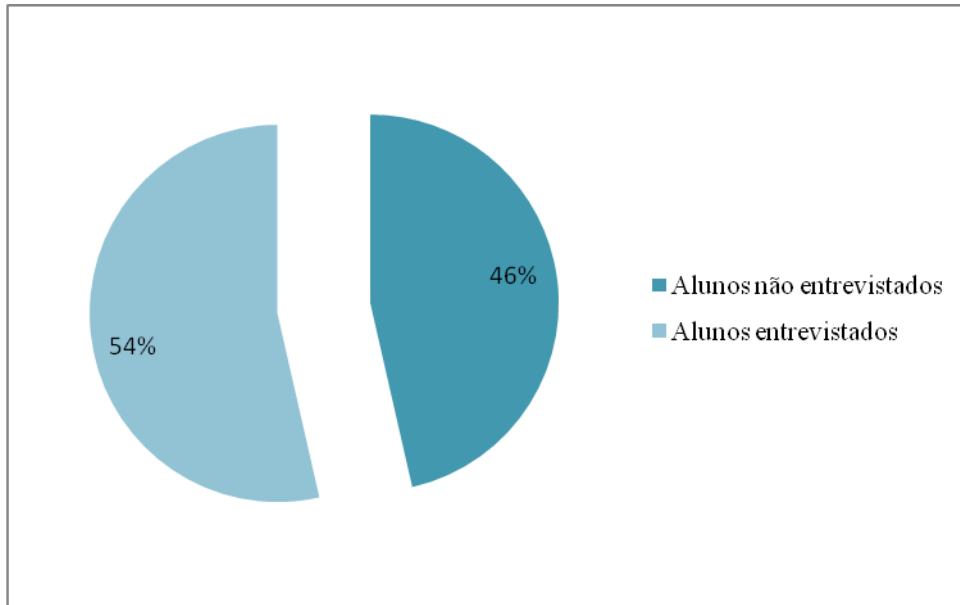


*Figura 1: População do curso de letras*

*Fonte: Elaboração própria*

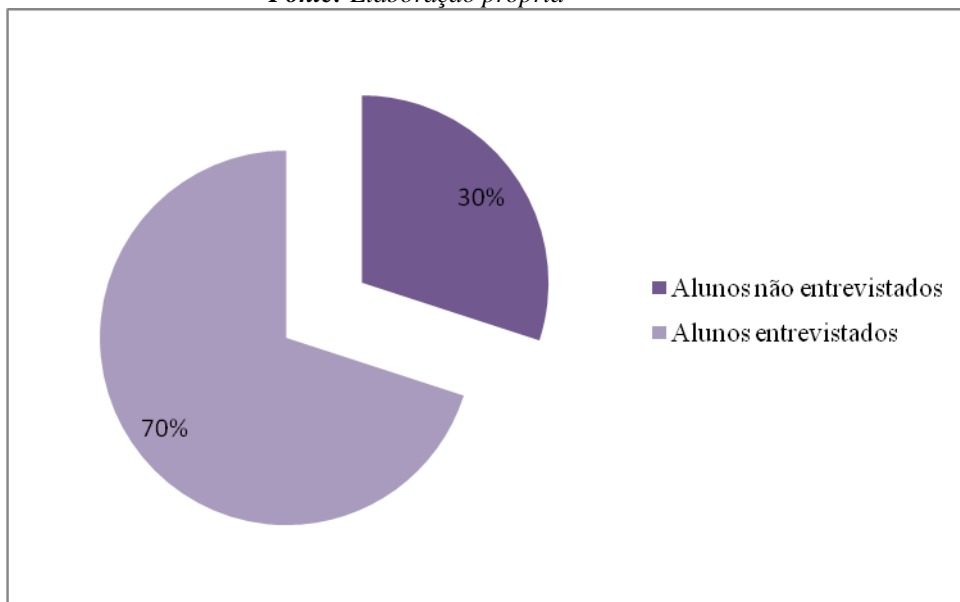
---

<sup>11</sup> Existe apenas este turno para o curso de Biblioteconomia.



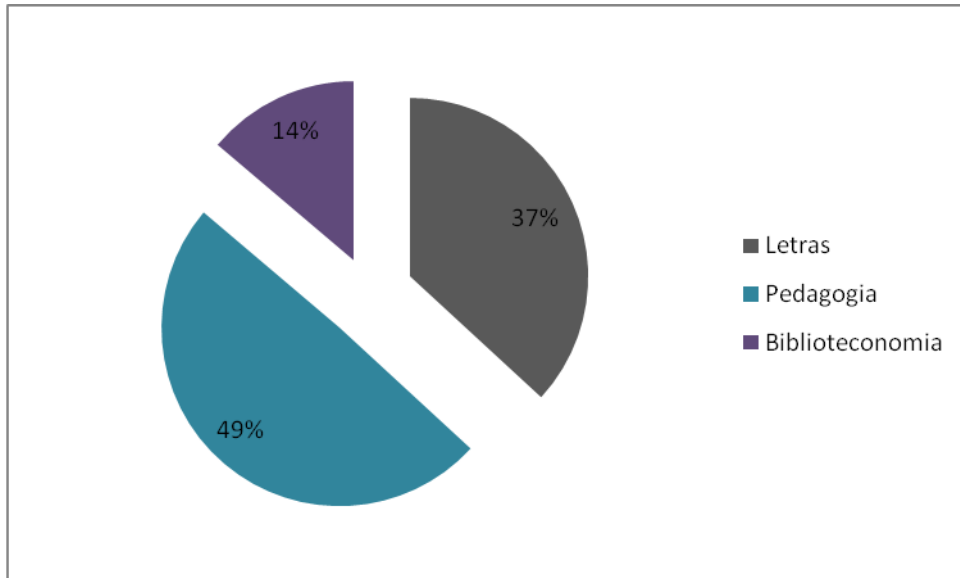
**Figura I.b: População do curso de Pedagogia**

*Fonte: Elaboração própria*



**Figura I.c: População do curso de Biblioteconomia**

*Fonte: Elaboração própria*



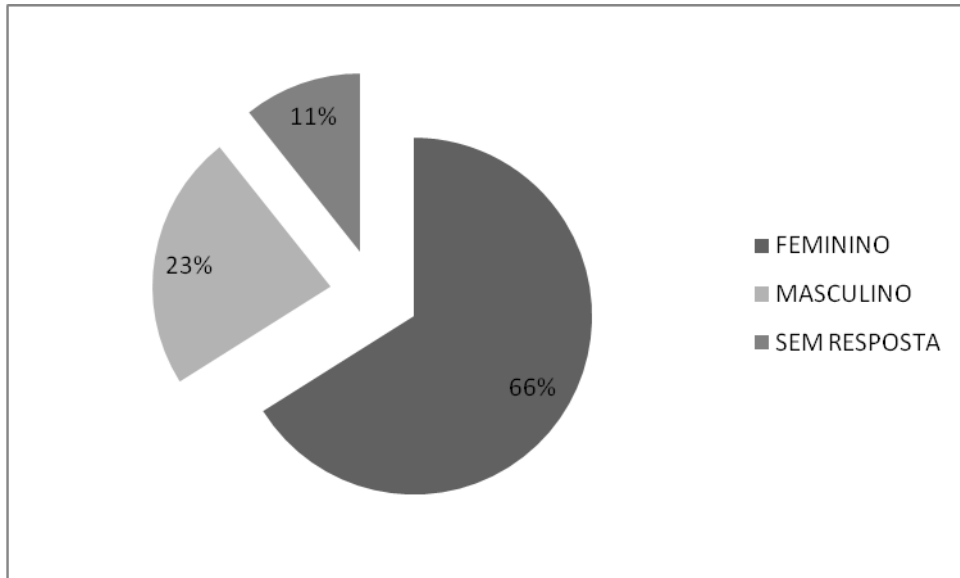
**Figura 1.d: Representação dos cursos no Universo**

*Fonte: Elaboração própria*

A pesquisa realizada nos cursos alcançou uma amostra maior que 50 por cento do universo definido, tornando-se uma amostra representativa do universo. A partir do próximo tópico, os resultados são apresentados por curso, isso para verificar as ações, conceitos e formações separadamente montando assim o perfil dos profissionais de cada curso.

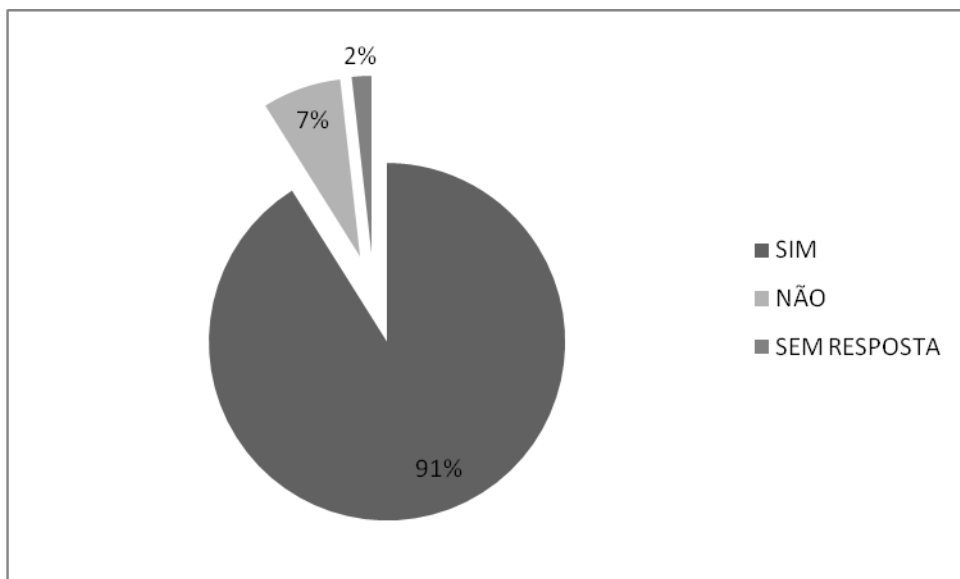
### **6.1. Resultados obtidos do curso de Letras**

No curso de letras da UFG, na população estudada, observa-se que 66,07% dos questionários foram respondidos por mulheres; 23, 21% por homens e 11% não identificaram o sexo. A quantidade de declarantes femininos é quase três vezes maior que a quantidade de declarantes masculinos. Estes dados podem ser visualizados na figura 2, a seguir:



**Figura 2: Respostas sexo letras**  
 Fonte: Elaboração própria

A segunda pergunta do questionário refere-se à opinião dos estudantes sobre se consideram ou não leitores. Observa-se que 51 respondentes do curso de letras se consideram leitores, 4 não se consideram leitores e 1 não respondeu a questão. Os dados são apresentados na figura 3.



**Figura 3: Respostas do questão Você se considera um leitor?**  
 Fonte: Elaboração própria

Na figura 3 acima, notamos que 91,06% dos estudantes afirmam serem leitores, no entanto ainda encontramos 7,15% que se declaram não leitores e 1,79% que não responderam. Deste modo, percebe-se que mesmo após todas as leituras e a formação acadêmica, ainda encontramos quatro estudantes que não se consideram leitores.

O desmembramento desta pergunta no questionário identifica os motivos dos respondentes se considerarem leitores. A tabela 1 apresenta os motivos<sup>12</sup> dos que se considerarem ou não leitores, e estes são os mais variados. Os mais citados foram: o gosto pela leitura, o hábito de ler e a necessidade do cotidiano.

<b>PORQUE</b>		
Gosto de ler	13	23,21%
Hábito da leitura	12	21,43%
Leio livros literários	6	10,71%
Necessidade do cotidiano	29	51,79%
Leituras diversas	10	17,86%
Opinião Crítica	3	5,36%
Diversão e lazer	3	5,36%
Leitura obrigatória	3	5,36%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	1,79%

**Tabela 1: Você se considera um leitor**

**Fonte:** Elaboração própria

Partindo da definição de Martins (2004), os conceitos de Darnton e Guimarães (2010) a grande maioria dos estudantes de Letras reconhecem a presença e a importância da leitura no cotidiano, através das respostas registradas na tabela 1. Contudo, notou-se preconceitos em leitura, não apenas nos que não se consideram leitores, mas também no que se consideram leitores. Quanto a esses, consideram leitura apenas a leitura literária, de clássicos, ou a Leitura Racional<sup>13</sup> definida por Martins (2004) desconsiderando as demais leituras, que são consideradas inferiores. Para os que não se consideram leitores, o preconceito está na não identificação de si próprios como leitores, mesmo com toda a carga teórica dos cursos. As justificativas para não se considerarem leitores foram: realização de leitura obrigatória<sup>14</sup> e a falta de tempo para a leitura. Nestes casos, os estudantes não consideraram as leituras do cotidiano, ignorando a presença e importância que as leituras possuem em suas vidas. Isso causa estranheza visto que são acadêmicos e se tornarão professores em breve, os quais usarão a leitura como uma das principais ferramentas no cotidiano escolar.

<sup>12</sup> Todas as questões abertas não possuem um número fechado de respostas de acordo com a amostra, porque alguns alunos responderam mais de um motivo enquanto outros não responderam todos os itens.

<sup>13</sup> A tabulação detalhada pode ser verificada no Apêndice B.

<sup>14</sup> Apesar de esta opção ser mais comum entre os que se consideram não leitores, também houve um leitor declarado que considerou a leitura obrigatória, uma leitura e um motivo para se considerar leitor.

Na terceira questão do questionário, são levantados os motivos de leituras dos estudantes e a frequência com que elas ocorrem. Os resultados mostram que os motivos de leitura mais frequentemente realizados são a necessidade do cotidiano e a informação. A leitura realizada com a menor frequência foi a leitura referente a diversão e lazer, como se observa na tabela 2 abaixo.

TIPOS DE LEITURA, LETRAS														
Motivos de leitura	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Curiosidade	24	42,86%	8	14,29%	10	17,86%	4	7,14%	1	1,79%	2	3,57%	
Diversão/lazer	15	26,79%	17	30,36%	8	14,29%	3	5,36%	4	7,14%	1	1,79%	1	1,79%
Necessidade do cotidiano	40	71,43%	12	21,43%	2	3,57%	1	1,79%						
Informação	34	60,71%	8	14,29%	3	5,36%	1	1,79%	1	1,79%	1	1,79%		
Outros	8	14,29%	5		2		4		3				1	1,79%

**Tabela 2: Frequência dos diversos tipos de leituras**

Fonte: Elaboração própria

A tabela apresenta a maior parte dos alunos praticam diferentes tipos de leitura e em alta frequência, visto que a maior parte das respostas se concentram nas frequências diárias e 2 ou 3 vezes por semana. Reafirma assim o paradoxo ocorrido na questão anterior. Outro fator importante pode ser notado nos números maiores de respostas concentrados na leitura por informação e pela necessidade do cotidiano, fato que remete às leituras por estudo, relacionadas à grande carga teórica do curso da faculdade. A menor frequência dedicou-se à leitura por diversão e lazer que tanto pode estar associada à falta de tempo devido à rotina atarefada do fim do curso bem como ao pouco interesse de dedicar-se à leitura nos momentos de lazer.

A quarta questão está relacionada aos documentos lidos pelos alunos, os quais abrangem diferentes gêneros de leituras e a frequência com que ocorrem. Verifica-se que o gênero mais frequentemente lido pelos alunos de letras foi o gênero literário, seguido pelas, Revistas de generalidades e especializadas, mas com índice e frequência bem menores que a literatura. O Gênero com o menor índice de leitura foi o textos científico, contudo as frequências são altas ficando atrás apenas do gênero literário. Os dados podem ser observados na tabela 3.

FREQUÊNCIA DE LEITURA, LETRAS														
Leituras	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	<b>Quadrinhos</b>	5	8,93%	11	19,64%	12	21,43%	3	5,36%	7	12,50%	4	7,14%	8
<b>Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)</b>	4	7,14%	7	12,50%	12	21,43%	11	19,64%	12	21,43%	5	8,93%	1	1,79%
<b>Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)</b>	15	26,79%	10	17,86%	15	26,79%			3	5,36%	7	12,50%	1	1,79%
<b>Revistas especializadas (Galileu, Superinteressante, Nova Escola, Exame...)</b>	1	1,79%	4	7,14%	9	16,07%	10	17,86%	11	19,64%	12	21,43%	5	8,93%
<b>Livros de literatura</b>	26	46,43%	18	32,14%	4	7,14%	1	1,79%	4	7,14%	3	5,36%		
<b>Textos científicos</b>	16	28,57%	14	25,00%	3	5,36%	4	7,14%	5	8,93%	5	8,93%	2	3,57%

Tabela 3: Frequência dos diversos gêneros de leitura

Fonte: Elaboração própria

O primeiro tipo de gênero apresentado aos sujeitos foi o quadrinho. Ele se mostrou bem popular entre os estudantes de ambos os sexos, alcançando 50 respondentes dos 56 pesquisados (89,29% da amostra). Este dado demonstra a crescente popularização destas obras, mas novamente remete aos preconceitos de leituras, comentado anteriormente. Isto porque boa parte das justificativas envolveram as leituras formais e úteis ao desempenho das tarefas cotidianas, em detrimento das opções “gosto pela leitura” e “diversão e lazer”, as quais resultaram apenas em 23,21% da amostra (13 alunos), demonstrando assim que a maior parte dos alunos não as consideram leituras formais. Os quadrinhos, normalmente, estão associados à leitura emocional, pouco valorizada na academia.

No que concerne às revistas, elas são bem populares apresentando altos índices, todavia a frequência de leitura foi menor mostrando que mesmo com a popularidade a frequência de leitura predominante é mensal, isto é, em torno de uma ou duas vezes por mês. Na tabulação dos questionários, notou-se uma observação: uma aluna registrou que a prática da leitura sem aquisição do documento acessando-o em outros locais, em bibliotecas, por exemplo, contudo não foi especificado o local de acesso.

A leitura de jornais ocorre com alta frequência, variando normalmente entre a leitura diária e a leitura semanal. O índice de leituras de revistas especializadas atingiu 92,86% da amostra pesquisada, apresentando uma frequência com variação entre a leitura mensal até a leitura semestral como a prática da leitura das revistas de generalidade.

Os dois últimos tipos de leitura foram Literatura e textos científicos, os quais geram índices surpreendentes. A leitura de literatura atingiu 100% da amostra, mesmo para o curso de Letras - Licenciatura não era esperado um índice tão alto. Já a leitura de textos científicos atingiram o índice de 87,5% da amostra, mesmo sendo um alto índice, esperava-se resultado maior, visto que os estudantes estão concluindo a faculdade e necessitam de estudo e leitura para a conclusão do curso.

Os gêneros lidos na internet foram pesquisados separadamente, afinal este meio pode propiciar resultados diferentes das leituras usuais. Os resultados mostram que a leitura mais frequentemente na internet foi o e-mail e a menor frequência de leitura foram os sites de relacionamento. Os dados podem ser observados na tabela 4.

USO DA INTERNET, LETRAS														
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	e-mail	47	83,93%	5	8,93%	3	5,36%							
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...	25	44,64%	12	21,43%	6	10,71%	1	1,79%	2	3,57%	2	3,57%	2	3,57%
e-books	4	7,14%	8	14,29%	5	8,93%	2	3,57%	4	7,14%	8	14,29%	18	32,14%
Artigos Científicos	9	16,07%	7	12,50%	1 2	21,43%	4	7,14%	4	7,14%	11	19,64%	3	5,36%
Sites de relacionamento	17	30,36%	13	23,21%	4	7,14%	2	3,57%					10	17,86%

**Tabela 4: Frequência de gêneros lidos na internet**

Fonte: Elaboração própria

Em relação à Internet, os maiores e mais frequentes índices foram registrados em relação à leitura de e-mails alcançando 98,21% da amostra, com uma frequência variando da “Leitura diária” (os maiores índices) até com o mínimo de “uma vez por semana”. As leituras de reportagens, jornais e revistas eletrônicas ficaram com 85,71% da amostra, mas com frequências bem diferentes com predominância entre a “leitura diária” e a “leitura semanal”. Reafirma-se algumas das respostas dos primeiros itens, cujos motivos das leituras decorrem da necessidade do cotidiano, como as leituras por informação.

Em relação aos e-books<sup>15</sup>, apenas 50% dos estudantes declaram lê-los. As frequências de leituras foram bem variadas, enquanto os maiores índices foram marcados na opção “nunca”, que atingiu sozinha 32,14% da amostra. No entanto, durante a aplicação dos questionários, vários alunos tiveram dúvidas sobre a definição deste item e muitos não quiseram perguntar, soltando expressões como “ah! Se eu soubesse teria marcado outra opção...” ou “ah! Era isso, nossa já li vários...” após ouvirem as explicações para as perguntas de alguns colegas que questionaram antes de responder. O interessante é que fato não apareceu no pré-teste.

A leitura de artigos científicos atingiu 82,14% da amostra, um pouco menor que a leitura de textos científicos, mas com números bem próximos. A diferença permaneceu mais na frequência de leitura. As leituras de textos científicos se concentraram nas maiores frequências entre “a leitura diária” e a “leitura de 2 a 3 vezes por semana”, a leitura de artigos científicos na rede, por sua vez, teve uma frequência bem diluída com os maiores índices em “leituras semanais” e no caso da amostra feminina, nas “leituras semestrais”.

Os sites de relacionamentos apresentaram 64,29% da amostra com frequências altas de acesso, os maiores índices foram as “leituras diárias” e as “leituras de 2 a 3 vezes por semana”. Estes últimos dados demonstram a aproximação dos alunos com a internet<sup>16</sup>, o qual pode se tornar importante ferramenta de leitura e trabalho.

A quinta questão do questionário avalia as vivências de leitura dos estudantes antes de ingressarem na faculdade, isto é, as vivências com a família e a escola. A tabela 5 apresenta a frequência de leitura da família, os incentivos de leitura nas aulas de português e de outras matérias e a frequência de utilização das bibliotecas escolares e/ou públicas<sup>17</sup>. Observa-se na tabela que a opção com maior índice com a frequência diariamente são nas aulas de Português, isto reforça a afirmação de a leitura ainda estar intensamente ligada à escola e à aula de Português.

---

<sup>15</sup> Refere-se aos livros eletrônicos, com tendência ao crescimento na rede especialmente após o lançamento da *Kindle* da *Amazon*. Um aparelho que armazena cerca 1500 e-books.

<sup>16</sup> A pesquisa não especifica a posse, apenas o acesso à estes meios de comunicação.

<sup>17</sup> Não houve diferenciação entre os vários tipos de bibliotecas no questionário, pois buscava-se as concepções mais gerais sobre o uso de bibliotecas e não o acesso a uma específica como por exemplo a biblioteca universitária do Sistemas de Bibliotecas da UFG. Esta opção também foi feita para não confundir os pesquisados ou influenciar suas respostas, caso decidissem questionar ou discutir sobre estes critérios de classificação.

LEGENDA DE FREQUÊNCIA, LETRAS														
frequência membros de sua família	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
		11	19,64%	13	23,21%	6	10,71%	2	3,57%	5	8,93%			12
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura	16	28,57%	9	16,07%	10	17,86%	3	5,36%	4	7,14%	3	5,36%	8	14,29%
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura	10	17,86%	7	12,50%	3	5,36%	3	5,36%	2	3,57%	4	7,14%	19	33,93%
frequência você UTILIZAVA a biblioteca	6	10,71%	16	28,57%	13	23,21%	5	8,93%	1	1,79%	5	8,93%	4	7,14%

Tabela 5: Vivências de leituras dos estudantes

Fonte: Elaboração própria

Pela tabela pode se observar que 69,64% das famílias possuíam leitores com as mais variadas frequências de leitura, enquanto apenas 21,43% da amostra responderam que não havia leitores na família. As opções mais assinaladas estão entre a “leitura diária e a semanal”. Este dado mostra que boa parte dos estudantes possuía exemplos de leitores em casa, o que pode ter contribuído e muito para a formação dos alunos como leitores.

Referente à assinatura de periódicos, observa-se pela tabela 6 que apenas 39,29% da amostra possuía assinatura de revistas ou jornais na família, enquanto 58,93% não possuía assinatura. Todavia, como especificado por uma aluna na questão 2, não possuir assinatura em casa não impossibilita o acesso ao material.

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
22	39,29%	33	58,93%	1	1,79%

Tabela 6: Assinatura de revistas e/ou jornais

Fonte: Elaboração própria

A questão 5 com seus desdobramentos também teve o objetivo de verificar a ocorrência do incentivo à leitura nas diversas disciplinas escolares. A tabela 7 apresenta que 85,71% da amostra responderam que houve incentivo a leitura nas aulas de Português, 66,07% dos respondentes afirmaram que os professores de outras disciplinas incentivavam a leitura. Isto reafirma a justificativa da pesquisa em que os educadores dos cursos pesquisados ainda são os mais envolvidos com o incentivo e a formação de leitores nas escolas. Em relação à opção “nunca”, 14,29% da amostra marcaram que não houve nenhum incentivo a leitura pelos professores de português e que 33,93% dos professores das outras disciplinas nunca incentivaram a leitura. Esses números são preocupantes e também reafirmam o distanciamento da escola com a vida cotidiana extramuros, afinal é impossível um professor de Português nunca ter lido ou apresentado textos em suas aulas, da mesma forma, os professores de outras disciplinas, como História ou Geografia. No entanto, os alunos compreendem estas atividades como chatas, obrigatórias e pouco formadoras. Abaixo está a tabela 7 referentes a pergunta como os professores de outras disciplinas incentivavam a leitura no entanto vários responderam também sobre os professores de língua portuguesa.

<b>Descreva brevemente como os professores de outras matérias incentivavam a leitura</b>		
Leitura complementar	17	30,36%
Diversão e lazer	1	1,79%
Filme complementar	1	1,79%
Não incentivava	5	8,93%
Contação de historia	1	1,79%
Pesquisa	1	1,79%
Visita semanal a biblioteca	4	7,14%
Leitura obrigatória	2	3,57%
Leitura literária	7	12,50%
Análise crítica	1	1,79%
Atividades e avaliações	9	16,07%
Livro didáticos	4	7,14%
Importância da leitura	6	10,71%
<b>SEM RESPOSTA</b>	14	25,00%

**Tabela 7: Maneiras de incentivar à leitura pelos professores**

Fonte: Elaboração própria

Pela mesma tabela, observa-se que a maior parte dos incentivos ocorre com textos complementares, atividade e pesquisa, totalizando 58,93% da amostra. Destas leituras, foram indicadas as obras literárias. Outra curiosidade foram as “falas” dos professores sobre a importância da leitura e a utilização de bibliotecas, com um índice de 17,86%. Alguns alunos consideraram a leitura de livros didáticos como uma forma de incentivar a leitura, neste ponto

deve-se lembrar os textos de Magda Soares (2001) e Ana Maria de Oliveira (2001) a respeito do livro didático, isto é, as dependências do professor-leitor e o livro didático e as conseqüências da formação dependente dos alunos em oposição à proposta de Freire (1996). Neste espaço, alguns estudantes criticaram a falta de incentivo dos professores e as leituras obrigatórias também pouco motivadoras.

Em relação ao uso de bibliotecas, obteve-se índice de 82,14% da amostra, cuja freqüência mais recorrente foi a visita anual. A maneira como as bibliotecas e os recursos pedagógicos e organizacionais eram utilizados não foram especificados, mas podem ser estimados por questões posteriores.

As visitas aos museus e às livrarias foram pesquisadas, por contribuir com a auto-formação dos estudantes, além de estimular a curiosidade e o aprendizado. A tabela 8 mostra a freqüência aos museus e livrarias.

LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS												
Curso	1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		1 veze por semestre		1 veze por ano		nunca	
Letras	1	1,79%	1	1,79%	3	5,36%	13	23,21%	15	26,79%	22	39,29%

Tabela 8: Freqüência aos museus e às livrarias

Fonte: Elaboração própria

As visitas chegaram a 58,93% da amostra, mas com baixa freqüência, predominando entre “1 a 2 vezes” por ano. Já 39,29% responderam que nunca visitaram Museus e Livrarias. Na sexta questão, verificou-se os conceitos de leituras dos estudantes.

O QUE É LEITURA		
Diversão e lazer	10	17,86%
Decodificação de texto escrito	2	3,57%
Visão de mundo	9	16,07%
Decodificação, compreensão e interpretação	13	23,21%
Hábito	1	1,79%
Interação com o mundo	2	3,57%
Análise crítica	6	10,71%
Decodificação e compreensão	4	7,14%
Aprendizagem	11	19,64%
Atividade complexa que exige concentração	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	7,14%

Tabela 9: Conceito de leitura

Fonte: Elaboração própria

Os estudantes e futuros professores do curso de letras da UFG compreendem a leitura de maneira diversificada, como mostra a tabela 9. Alguns itens foram separados devido às pequenas diferenças, por exemplo: a definição Decodificação, compreensão e interpretação teve índice de 23,21% da amostra, enquanto Decodificação e compreensão teve 7,14% da amostra. A principal diferença entre esses conceitos é a interação do leitor com o texto lido. No primeiro conceito, pode-se verificar uma relação mais ativa do leitor na associação de significados e sentidos ao texto lido. O segundo conceito centra-se mais no recebimento da mensagem sem interação representativa na atribuição de sentido.

A definição de Freire (1981), acerca da visão de mundo, foi citada por 16,07% dos estudantes da amostra. Outras definições interessantes foram sobre diversão e lazer, que normalmente não são associados às estas atividades tendo índices de 17,86%. Outros 19,64% da amostra associaram à leitura ao conhecimento e à aprendizagem, todavia este ponto de vista pode trazer equívocos, pois pela leitura pode-se aprender e ampliar os conhecimentos, mas não significa assumir a existência de uma relação obrigatória, isto é, leitura sempre se interliga ao conhecimento e aprendizagem. O nível de leitura racional não é o único nem o mais importante, mas deve haver equilíbrio entre os diversos níveis de leitura.

A sétima questão trata-se da definição de biblioteca pelos alunos do curso de letras da UFG, do oitavo período. Os dados podem ser visualizados pela tabela 10. Há predominância da compreensão da biblioteca como local de armazenamento de livros e/ou local de estudo e leitura. Isso demonstra a visão limitada das bibliotecas como mera estante ou espaço (mesmo inadequado) para a guarda de livros.

Apenas 12,5% da amostra considera-a como acervo diversificado, isto é, além de livros, a biblioteca pode possuir acervo digitais, eletrônicos ou áudio-visuais, os multimeios. Apenas 8,93% da amostra considera os serviços prestados pela instituição e, ainda assim foi considerado apenas o empréstimo, o serviço mais conhecido, mas não o único e nem deve ser.

<b>O QUE É BIBLIOTECA</b>		
Estudo, conhecimento e leitura	30	53,57%
Pesquisa	9	16,07%
Armazenamento de informação	1	1,79%
Aprendizagem	1	1,79%
Acesso aos livros	1	1,79%
Empréstimo	5	8,93%
Diversão e lazer	3	5,36%
Acervo de livros	27	48,21%
Espaço de estudo e pesquisa	1	1,79%
Acervo diversos	7	12,50%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	7,14%

**Tabela 10: Conceito de biblioteca**

Fonte: Elaboração própria

A oitava questão refere-se, de forma geral, aos serviços oferecidos pelas bibliotecas. Verificar tabela 11 abaixo.

UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA														
Serviços	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Consulta local	4	7,14%	22	39,29%	16	28,57%	1	1,79%	2	3,57%	3	5,36%	1
Empréstimo	4	7,14%	14	25,00%	26	46,43%	5	8,93%	2	3,57%	3	5,36%	1	1,79%
Estudo	7	12,50%	11	19,64%	11	19,64%	7	12,50%	6	10,71%	5	8,93%	6	10,71%
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)			1	1,79%	5	8,93%	3	5,36%	5	8,93%	7	12,50%	24	42,86%
Fotocópia	5	8,93%	2	3,57%	2		2	3,57%	3	5,36%	4	7,14%	31	55,36%
Orientações com o Bibliotecário	4	7,14%	3	5,36%	4	7,14%	3	5,36%	2	3,57%	6	10,71%	26	46,43%
Internet	8	14,29%	3	5,36%	2	3,57%	3	5,36%	5	8,93%	11	19,64%	21	37,50%
Leitura de revistas e jornais	5	8,93%	7	12,50%	6	10,71%	3	5,36%	3	5,36%	11	19,64%	18	32,14%

**Tabela 11: Utilização dos serviços da biblioteca**

Fonte: Elaboração própria

O serviço mais utilizado é o empréstimo com 96,43% das escolhas, seguido pela consulta local com 85,71% e o ambiente para estudo com 83,93%. Estes serviços coincidem com as definições de biblioteca da questão anterior. Como um ambiente de estudo e guarda de livros. A biblioteca também teve outros serviços bem utilizados como a internet com 57,14%, e a leitura de jornais e revistas com 62,5% da amostra, este dado também reforça as respostas obtidas na tabela 3.

Entre os serviços nunca utilizados o principal foi a orientação com o bibliotecário com 46,42%. Neste ponto, verifica-se que um dos principais serviços da biblioteca, normalmente, não é utilizado tanto por falta de conhecimento dos usuários como por falta de divulgação dos próprios profissionais. A biblioteca também não é vista como um ambiente de lazer e entretenimento, o que justifica o alto índice de 46,43% da amostra que nunca freqüentaram atividade cultural na biblioteca.

A nona questão refere-se à opinião dos estudantes sobre a formação como formadores de leitores e futura atuação em escolas. Dos sujeitos entrevistados, 80,36% dos estudantes declararam estar preparados para atuar como formadores de leitores nas escolas, como se observa na tabela 12.

<b>VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
45	80,36%	8	14,29%	3	5,36%

**Tabela 12: Formação do mediador de leitura nas escolas**

Fonte: Elaboração própria

Em seguida, os estudantes foram questionados sobre o motivo de se considerarem um bom ou mau mediador de leitura. Os dados constam na tabela 13.

<b>MOTIVOS PARA A FORMAÇÃO DO MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS</b>		
Interesse pessoal	2	3,57%
Formação continuada	5	8,93%
Não teve preparo na formação	3	5,36%
Importância da leitura	7	12,50%
Leitura obrigatória	6	10,71%
Teve preparo na formação	16	28,57%
Insentivo a leitura	10	17,86%
Gosto pela leitura	4	7,14%
Leitura obrigatória	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	5	8,93%

**Tabela 13: Motivos para a formação do mediador de leitura nas escolas**

Fonte: Elaboração própria

Os alunos explicam que tiveram boa formação na faculdade, como leitor (neste ponto, ressaltam preconceitos em leitura como, por exemplo, a definição da boa leitura ou de técnicas para leituras) e como professor. A formação continuada foi levantada por quatro estudantes, 7,14% da amostra. Contudo, há críticas como a falta de formação prática na faculdade ou formação insuficiente, a leitura obrigatória foi um problema, pois os alunos acreditam que estas leituras não contribuem para a formação de leitores na faculdade, o que se pode refletir nas escolas.

A próxima questão está relacionada ao estágio ou trabalho em escola. Essa questão é pertinente para já verificar as relações dos estudantes com o mercado profissional. A tabela 14 apresenta que 89,29% dos estudantes fazem estágio em escolas.

ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
50	89,29%	5	8,93%	1	1,79%

**Tabela 14: Estágio/trabalho em escolas**

Fonte: Elaboração própria

Ao serem questionados sobre a existência de bibliotecas nas escolas em que estagiam, 46 estudantes que realizam estagio responderam haver bibliotecas nas escolas em que fazem estágio, representando 82,14% da amostra inicial. Os dados constam na tabela 15.

EXISTE BIBLIOTECA NA ESCOLA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
46	82,14%	2	3,57%	2	3,57%

**Tabela 15: Existência de biblioteca na escola**

Fonte: Elaboração própria

Sobre esta questão também questionou-se como estas bibliotecas são utilizadas. O objetivo da questão é verificar como ocorre o uso das bibliotecas escolares. Os resultados tabulados são apresentados na tabela 16.

USO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES		
Estudo, conhecimento e leitura	9	16,07%
Os professores orientam a pesquisa	5	8,93%
Sem interesse na utilização	2	3,57%
Acesso a internet	1	1,79%
Sem incentivo a utilização da biblioteca	4	7,14%
Depósito de livros	1	1,79%
Sem acesso a comunidade escolar	2	3,57%
Acesso a comunidade escolar	16	28,57%
Empréstimo	5	8,93%
Acervo desatualizado	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	7,14%

**Tabela 16: Uso das bibliotecas escolares**

Fonte: Elaboração própria

As respostas dos estudantes sobre o uso da biblioteca são as mais variadas, mas a maior parte se refere à biblioteca como espaço de armazenar livros destinados apenas aos estudantes, ou aos professores e funcionários ou a toda a comunidade escolar. O empréstimo é reconhecido como uma atividade da biblioteca, mas a maior parte da utilização envolvendo leitura e atividades, estão diretamente envolvidas com o interesse e atuação do professor. Os dados mostram que as bibliotecas nas escolas ainda são subutilizadas. Isto é, a biblioteca é, em tese, espaço de cultura, estudo, pesquisa e leitura, todavia as atribuições do bibliotecário e, por consequência, as demais atribuições da biblioteca não estão sendo realizadas. Ao contrário, muitas vezes, outro profissional passa por bibliotecário camuflando a situação enunciada por Silva (1995).

Um exemplo desta situação foi o relato de uma estudante: “A Bibliotecária não permite a utilização, alegando que os alunos não devolvem os livros e a internet desvia a atenção dos alunos”. A ação, ou falta de ação nesse caso, mostra o que muitas vezes fica camuflado sobre o triste abandono das bibliotecas escolares.

Outras críticas são feitas sobre a falta ou o baixo uso das bibliotecas, nesses casos os estudantes responsabilizam a falta de ação e interesse tanto dos demais professores como dos alunos. Leahy (2006) descreve suas experiências e suas decepções ao trabalhar com a leitura nas bibliotecas e ter de enfrentar todo o desinteresse do restante dos professores e da comunidade escolar. Esse fato é ainda atual.

A última questão realizada com os alunos do oitavo período do curso de letras, refere a opinião dos estudantes sobre a utilização e adequação das bibliotecas. Para os alunos, 46,43% deles as consideram adequadas à utilização e 26,78% não as consideraram adequadas. Outros 17,86% não responderam o item. A tabela 17 apresenta os resultados tabulados.

VOCÊ CONSIDERA ADEQUADA A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOTECA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
26	46,43%	15	26,79%	10	17,86%

**Tabela 17: Utilização e adequação das bibliotecas**

Fonte: elaboração própria

Aos serem questionados a justificarem as respostas dadas sobre a utilização e adequação das bibliotecas dos locais em que estagiam foram levantados as mais variadas atividades e serviços. O principal item levantado foi o ambiente de estudo leitura e pesquisa citado por 21,43% dos estudantes.

<b>JUSTIFICATIVAS DAS RESPOSTAS SOBRE A UTILIZAÇÃO E ADEQUAÇÃO DAS BIBLIOTECAS</b>		
Incentivo a leitura	1	1,79%
Ambiente inadequado	1	1,79%
Sem acesso a comunidade escolar	5	8,93%
Acesso a comunidade escolar	5	8,93%
Não aproveita o potencial	2	3,57%
Importante para a formação	1	1,79%
Sem interesse na utilização	2	3,57%
Ambiente adequada	1	1,79%
Falta atividades diferenciadas	1	1,79%
Poderia funcionar no final de semana	1	1,79%
Desorganizada	2	3,57%
Exibição de filmes	1	1,79%
Não realiza atividades de leitura	1	1,79%
Estudo, leitura e pesquisa	12	21,43%
Empréstimo	8	14,29%
<b>SEM RESPOSTA</b>	7	12,50%

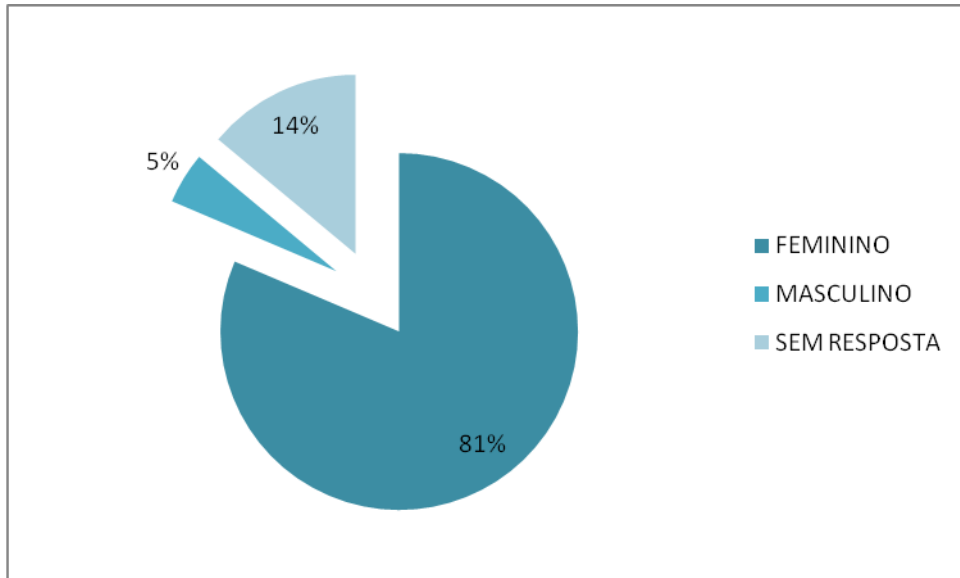
**Tabela 18: Justificativas das respostas sobre a utilização e adequação das bibliotecas**

Fonte: Elaboração própria

Para os alunos que consideraram adequada a utilização, acreditam que as atividades realizadas são deveras os objetivos da biblioteca escolar. Em relação aos insatisfeitos, as críticas são as mais variadas. Desde a indisponibilidade ou pouca utilização até a falta de organização da escola e do acervo. Isto demonstra a falta de conhecimentos específicos para o tratamento da informação e a necessidade de um profissional bibliotecário para tratar e administrar as bibliotecas escolares, além de auxiliar a atuação dos professores em sala de aula.

## 6.2. Resultados obtidos do o curso de Pedagogia

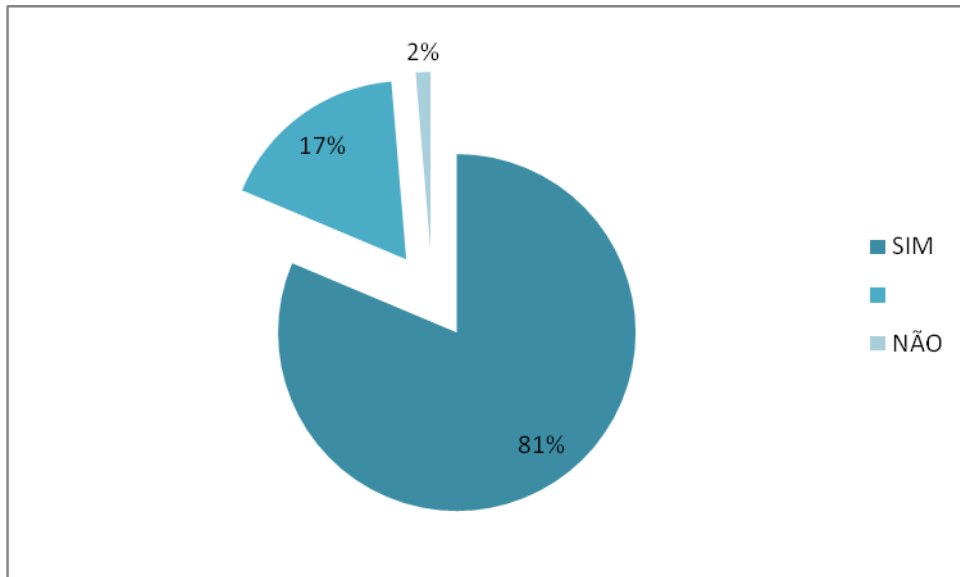
O curso de Pedagogia possui quatro turmas: duas cursando o turno matutino e duas o turno noturno. Foram pesquisados 76 alunos nos dois turnos, representando 54,29% do universo total. Dos respondentes, 81% são do sexo feminino, 14% do sexo masculino e 5% não responderam a questão. O número de respostas para o sexo feminino foi extremamente alta demonstrando a prevalência feminina na profissão. Os dados podem ser visualizados na figura 4.



**Figura 4: Respostas para sexo pedagogia**

Fonte: Elaboração própria

Na segunda questão, verificou-se que 81,33% da amostra (representada por 61 estudantes) responderam que se consideram leitores, enquanto 17,33% dos estudantes marcaram que não se consideram leitores, como se pode observar na figura 5 abaixo.



**Figura 5: Leitores e não leitores do curso de pedagogia da UFG**

Fonte: Elaboração própria

Ao serem questionados sobre o motivo de se considerarem leitores ou não leitores, os resultados, tabulados na tabela 19, são apresentados.

VOCÊ SE CONSIDERA UM LEITOR					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
61	81,33%	13	17,33%	1	1,33%
PORQUE					
Leituras diversas				24	32,00%
Leitura faz parte da rotina				26	34,67%
Diversão e lazer				1	1,33%
Opinião crítica nas leituras				2	2,67%
Leitura obrigatória				8	10,67%
Conhecimento e aprendizagem				2	2,67%
Não leio livros				2	2,67%
Leio livros literários				12	16,00%
Leio em quantidade				9	12,00%
Decodifica, Compreende e interpreta				4	5,33%
Não possuo técnicas para uma boa leitura				1	1,33%
Leio livros apenas nas férias				1	1,33%
Gosta de ler				5	6,67%
Pouco tempo para leitura				2	2,67%
SEM RESPOSTA					

**Figura 19: Você se considera um leitor**

**Fonte:** Elaboração própria

Os estudantes que se consideram leitores argumentam diversos motivos, por exemplo, o gosto pela leitura, diversão e lazer, a presença da leitura na rotina dos estudantes, seja pela quantidade, seja pela frequência. Como nos resultados do curso de Letras, há uma valorização da leitura racional, como única leitura válida, ou sobre o tipo de material que conteria a melhor informação e conteúdo. Estes preconceitos desvalorizam muitas leituras importantes que contribuem para a formação dos cidadãos. O fato dos estudantes valorizar determinados tipos de leituras em detrimento de outras podem influenciar negativamente na atuação destes profissionais nas escolas. Isso porque não existe tipo melhor ou pior de leitura, mas sim adequação a determinado contexto e situação.

O paradoxo debatido anteriormente está presente nas respostas dos alunos de pedagogia, sendo um indicativo dos preconceitos em leituras, comentados anteriormente. Outra comprovação para essas afirmações estão nas próximas questões.

Os alunos foram questionados sobre os tipos de leitura e frequência com que ocorrem essas leituras. Os resultados apontam que a opção mais assinalada na frequência “diariamente” é a opção “necessidade do cotidiano”. No item “Nunca” a opção mais assinalada foi “Diversão e lazer”, mas ainda assim teve baixo índice, 2,67%. A tabela 20 apresenta os resultados.

TIPOS DE LEITURA, PEDAGOGIA														
Motivos de leitura	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Curiosidade	28	37,33%	15	20,00%	10	13,33%	6	8,00%	4	5,33%	3	4,00%	1
Diversão/lazer	13	17,33%	13	17,33%	13	17,33%	4	5,33%	10	13,33%	9	12,00%	2	2,67%
Necessidade do cotidiano	56	74,67%	13	17,33%	2	2,67%			1	1,33%				
Informação	42	56,00%	16	21,33%	7	9,33%	2	2,67%					1	1,33%
Outros	17	22,67%	3	4,00%	3	4,00%		0,00%	2	2,67%	3	4,00%	2	2,67%

Tabela 20: Frequência e tipos de leitura

Fonte: elaboração própria

Os respondentes lêem por vários motivos, diariamente e semanalmente. As leituras por diversão e lazer tiveram menores frequências. Contudo, os resultados mostram os altos índices de leitura dos estudantes, mas nem sempre eles os reconhecem como leituras. A seguir, apresentam-se os dados de leitura de diferentes gêneros, ver tabela 21.

Os estudantes de pedagogia foram questionados sobre os gêneros preferidos e frequência com que os lêem. O gênero mais lido diariamente é textos científicos, e de “2 a 3 vezes por semana” é o jornal. Os mais assinalados com a frequência “Nunca” são os quadrinho e o Jornal, ambos com a frequência de 9,33%.

FREQUÊNCIA DE LEITURA, PEDAGOGIA														
Leituras	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Quadrinhos	6	8,00%	11	14,67%	10	13,33%	7	9,33%	6	8,00%	20	26,67%	7
Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)	3	4,00%	7	10,00%	15	20,00%	11	14,67%	11	14,67%	14	18,67%	6	8,00%
Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)	21	28,00%	20	28,57%	12	16,00%	5	6,67%	3	4,00%	4	5,33%	7	9,33%
Revistas especializadas (Galileu, Superinteressante, Nova Escola, Exame...)	6	8,00%	6	8,57%	14	18,67%	9	12,00%	16	21,33%	16	21,33%	5	6,67%
Livros de literatura	9	12,00%	12	17,14%	9	12,00%	6	8,00%	10	13,33%	20	26,67%	4	5,33%
Textos científicos	49	65,33%	13	17,33%	4	5,33%			2	2,67%	2	2,67%	4	5,33%

Tabela 21: Gêneros e frequência de leitura

Fonte: elaboração própria

O jornal apresentou uma leitura regular para 28,57% dos estudantes que o lêem “2 ou 3 vezes por semana” e em contra partida também está entre os itens não lidos, assinalados

“nunca” por 9,33% dos estudantes. Estes contrapontos reforçam o perfil das leituras dos estudantes de Pedagogia. Há maiores índices de leitura e frequência nas leituras mais tradicionalmente tidas como racionais, as leituras de textos científicos e de informação. Estes dados apresentam certos traços de preconceitos de leitura.

O preconceito de leituras também aparece na dissociação de respostas entre as tabelas 19 e 20. Isto pode ser explicado pelas definições de leitura, por exemplo, a leitura de quadrinhos pode não ser considerada leitura, o mesmo ocorre com a leitura de textos científicos, super valorizados. As atividades na faculdade podem ser obrigatórias e, em alguns casos, não são reconhecidas como leituras.

No que concerne ao uso da internet para leitura, os dados mostram altos índices e frequências de leituras tendo como única exceção os e-books. A tabela 22 apresenta a tabulação dos dados.

USO DA INTERNET, PEDAGOGIA														
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
e-mail	60	80,00%	12	16,00%			1	1,33%	1	1,33%		0,00%		0,00%
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...	30	40,00%	21	28,00%	8	10,67%	2	2,67%	3	4,00%	5	6,67%	2	2,67%
e-books	6	8,00%	5	6,67%	4	5,33%	3	4,00%	3	4,00%	6	8,00%	34	45,33%
Artigos Científicos	21	28,00%	24	32,00%	10	13,33%	11	14,67%	3	4,00%	2	2,67%	1	1,33%
Sites de relacionamento	30	40,00%	7	9,33%	9	12,00%	2	2,67%	7	9,33%	1	1,33%	16	21,33%

**Tabela 22: Uso da internet, pedagogia.**

Fonte: elaboração própria

Os e-books apresentaram as mesmas dificuldades percebidas no curso de Letras. Muitos alunos desconheciam o significado e também não questionaram, com poucas exceções. As leituras de e-mails, normalmente, apresentam os maiores índices e frequências, isto é, 98,67% da amostra. As revistas, artigos e sites de relacionamento apresentam altas frequências com predominância entre a leitura diária à leitura semanal. Os dados demonstram a importância da leitura na rotina, mesmo quando não são reconhecidas ou formalmente apresentadas.

A próxima questão identifica as vivências em leituras anteriores à faculdade. Os estudantes responderam sobre a frequência de leitura da família, dos professores de língua portuguesa e das demais disciplinas incentivavam a leitura, bem como da frequência de utilização da biblioteca como apresentado na tabela 23.

LEGENDA DE FREQUÊNCIA, PEDAGOGIA														
frequência membros de sua família liam	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	20	26,67%	16	21,33%	13	17,33%	5	6,67%	3	4,00%	8	10,67%	9	12,00%
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura	33	44,00%	10	13,33%	11	14,67%	4	5,33%	6	8,00%	10	13,33%		
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura	22	29,33%	15	20,00%	11	14,67%	7	9,33%	3	4,00%	9	12,00%	7	9,33%
frequência você UTILIZAVA a biblioteca	9	12,00%	14	18,67%	18	24,00%	8	10,67%	6	8,00%	10	13,33%	8	10,67%

Tabela 23: Vivências de leituras dos estudantes

Fonte: elaboração própria

Nas respostas dos estudantes foram verificadas que 86,67% da amostra tinham exemplos de leitores em casa, com frequência alta entre a “leitura diária” e a “leitura semanal”. Os incentivos à leitura dos professores de língua portuguesa foram declarados positivos por 98,67% . Os professores de outras disciplinas também incentivavam a leitura na opinião de 89,33% da amostra. Estes valores foram bem superiores aos dados coletados em Letras.

Ao serem perguntados sobre a assinatura de jornais e revistas na família, como consta na tabela 24: 34,67% da amostra possuíam assinatura de periódicos em casa, enquanto 64% não possuíam. Os dados demonstram que as famílias possuíam (ou ainda possuem) outras práticas de leitura, mas que não foram esclarecidas neste questionário.

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
26	34,67%	48	64,00%		

Tabela 24: Assinaturas de revistas e/ou jornais

Fonte: elaboração própria

Os estudantes de Pedagogia foram solicitados a descrever como os professores da educação básica incentivavam a leitura, como demonstra a tabela 25.

TÍTULO		
Leituras complementares para discussão em sala		
Análise crítica		
Livros literários		
Atividades de avaliação		
Dando exemplos e curiosidades		
Falando sobre a importância da leitura		
Leitura obrigatória e avaliação		
Pesquisa		
Livro didático		
Contação de história		
Incentiva a utilização da biblioteca escolar		
Vestibular		
Propondo empréstimo e biblioteca de sala		
<b>SEM RESPOSTA</b>		

**Tabela 25: Maneiras de incentivar à leitura pelos professores**

Fonte: elaboração própria

Os alunos de pedagogia tiveram um envolvimento maior com obras literárias, textos e atividades complementares, entretanto muitas destas atividades se assemelham às experiências vividas pelos estudantes de letras, com o diferencial do envolvimento. Isto é, nestas atividades a escola estava mais próxima da realidade dos alunos, e estas leituras eram uma interligação entre as matérias estudadas na escola e a vida extramuros. Ao contrário das experiências nem sempre proveitosas dos alunos de Letras, pois neste ponto houve o distanciamento da escola e da vida, tonado estas atividades maçantes e pouco formadoras.

Os estudantes também foram indagados sobre a frequência aos museus e livrarias, como apresenta a tabela 26. Os resultados mostram que as respostas mais assinaladas marcam a frequência “nunca” e “semestral”. Desta forma demonstra que este tipo de atividade ainda não é muito comum ou reconhecida socialmente.

LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS												
Curso	1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		1 veze por semestre		1 veze por ano		nunca	
Pedagogia	3	4,00%	5	6,67%	7	9,33%	15	20,00%	13	17,33%	34	45,33%

**Tabela 26: Frequência aos museus e às livrarias**

Fonte: Elaboração própria

Através desta questão pode-se verificar os envolvimento dos alunos de Pedagogia com a leitura, seus conceitos e vivências, foram verificados maior envolvimento com a leitura que os alunos de letras, contudo os preconceitos sobre leitura também foram maiores quando muitas das leituras não foram reconhecidas nas próprias atividades de leituras como leituras formais e igualmente importantes.

A sexta questão apresenta a percepção dos alunos sobre leitura, como se constata na tabela 27. Para os alunos de pedagogia, as definições de leituras se concentram na decodificação, compreensão e interpretação do código, como observado por 30,67% da amostra. Porém, a interpretação se focaliza mais no aprendizado do que na formação de conhecimento. Isto justifica os preconceitos em leituras constatados anteriormente.

<b>O QUE É LEITURA</b>		
Decodificação e compreensão	16	21,33%
Decodificação, compreensão e interpretação	23	30,67%
Aprendizagem	19	25,33%
Análise crítica	4	5,33%
Diversão e lazer	5	6,67%
Leitura de mundo	4	5,33%
Forma de comunicação	1	1,33%
<b>SEM RESPOSTA</b>	8	10,67%

**Tabela 27: Conceito de leitura**

**Fonte:** elaboração própria

Apesar da perspectiva de leitura voltada para o aprendizado, apareceram conceitos Freirianos como a leitura de mundo e a formulação crítica de idéias. Mas, a perspectiva de diversão e lazer também está presente, além do meio de comunicação

A sétima questão verifica as opiniões dos alunos de pedagogia do oitavo período sobre as bibliotecas. Os resultados são apresentados na tabela 28. Os conceitos de biblioteca dos estudantes de pedagogia foram mais amplos do que as definições anteriores. A idéia de biblioteca ainda centra-se no acervo, mas um acervo mais diversificado e voltado para a preservação do conhecimento. Aparece conceitos de bibliotecas como centros culturais e ambientes de lazer e diversão.

<b>O QUE É BIBLIOTECA</b>		
Acervos de livros	29	38,67%
Equipamentos de mídia	1	1,33%
Leitura e estudo	24	32,00%

Aglomerados de trabalhos	1	1,33%
Acervo diverso	16	21,33%
Atividades culturais	5	6,67%
Acervo físico ou digital e textos literários.	1	1,33%
Diversão e lazer	2	2,67%
Preservação do conhecimento Humano através da guarda de materiais	1	1,33%
Conjunto de informações	3	4,00%
Empréstimo	5	6,67%
<b>SEM RESPOSTA</b>	<b>4</b>	<b>5,33%</b>

**Tabela 28: Conceito de biblioteca**

Fonte: elaboração própria

Ao elencarem os serviços das bibliotecas, as respostas giram em torno do empréstimo, consulta local e ambiente de estudo. Nos resultados dos estudantes de pedagogia não houve lembranças ou citações aos profissionais bibliotecários. Isso pode significar como argumentado por Silva (1996), os bibliotecários se mantêm em silêncio com uma atuação quase insistente, mas pode significar também falta de reconhecimento dos estudantes por esses profissionais.

Quando questionados sobre os serviços das bibliotecas que mais utilizam, apesar das boas definições e noções sobre biblioteca, os índices de utilização foram baixos, como demonstra a tabela 29. Entre os maiores índices de utilização dos serviços continua o empréstimo com 74,65% da amostra. Com menor índice de utilização é a Fotocópia com 22,67% da amostra. Os índices, provavelmente, referem-se à utilização dos sistemas de bibliotecas da UFG. Os alunos podem ter respondido não por suas experiências com outras bibliotecas, mas pela experiência com a biblioteca universitária do Campus da UFG. Isso porque alguns alunos preferem compor seu próprio acervo ou procurar outras bibliotecas para estudo, mais próximas ao trabalho ou às suas casas.

UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA														
Serviços	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Consulta local	4	5,33%	15	20,00%	16	21,33%	3	4,00%	5	6,67%	5	6,67%	7
Empréstimo	5	6,67%	10	13,33%	23	30,67%	7	9,33%	4	5,33%	7	9,33%	4	5,33%
Estudo	8	10,67%	9	12,00%	10	13,33%	4	5,33%	5	6,67%	6	8,00%	20	26,67%
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)	1	1,33%			3	4,00%	2	2,67%	6	8,00%	8	10,67%	38	50,67%
Fotocópia	7	9,33%	2	2,67%	2	2,67%	3	4,00%			3	4,00%	49	65,33%

<b>Orientações com o Bibliotecário</b>	4	5,33%	4	5,33%	6	8,00%	4	5,33%	4	5,33%	6	8,00%	35	46,67%
<b>Internet</b>	9	12,00%	5	6,67%	5	6,67%	5	6,67%	2	2,67%	8	10,67%	32	42,67%
<b>Leitura de revistas e jornais</b>	5	6,67%	5	6,67%	7	9,33%	4	5,33%	3	4,00%	10	13,33%	32	42,67%

**Tabela 29** Utilização dos serviços da biblioteca

Fonte: elaboração própria

A respeito das opiniões sobre a própria formação para incentivar a leitura, os estudantes de pedagogia consideram-na positiva, como consta na tabela 30. Dos estudantes entrevistados, 56% se declararam aptos para atuar na formação de leitores e 33,33% da amostra não se consideram aptos para atuar.

<b>VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
42	56,00%	25	33,33%	7	9,33%
<b>PORQUE</b>					
Hábito da leitura				7	9,33%
Recebeu formação na faculdade				10	13,33%
Importância da leitura				10	13,33%
Formação continuada				7	9,33%
Interesse pessoal				4	5,33%
Trabalhado superficialmente				8	10,67%
Leitura obrigatória				6	8,00%
Falta mais Pesquisa				1	1,33%
Não foi trabalhado o gosto pela leitura				4	5,33%
Não teve vivência prática na formação				3	4,00%
Teve formação melhor com o estágio				1	1,33%
Não teve tempo de estudo fora da faculdade				1	1,33%
Não houve incentivo para a utilização da biblioteca				1	1,33%
Possui leitura crítica e é capaz de replicar com os alunos				1	1,33%
Formação Incompleta				4	5,33%
Teve incentivo para transmitir conhecimento				4	5,33%
Proporcionaram o Gosto pela leitura				4	5,33%
<b>SEM RESPOSTA</b>				9	12,00%

**Tabela 30:** Formação do mediador de leitura nas faculdade

Fonte: elaboração própria

Os estudantes de pedagogia revelaram várias questões aos serem solicitados a justificar o motivo de se considerarem aptos ou não a incentivar a leitura na educação básica,

como apresentado na tabela 30. Entre as justificativas para os que se consideram aptos, foram citadas o trabalho pessoal, a formação como leitor, a formação continuada, o estágio. A justificativa para os que não se declararam aptos foram: trabalho superficial na academia; a falta de pesquisa e tempo para estudo, ausência de incentivo ou formação desde a educação básica.

Para estes alunos, há muitas críticas ao currículo e à formação que receberam, quais sejam, superficialidade do conteúdo devido a insuficiente experiência prática, falta de tempo, especialmente das turmas do turno noturno, que trabalham durante o dia e estudam a noite.

A questão seguinte tratou do estágio ou trabalho em escolas. Os resultados podem ser observados na tabela 31. Sobre essa questão, 62,67% dos estudantes estagiam em escolas. Da amostra dos que estagiam em escolas, mais da metade correspondem às mulheres. O percentual que não estagiam em escolas é de 30,67% dos estudantes. Para o curso de pedagogia estes percentuais são considerados baixo, pois o foco para o mercado profissional são as escolas e as atividades docentes.

ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
47	62,67%	23	30,67%	4	5,33%

**Tabela 31:** Estagio/trabalho em escola  
**Fonte:** elaboração própria

Para os estudantes que fazem estágio foram perguntados sobre a existência de bibliotecas no ambiente educacional, como consta na tabela 32. Dos respondentes, 52% dos estudantes da amostra declararam existir bibliotecas nas escolas em que estagiam. Enquanto 8% disseram não haver bibliotecas. Outros 2,67% não responderam ao item.

EXISTE BIBLIOTECA NA ESCOLA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
39	52,00%	6	8,00%	2	2,67%

**Tabela 32:** Estagio/trabalho em escola  
**Fonte:** elaboração própria

Complementando a pergunta anterior, foram questionados aos estudantes de pedagogia sobre a utilização das bibliotecas no ambiente educacional, como consta na tabela 33.

COMO ELA É UTILIZADA		
Os professores orientam a pesquisa	5	6,67%
Acesso a comunidade escolar	20	26,67%
Visita semanal da turma	4	5,33%
Insentivo a leitura pelos professores	2	2,67%
Empréstimo	5	6,67%
Contação de história 1 vez por semana	1	1,33%
Não tem influencia do bibliotecário	1	1,33%
SEM RESPOSTA	2	2,67%

**Tabela 33: Uso das bibliotecas escolares**

Fonte: elaboração própria

A utilização da biblioteca é focada nas atividades realizadas pelos professores, de acordo com os planos de aulas e interesses. A atuação do bibliotecário parece deixar a desejar, sendo um figura apagada e, às vezes indesejada, como o relato da aluna “Não tem influencia do bibliotecário”. A influência do bibliotecário poderia comprometer a aula ou a autonomia dos alunos.

Os dados mostram apenas um depoimento em que o bibliotecário foi citado de forma ativa e com participação mais efetiva na formação dos alunos na escola. Vale ressaltar que muitos destes profissionais atuantes em “bibliotecas escolares” não são bibliotecários, possuindo no máximo um treinamento superficial para o desempenho da função.

Outro dado curioso é o depoimento de uma estudante: “Os livros são separados por faixa-etária e guardados em pastas nas salas”. Neste caso, verifica-se que a “biblioteca” nem sequer possui espaço físico, não podendo ser denominada nem mesmo sala de leitura. Este depoimento contradiz as definições e conceitos formulados pelos próprios alunos anteriormente.

Em seguida, apuraram-se as opiniões dos estudantes sobre a utilização das bibliotecas como apresentadas na tabela 34. Sobre a utilização das bibliotecas 38,67% dos estudantes consideraram adequadas, enquanto apenas 8% discordaram da adequação da utilização e 13,33% não responderam ao item.

VOCÊ CONSIDERA ADEQUADA A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOECA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
29	38,67%	6	8,00%	10	13,33%
PORQUE					
Falta acesso livre aos alunos				3	4,00%
Os professores podem utilizar livremente				1	1,33%
Incentivo a leitura				15	20,00%
Incentivo o contato constante com o ambiente				7	9,33%
Não há responsável pela biblioteca				1	1,33%
Está disponível a todos				2	2,67%
Os alunos são incentivados a utilizar e a adquirir cultura				2	2,67%
Os professores controlam os livros				1	1,33%
O controle de acesso deve existir para que os livros não sumam				1	1,33%
Os alunos gostam das atividades				1	1,33%
A biblioteca deveria ter mais visibilidade e um acervo mais interessante e diversificado.				1	1,33%
SEM RESPOSTA				14	18,67%

**Tabela 34: Adequação da utilização da biblioteca**

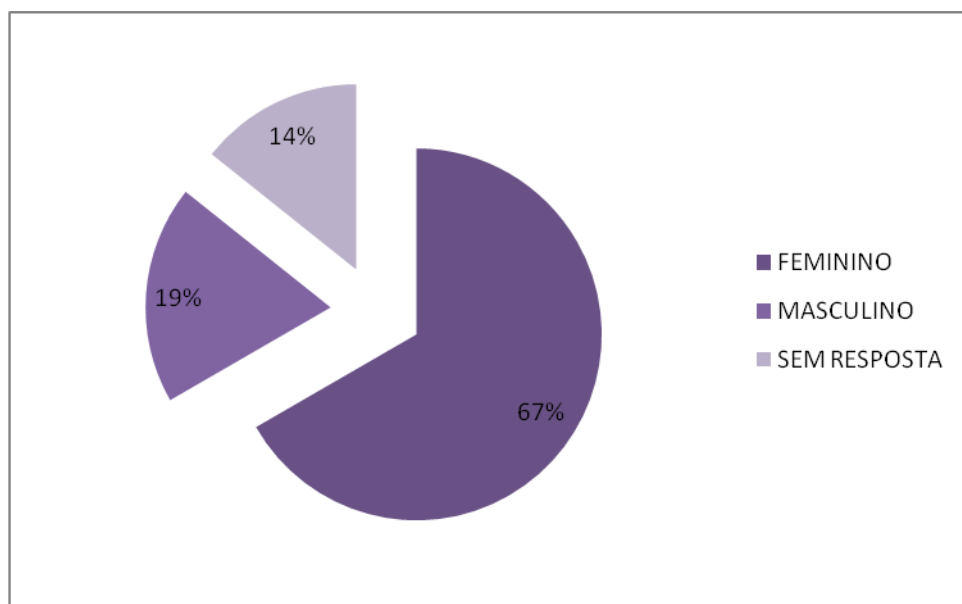
Fonte: elaboração própria

Os estudantes foram solicitados a explicar os motivos de considerarem adequadas ou não a utilização da biblioteca. Os dados são apresentados na tabela 34. Os estudantes que consideram a utilização das bibliotecas das escolas em que estagiam adequadas acreditam no incentivo a leitura, no contato com o ambiente e na liberdade do acesso. Apenas uma aluna elogiou a restrição do acesso, pois considera necessário para a preservação do acervo. No entanto, limitar o acesso e restringir o contato a determinados materiais pode desestimular a busca de informação e a leitura e atrapalhar na formação autônoma dos estudantes, tornando-o dependente do professor e da escola para buscar informações pessoais.

São observadas críticas dos estudantes sobre a necessidade de alguém para se responsabilizar pela biblioteca, melhorar e ampliar a visibilidade da biblioteca e tornar o acervo mais interessante e chamativo. Eles criticam a responsabilidade dos professores sobre o espaço e o desempenho das atividades. As críticas possuem profundidade e demonstram problemas que normalmente caberiam a um bibliotecário resolver, não sozinho, pois toda a escola deve funcionar conjuntamente e interdisciplinarmente e o bibliotecário depende do apoio para a realização dos projetos.

### 6.3. Resultados obtidos para o curso de Biblioteconomia

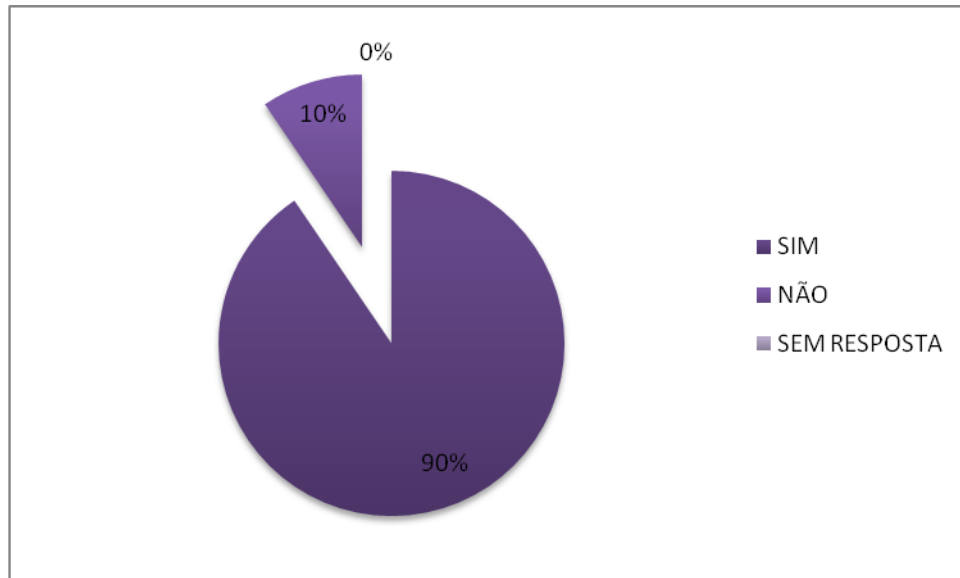
No curso de Biblioteconomia ingressa apenas uma turma ao ano no turno matutino. Em 2007, ingressaram 30 alunos. A pesquisa foi realizada com esta turma e foram pesquisados 21 estudantes, isto é, 70% do Universo. Como nos cursos de Letra e Pedagogia, as mulheres são maioria 66,67% da amostra e os homens são 19,05% da amostra, como mostra a figura 5.



**Figura 5: RESPOSTAS SEXO BIBLIOTECONOMIA**

*Fonte: elaboração própria*

A segunda questão realizada aos estudantes de biblioteconomia se estes se consideram leitores. Dos respondentes, 90,48% da amostra se consideram leitores, apenas 2 não se consideram leitores, como mostra a figura 6.



**Tabela 6: Você se considera um leitor**

Fonte: elaboração própria

Os alunos de biblioteconomia foram solicitados a explicar o motivo de se declararem leitores ou não leitores. Os resultados constam na tabela 35. As respostas mais assinaladas são a leitura como parte da rotina com 57,14% da amostra. Os motivos que justificam a declaração dos alunos como leitores possuem indicadores de preconceitos em leitura, como a quantidade de leitura e a leitura de livros, como indicador de leitura de “qualidade”. Apesar disso, há indicadores que remetem aos argumentos de Freire, como a leitura de mundo, bem como o reconhecimento da importância da leitura e a presença dela na rotina.

PORQUE		
Leio livros	3	14,29%
Leio muito	3	14,29%
Faço leituras diversas	4	19,05%
Leitura faz parte da rotina	12	57,14%
Leitura de mundo	1	4,76%
Decodifica, compreende, interpreta e interaje	2	9,52%
Leio pouco	1	4,76%
Por conhecimento e aprendizagem	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>	2	9,52%

**Tabela 35: Você se considera um leitor porque?**

Fonte: elaboração própria

Solicitou-se aos alunos de biblioteconomia marcar a frequência e os motivos de leitura, como apresentado na tabela 36. Os motivos de leitura seguiram os indicados nas tabelas todos com altos índices: Leitura por curiosidade, diversão e lazer e necessidade do

cotidiano, foram 90,48% da amostra; já as leituras por informação atingiram 100% da amostra. Em relação a frequência a predominância está entre as leituras diárias e semanais. Esta frequência indicam grande índices de leituras por toda a amostra revelando também o paradoxo e os preconceitos existentes nos cursos anteriores.

TIPOS DE LEITURA, BIBLIOTECONOMIA														
Motivos de leitura	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Curiosidade	10	47,62%	4	19,05%	3	14,29%	1	4,76%			1	4,76%	
Diversão/lazer	5	23,81%	5	23,81%	3	14,29%	3	14,29%	3	14,29%				
Necessidade do cotidiano	11	52,38%	4	19,05%	2	9,52%	1	4,76%	1	4,76%				
Informação	15	71,43%	6	28,57%										
Outros	2	9,52%	1	4,76%	1	4,76%			2	9,52%	1	4,76%	1	4,76%

Tabela 36: Frequência e tipos de leitura

Fonte: elaboração própria

Continuando na verificação das práticas de leituras dos estudantes de biblioteconomia, a quarta questão verificou os gêneros lidos e a frequência de leitura dos estudantes. A tabela 37, apresenta os resultados. Em relação à frequência de leitura, observa-se que os gêneros lidos com maior frequência são os textos científicos, como as respostas do curso de pedagogia, entretanto também nota-se uma valorização das leituras por mais lazer e diversão.

FREQUÊNCIA DE LEITURA, BIBLIOTECONOMIA														
Leituras	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Quadrinhos	1	4,76%	1	4,76%	3	14,29%			6	28,57%	4	19,05%	5
Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)			1	4,76%	7	33,33%	3	14,29%	5	23,81%	4	19,05%	2	9,52%
Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)	8	38,10%	8	38,10%	3	14,29%			3	14,29%			1	4,76%
Revistas especializadas (Galileu, Superinteressante, Nova Escola, Exame...)			1	4,76%	9	42,86%	3	14,29%	3	14,29%	4	19,05%	3	14,29%
Livros de literatura	2	9,52%	5	23,81%			1	4,76%	4	19,05%	4	19,05%	1	4,76%

<b>Textos científicos</b>	13	61,90%	9	42,86%	1	4,76%			1	4,76%			
---------------------------	----	--------	---	--------	---	-------	--	--	---	-------	--	--	--

**Tabela 37: Gêneros e frequência de leitura**

Fonte: elaboração própria

Os alunos foram questionados sobre a leitura na internet como constam os resultados da tabela 38. Esse tipo de leitura se mostrou bem comum entre os estudantes pesquisados. As leituras na internet são bem frequentes e com altos índices. Os tipos de leitura realizados na internet com maior frequência são as leituras dos emails e os que aparecem com menor frequência são os e-books. A frequência varia entre leituras diárias e semanais com exceções apenas para e-books. Com a amostra do curso de biblioteconomia, não houve falta de compreensão sobre os termos usados no questionário. Os índices refletem a utilização do meio pelos estudantes pesquisados, sendo lido por 66,67% da amostra.

O contato dos estudantes com a rede mostra como ela é cada vez mais importante para a formação acadêmica dos alunos e como as instituições devem aproveitar esta ferramenta para aproximar os alunos da leitura.

USO DA INTERNET, BIBLIOTECONOMIA													
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca
<b>e-mail</b>	20	95,24%	1	4,76%									
<b>Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas.</b> ..	13	61,90%	6	28,57%	2	9,52%							
<b>e-books</b>	2	9,52%	1		2	9,52%	4	19,05%	2	9,52%	1	4,76%	7 33,33%
<b>Artigos Científicos</b>	6	28,57%	11	52,38%	2	9,52%			2	9,52%	1	4,76%	
<b>Sites de relacionamento</b>	12	57,14%	1	4,76%	1	4,76%					2	9,52%	4 19,05%

**Tabela 38: Uso da internet, Biblioteconomia.**

Fonte: elaboração própria

Na quinta pergunta foram verificadas as vivências de leitura dos estudantes antes de entrarem na faculdade. A tabela 39 apresenta os dados coletados. 100% da amostra declarou que os professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura e 98,24% dos estudantes declararam que também tinham incentivo à leitura pelos professores das demais disciplinas. O índice de utilização da biblioteca também foi o maior entre os três cursos chegando a 95,24% as frequências também foram mais altas. Pode se supor, por exemplo, que

o incentivo à leitura e a proximidade com as bibliotecas podem ter ajudado, juntamente com outros fatores, na escolha do curso.

LEGENDA DE FREQUÊNCIA, BIBLIOTCONOMIA														
frequência membros de sua família liam	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	5	23,81%	3	14,29%	1	4,76%	1	4,76%	6	28,57%	2	9,52%	2	9,52%
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura	6	28,57%	4	19,05%	3	14,29%	1	4,76%	4	19,05%	3	14,29%		
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura	3	14,29%	6	28,57%	3	14,29%	3	14,29%	1	4,76%	4	19,05%	1	4,76%
frequência você UTILIZAVA a biblioteca	4	19,05%	3	14,29%	8	38,10%	2	9,52%	2	9,52%	1	4,76%	1	4,76%

**Tabela 39: Vivências de leituras dos estudantes**

Fonte: elaboração própria

Quando perguntados se os responsáveis por suas famílias assinavam revistas ou jornais, tabela 40, os estudantes que possuíam assinatura de periódicos em casa foram 23,81%, e os que não possuíam foram 76,19%.

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?				
SIM		NÃO	SEM RESPOSTA	
5	23,81%	16	76,19%	

**Tabela 40: Assinatura de revistas e/ou jornais**

Fonte: elaboração própria

Os índices coincidem com os dos cursos anteriores, em que a maioria dos estudantes possuía ou possui exemplos de leitores em casa, mas estas famílias nem sempre possuíam assinatura de jornais e/ou revista. Ressalta-se que este não é um impedimento para

leitura, visto que as pessoas podem ter acesso aos jornais e revistas em outros locais. Como discutido anteriormente, não se pode deixar de considerar que as assinaturas de jornais e de revistas são caras no Brasil, principalmente ao se levar em conta a renda média dos brasileiros.

Solicitou-se aos alunos que descrevessem como os professores, de maneira geral, incentivavam a leitura na educação básica, como pode se observar pela tabela 41. A opção mais assinalada foi a leitura complementar. Os alunos relataram que foram incentivados por meio de textos complementares, livros literários (nas aulas de Língua Portuguesa), livros didáticos, trabalhos de pesquisa, atividades e até mesmo avaliações. A respeito das justificativas, vários alunos reconheceram como incentivo a leitura, atividades que os estudantes dos outros cursos criticaram e consideraram desmotivadoras. Esse dado é interessante, pois mostra como os trabalhos e atividades não podem ser fixas e padronizadas para todos as turmas, idades e alunos. Requer criatividade e sensibilidade do professor para que adapte as atividades, de acordo, com características dos alunos.

<b>Descreva brevemente como os professores de outras matérias incentivavam a leitura</b>		
Livros de literatura	1	4,76%
Importância da leitura	5	23,81%
Leitura obrigatória	1	4,76%
Livros didáticos	1	4,76%
Avaliação e pesquisas	2	9,52%
Leitura Complementar	13	61,90%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	19,05%

**Tabela 41: Vivências de leituras dos estudantes**  
**Fonte:** elaboração própria

Em relação as visitas culturais aos museus e livrarias, observa-se que os índices foram de 52,38%, como consta na tabela 42.

Em relação a estas visitas foram notadas uma queda em relação as outras respostas dos demais cursos mostrando que esta atividade não compõem muito a rotina dos estudantes.

<b>LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS</b>												
<b>Curso</b>	<b>1 vez por semana</b>		<b>2 vezes por mês</b>		<b>1 vez por mês</b>		<b>1 vez por semestre</b>		<b>1 vez por ano</b>		<b>nunca</b>	
<b>Biblioteconomia</b>	1	4,76%	1	4,76%	3	14,29%	5	23,81%	1	4,76%	10	47,62%

**Tabela 42: frequência aos museus e às livrarias**  
**Fonte:** elaboração própria

A sexta pergunta refere-se aos conceitos de leitura na percepção dos estudantes de biblioteconomia. Os dados são apresentados na tabela 43. Os conceitos de leitura dos alunos de Biblioteconomia é compreendido como mais do que a mera decodificação do código escrito. O leitor possui papel essencial na interpretação e na formação do conhecimento. Percebe-se uma aproximação dos conceitos dos alunos do Curso de Pedagogia no que se refere à aprendizagem. Quer dizer, para esses alunos, a leitura esta associada ao aprendizado, e propicia ao indivíduo processar e formar o próprio conhecimento, de forma mais autônoma, em consonância com idéias de Freire (1996). Em outros conceitos, o aluno é receptor passivo sem muita análise crítica, apenas agrega idéias já existentes.

<b>O QUE É LEITURA</b>		
Diversão e lazer	5	23,81%
Conhecimento e aprendizagem	6	28,57%
Decodificação e interpretação	8	38,10%
Análise crítica de dados	1	4,76%
Apreender o mundo através da palavra	1	4,76%
Interação com o código escrito	1	
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	19,05%

**Tabela 43: Conceito de leitura**  
 Fonte: elaboração própria

Na sétima questão, verificou-se a percepção dos estudantes de biblioteconomia sobre a biblioteca. Como era esperado, os conceitos dos alunos de biblioteconomia foram mais completos que os conceitos dos outros cursos, como se observa na tabela 44. Há ampliação da percepção da biblioteca centrando-se na relação do usuário com a informação. Os serviços foram citados, mesmo sem detalhamentos, relevando as atividades da biblioteca, não como local que recebe usuários passivamente, sem contribuir ou propor nada novo. O lazer e a diversão também foram citados ampliando ainda mais as ações deste ambiente (não apenas físico, como também foi citado), que não deve estar somente associado ao trabalho e estudo.

O QUE É BIBLIOTECA		
Local que reúne de forma organizada, informações em diferentes suportes e diferentes meios.	1	4,76%
Local que reúne de forma organizada, informações em diferentes suportes e diferentes meios, para atender as necessidades dos usuários	7	33,33%
Instituição que guarda e preserva a memória humana através dos registros	1	4,76%
Local de acesso à informação física ou virtual	4	19,05%
Local de conhecimento e lazer	5	23,81%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	4,76%

Tabela 44: Conceito de biblioteca

Fonte: elaboração própria

A oitava questão verificou a frequência da utilização de serviços prestados pelas bibliotecas consultadas pelos estudantes. Os dados da tabela 45 mostram que o serviço usado com maior frequência é o empréstimo e o serviço com menor frequência é a orientação com o bibliotecário.

UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA														
Serviços	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Consulta local	2	9,52%	4	19,05%	6	28,57%	3	14,29%	3	14,29%	1	4,76%	
Empréstimo			2	9,52%	10	47,62%	7	33,33%	2	9,52%				
Estudo			7	33,33%	2	9,52%	5		1	4,76%	1	4,76%	4	19,05%
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)			1	4,76%	1	4,76%	3	14,29%	3	14,29%	8	38,10%	3	14,29%
Fotocópia			1	4,76%	1	4,76%	3	14,29%	2	9,52%	7	33,33%	11	52,38%
Orientações com o Bibliotecário			2	9,52%	1	4,76%	1	4,76%	2	9,52%	4	19,05%	10	47,62%
Internet	2	9,52%	3	14,29%	1	4,76%	3	14,29%	2	9,52%	3	14,29%	6	28,57%
Leitura de revistas e jornais	2	9,52%	2	9,52%	3	14,29%	2	9,52%	1	4,76%	1	4,76%	9	42,86%

Tabela 45: utilização dos serviços da biblioteca

Fonte: elaboração própria

Sobre esta utilização foi verificada uma pequena queda na frequência de utilização dos serviços se comparada aos cursos de letras e pedagogia. Nos outros cursos haviam predominância das visitas diárias e semanais, já nas tabelas abaixo, verificou-se uma

predominância nos atendimentos mensais. Observa-se que não haver perfil único de marcação para todos os serviços. Isto por que os alunos do curso de Biblioteconomia entendem melhor o funcionamento e os conceitos dos serviços respondendo de forma mais próxima a realidade vivida. Como exemplos da diferença de respostas e conhecimento, pode-se indicar o Empréstimo e as orientações com o bibliotecário. O empréstimo trata-se de um serviço em que o usuário pode retirar determinados documentos da biblioteca para leitura e/ou estudo em casa. Esta é uma atividade que requer tempo do usuário para a “leitura” do documento, não para realizar o serviço na biblioteca. Mesmo que se trate do empréstimo de um filme, o usuário precisa de tempo para assisti-lo, logo não é ~~muito~~ possível a visita diária à biblioteca para a realização de empréstimos.

A respeito da orientação com o bibliotecário, trata-se um serviço ainda mais desconhecido pelos usuários. Ele consiste em auxílio para a realização de uma pesquisa mais detalhada no acervo da biblioteca ou em base de dados. Isto é, a Referência, nome utilizado por este serviço, é uma pesquisa cuidadosa e detalhada feita pelo próprio bibliotecário para auxiliar o usuário a localizar documentos e informações, em diversos acervos e bases de dados, necessárias para realizar uma pesquisa. Este serviço é diferente da solicitação de ajuda para localizar um livro na estante ou localizar alguma informação pontual. Essas atividades rotineiras na biblioteca são, normalmente, realizadas pelos auxiliares.

A Referência é pouco divulgada e, em muitos casos, inexistentes nas bibliotecas brasileiras, pois consiste-se em um processo lento, iniciado com uma entrevista ou preenchimento de um formulário para que o bibliotecário entenda e possa traçar estratégias para localizar os documentos pertinentes aos interessados. Isso pode durar dias ou até semanas. Esta definições demonstram a inviabilidade da utilização diária destes serviços. Porém, os demais serviços apresentados nos questionários são plausíveis de utilização diária, por exemplo, a leitura de periódicos, acesso a internet.

A nona questão teve o objetivo de verificar a opinião dos estudantes sobre a própria formação para atuar na formação de leitores na educação básica. Os resultados são apresentados na tabela 46. Dos estudantes, 28,57% declaram ter formação adequada, enquanto 57,14% não se declaram confiantes para realizar tal tarefa. Abaixo estão quadros com as justificativas. Nesta questão, as respostas dos estudantes de Biblioteconomia também se diferenciaram das respostas dos demais estudantes.

<b>VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
6	28,57%	12	57,14%	3	14,29%
<b>PORQUE</b>					
Houve orientação para lidar com o usuário, disseminar a informação e atender as necessidades informacionais				1	4,76%
Não houve interesse pessoal				1	4,76%
Faltou atividades práticas				2	9,52%
Não foi tratado pela grade da faculdade				5	23,81%
Foi tratado pela grade da faculdade				1	4,76%
Problemas com as ênfases				4	19,05%
Importância da leitura				1	4,76%
Pouco tempo e pouca informação				1	4,76%
Formação continuada				1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>				4	19,05%

**Tabela 46: Formação do mediador de leitura nas faculdade**

Fonte: elaboração própria

Em seguida, os estudantes de biblioteconomia foram solicitados a esclarecer o motivo de declarar aptos ou não a trabalhar com o incentivo à leitura. Os dados da tabela 46 mostram que as justificativas para falta de preparo foram as ênfases e a grade curricular. Alguns alunos relataram se sentir prejudicados e/ou inseguros por cursarem a ênfase empresarial. Outros reclamaram que o assunto não foi tratado durante as disciplinas ou não houve vivência prática para a atuação. A questão das ênfases realmente é um grande ponto de discussão na faculdade e muitos alunos não concordam com este ponto da formação. Isso porque, muitas vezes, precisam escolher entre uma das ênfases sem estar prontos ou saberem realmente as consequências da escolha.

Os alunos que acreditam estar preparados, justificam a formação pelo interesse pessoal, de trabalhos e discussões na faculdade, além da formação continuada que contribui com o aprimoramento do trabalho prestado.

A partir da décima questão, foi verificada a realidade das escolas vividas pelos estudantes. Ao serem questionados sobre se estagiam em escolas, os estudantes que declararam ter experiências em escolas foram apenas 23,81%, enquanto 76,19% disseram não atuar nesta área. Este valor baixo, 23,81% demonstra o pouco interesse que os profissionais tem em se especializar na área de educação, buscando outros mercados e atuações. Daí, é

importante retomar Silva (1995) ao discutir sobre a situação de abandono da biblioteca escolar brasileira.

<b>ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
5	23,81%	16	76,19%		

**Tabela 47: Estágio/ trabalho em escola**

Fonte: elaboração própria

As próximas questões verificam a situação das bibliotecas escolares existentes nos locais de estágios. Ao tratar da existência de bibliotecas no local de estágio, 5 estudantes responderam afirmativamente. É importante observar que serão tratados apenas os dados dos questionários femininos, pois os alunos que não marcaram a opção sexo não estagiam ou trabalham em escolas e o aluno que declarou atuar em uma escola não respondeu o restante do questionário.

<b>EXISTE BIBLIOTECA NA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
4				1	4,76%
<b>COMO ELA É UTILIZADA</b>					
Estudo e leitura				1	4,76%
Lazer e diversão				1	4,76%
Acesso a comunidade escolar				1	4,76%
Pouco Utilizada				1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>				2	9,52%

**Tabela 48: Existência biblioteca na escola**

Fonte: elaboração própria

Em seguida, os alunos de biblioteconomia tiveram a oportunidade de descrever como a biblioteca do local em que estagiam é utilizada. A tabela 48 apresenta os resultados coletados. As alunas atuantes em bibliotecas escolares relataram que a biblioteca é utilizada como espaço de leitura e estudo para a comunidade escolar. Dentre as quatro bibliotecas, uma é pouco utilizada.

As alunas de biblioteconomia da UFG que estagiam em escolas puderam responder se acham adequada ou não a utilização da biblioteca no ambiente em que trabalham, como mostra tabela 49. Duas alunas, 50% da amostra concordam com a utilização do espaço e duas discordam da maneira como a biblioteca é utilizada.

<b>VOCÊ CONSIDERA ADEQUADA A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOECA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
2	9,52%	2	9,52%	1	4,76%
<b>PORQUE</b>					
Não aproveita todo o potencial				2	9,52%
Ela é bem frequentada e dinâmica no atendimento ao público				1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>				2	9,52%

**Tabela 49: Adequação da utilização da biblioteca**

Fonte: elaboração própria

Ao justificarem os motivos da concordância ou discordância da forma como a biblioteca é utilizada na escola, tabela 49, duas estudantes acreditam que o potencial da biblioteca é pouco explorado e que ela deveria ter mais atividades e serviços. Uma respondente se omitiu e outra concorda com o atendimento dinâmico e efetivo da biblioteca.

Por meio da análise dos dados, é possível perceber que as leituras são discutidas e fazem parte do cotidiano dos estudantes e de suas famílias, mesmo havendo alguns que ainda não percebem esta presença. Também foram percebidos preconceitos em leitura, como a super valorização de determinados documentos ou tipos de leitura, considerados melhores e superiores e, em alguns casos, até camuflam e apagam outros tipos de leitura e documentos que passam a não ser consideradas leituras. Esta ação, que, muitas vezes, passa despercebida ou é estimulada na academia pode ser prejudicial na formação dos leitores, pois pode distanciar a escola distante da realidade dos nossos estudantes.

Contudo, os piores resultados estiveram com as bibliotecas que ainda são vistas como meros acervos de livros, desprezando o verdadeiro potencial das bibliotecas, especialmente as escolares. Por causa do desconhecimento e desinteresse, o abandono das bibliotecas escolares fica oculto para a maioria das pessoas que se satisfaz com uma sala de aula mal adaptada, com livros amontoados. Se esta sala estiver com crianças fazendo “malabarismo e contorcionismo” para se virarem com acervos desatualizados e/ou inadequados, muitos são capazes de soltar foguetes e elogiar a “ótima” estrutura e ainda citar o espaço com exemplo a ser seguido.

## 7. ANALISE CURRICULAR

A segunda parte desta pesquisa trata-se da análise das ementas dos três cursos e a verificação das disciplinas que tratam da formação dos professores para trabalhar a leitura nas escolas.

### 7.1. Ementas do curso de Letras

Na matriz curricular do curso de letras<sup>18</sup> foi encontrada 13 disciplinas que tratam do assunto “leitura” em suas ementas. Foram analisados as ementas das disciplinas da Área de Português e Lingüística e da Área de Literatura.

A primeira disciplina que trabalha o assunto é **Leitura e produção textual**. Na ementa descreve a disciplina como “Prática de leitura e produção de textos com ênfase nos aspectos de sua organização.” A disciplina trabalha a produção de texto com foco na gramática, coesão e coerência do texto, como apresentado na bibliografia básica. A leitura é trabalhada tendo como suporte a bibliografia básica, composta pelas obras:

FREIRE, P. *A importância do ato de ler* (em três artigos que se completam). São Paulo: Cortez, 1983.  
GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. São Paulo: Ática, 1999.

A bibliografia complementar é totalmente voltada para a produção de texto e redação. Outra disciplina que trata da leitura é **Estudos sobre letramento**. Consta em sua ementa: “Usos sociais da leitura e da escrita: eventos e práticas de letramento. Abordagem das teorias do processo de aquisição de leitura e escrita; análise das práticas escolares e não escolares de letramento.” Observa-se que o foco é diferente. O letramento é a capacidade de decodificar, compreender e interpretar no cotidiano diversos tipos de texto. Pressupõe a formação crítica do cidadão, algo extremamente necessidade na formação acadêmica e humana. Mas também pressupõe o contato com diversos os gêneros textuais como quadrinhos, receitas, bulas. A bibliografia básica possui várias obras livros que tratam da leitura, da escrita e da oralidade. Os textos descritos tratam da leitura de maneira mais geral, do todo, isto é dos tipos de leitura. Introdutórias sobre o assunto que descrevem a origem, os primeiros suportes, dentre outros.

---

<sup>18</sup> Matriz completa verificar Anexo A.

CHARTIER, R. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.  
 MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Outras disciplinas localizadas ~~foram~~ são as disciplinas de estágio. Segue as disciplinas com as ementas e as obras da bibliografia complementar.

**Estágio 2 (Português)**

O ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, segunda fase: objetivos, conteúdos, metodologias, avaliação. Análise e elaboração de material didático. Leitura do texto literário.

**Bibliografia complementar**

GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Livros didáticos, escola, leitura*. In: A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

**Estágio 3 (Português)**

O ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio: objetivos, conteúdos, metodologias, avaliação. Análise e elaboração de material didático. Leitura do texto literário. A pesquisa no contexto escolar.

**Bibliografia complementar**

DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Col. educação contemporânea).

**Estágio 4 (Português)**

Experiência docente no campo de estágio. Elaboração e apresentação dos resultados de pesquisa sobre o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

**Bibliografia complementar**

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997

PAIVA, A. et al. (Org.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2004.

Estas disciplinas pretendem trabalhar a leitura, a pesquisa e a formação do aluno com autonomia e com respeito a seus conhecimentos (FREIRE, 1997). As cinco disciplinas pertencem a Área de Português e Lingüística.

Agora serão verificadas as Em relação as disciplinas da Área de Literatura, inicialmente localizou-se a disciplina **Tópicos de história da literatura**, cuja ementa a descreve como “Estudo dos principais estilos e períodos literários e de suas características básicas, mediante a análise de autores e obras representativas da literatura ocidental. Reflexões sobre o ensino da literatura.” Nenhum livro da bibliografia básica ou complementar trata diretamente da formação de leitores.

Outra disciplina da literatura que pode se vincular a formação de leitores é **Teoria do poema**. Na ementa a disciplina é proposta como “Estudo da natureza e desenvolvimento

da linguagem poética a partir de teorias que tenham por objeto o poema como forma de expressão da poesia. Utilização do texto poético no processo de ensino e aprendizagem.”

Foram identificadas as obras que se relacionam à formação de leitores:

**Bibliografia básica**

BOSI, V. et al. *O poema: leitores e leituras*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2001.

BOSI, A. (Org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

**Bibliografia complementar**

MORICONI, Í. *Como e por que ler poesia contemporânea*. São Paulo: Objetiva, 2003.

A disciplina **Estudos comparados de literatura ocidental** possui três obras na bibliografia complementar que tratam da leitura e do leitor.

BLOOM, H. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MEYER, A. *Do leitor*. Textos críticos. São Paulo: Perspectiva, 1986.

A disciplina **Literatura infantil e juvenil 1 e 2**, trata da temática da literatura infantil e juvenil brasileira, cujos tópicos de estudos a serem investigados no decorrer do curso são:

Monteiro Lobato e a renovação da literatura infantil brasileira. Relação texto e ilustração. Livros de imagens. A literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea: poetas, ficcionistas e ilustradores. Critérios de seleção do livro infantil e juvenil. A leitura da literatura infantil e juvenil na escola.

A tradição oral e a literatura infantil. Histórias de fadas recolhidas e parodiadas. A tradição oral brasileira na literatura infantil e juvenil contemporânea. Abordagens críticas ao texto infantil. A leitura da literatura infantil e juvenil na escola.

A referida disciplina trabalha com as obras:

**Bibliografia básica 1**

COELHO, N. N. *Literatura infantil*. Teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 1991.

ZILBERMANN, R.; LAJOLO, M. *Literatura infantil brasileira*. História & histórias. São Paulo: Ática, 1982.

**Bibliografia básica 2**

COELHO, N. N. *Literatura infantil*. Teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 1991.

ZILBERMANN, R.; LAJOLO, M. *Literatura infantil brasileira*. História & histórias. São Paulo: Ática, 1982.

Outras disciplinas que tratam da literatura e possuem livros em suas bibliografias são: **Literatura portuguesa 1 e 2** e **Literatura brasileira 1**. As referências dos livros são:

MATOS, M. V. L. de. *Ler e escrever – ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.  
 REIS, C. *Construção da leitura*. Coimbra: INIC, 1982.  
 BOSI, A. (Org.). *Leituras de poesia*. São Paulo: Ática, 2000.

As disciplinas sobre leituras apresentadas centram-se na leitura de clássicos, literaturas e no tipo de leitura racional, fundamentais para a formação do ser humano. Nos últimos anos, como se pode observar pelos parâmetros curriculares do MEC tem se buscado trabalhar em sala de aula os diversos tipos de gêneros. Evidentemente, ainda existem docentes que valorizam mais determinadas obras do que outras. Isso pode ser explicado culturalmente. Por isso, deve-se ter cuidado com a super valorização de determinadas obras em detrimento de outras. A leitura deve ser tratada como a oralidade, isto é, apresentando-se outras perspectivas ao aluno, mas sem discriminar ou reprimir sua linguagem, seus costumes e conhecimento de mundo.

Outra constatação acerca da matriz curricular foi a não localização de disciplina que abordasse a biblioteca escolar, seja a sua utilização, abordagem ou ao menos a importância.

## 7.2. Ementas do curso de Pedagogia

A matriz curricular<sup>19</sup> do curso de Pedagogia foi analisada, no entanto não foi possível localizar a bibliografia básica e complementar das disciplinas, por não estar disponível. Por isso, não foi possível especificar as temáticas e perspectivas trabalhadas nas disciplinas.

Foram localizadas três disciplinas, cujas ementas abordam a leitura e a formação de leitores:

### **Alfabetização e letramento**

Linguagem, sociedade, cultura, discurso e ensino de língua. Alfabetização e letramento. Concepções teóricas de aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita. Práticas lingüístico-discursivas e formação do leitor e do escritor. Literatura e alfabetização.

### **Fundamentos e metodologia de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental I**

Concepções de linguagem e lingüística. Ensino de língua e fracasso escolar. Leitura, produção de texto e análise lingüística. Literatura.

---

<sup>19</sup> Matriz completa verificar Anexo B

**Fundamentos e metodologia de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental II**

Leitura, produção de textos e análise lingüística. Pesquisa e formação do leitor e do escritor. Discurso, docência e pesquisa. Literatura. Diretrizes e projetos, em língua portuguesa, para a escola.

Nas disciplinas citadas, a leitura está mais focada na iniciação, conquista e formação do leitor. No entanto, observa-se que a leitura foi trabalhada exclusivamente na disciplina de Língua Portuguesa, mas poderia ser uma importante ferramenta no ensino e na formação das demais disciplinas.

Da mesma forma que no curso de letras, não foi encontrada disciplina ou tópico de estudo que tratasse da biblioteca escolar. Nesse caso, esta é uma sugestão que pode auxiliar muito na mudança da atual situação de abandono da biblioteca escolar. Afinal se os professores forem preparados para aproveitar o potencial das bibliotecas, estas serão mais exigidas e terão um real apoio da escola e da comunidade, assim poderão contribuir mais com o professor, com a escola e com os alunos.

### 7.3. Ementas do curso de Biblioteconomia

Na matriz curricular<sup>20</sup> do curso de Biblioteconomia foram identificadas cinco disciplinas que abordam a história da leitura e/ou a temática leitura, contribuindo para a formação do estudante como leitor. As disciplinas são:

**História da cultura e dos registros do conhecimento.**

Introdução às teorias da cultura. Cultura na sociedade antiga, média e contemporânea. A informação como base do processo cultural. As instituições de informação como agências de produção e transmissão cultural. Perspectiva histórica dos registros da informação. Espaços de comunicação e da cultura, das primeiras formas à atualidade. Produção atual dos registros do conhecimento. Informação como componente histórico-social. Cultura da informação na sociedade pós-industrial. Estrutura de poder e sociedade de massa. Informação, sociedade e cidadania inter-relações. Ação cultural do profissional da informação no processo de mudança social.

**Bibliografia Básica:**

BELO, André. *O que é a história do livro e da leitura?* In: História & livro e leitura. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 37 – 70.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 1999.

---

<sup>20</sup> Matriz completa verificar Anexo C

Esta disciplina é introdutória e tem o objetivo de abordar de maneira genérica o surgimento da linguagem, da cultura e dos registros do conhecimento.

Outra disciplina que discute temas políticos e a leitura como ferramenta emancipatória do é **Políticas de informação educacional e social**. Os tópicos de estudos da disciplina são:

Informação social produção, circulação e divulgação. Sistemas de produção cultural. Administração das ações culturais. O papel do Estado e atuação da sociedade civil diante da cultura. Políticas culturais e educacionais no Brasil. Educação, informação e cultura. Panorama histórico de educação no país. Processos educativos em sistemas de informação social. A literatura enquanto instrumento de educação em sistemas de informação social.

**Bibliografia Básica:**

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura*. São Paulo: Ed. Ática. 2001.

Esta disciplina busca dar uma visão mais crítica da produção cultural. Os alunos para cursarem devem ter cursado outras introdutórias. Contudo, essa disciplina não fornece instrumentos para formar o leitor. Ela possibilita uma ampla visão da sociedade educacional e da relação com o leitor.

A disciplina “Leitura e sociedade”, voltada exclusivamente para a temática leitura, busca instrumentalizar o aluno de biblioteconomia para o trabalho com a formação com o leitor.

Concepções de leitura. Textos e contextos. Tipos de textos, modos de leitura. Práticas promotoras de leitura em diferentes instâncias. Os diferentes mediadores da leitura. A leitura no desenvolvimento social, econômico e político. A leitura na família, na escola, na biblioteca. Programas de promoção da leitura.

**Bibliografia Básica:**

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia das letras, 1997.

ZILBERMAN, Regina. *Fim dos livros, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Anne-Marie & HERBRARD, Jean.. *Discursos sobre a leitura*. São Paulo: Ática, 1995. 2v.

MARINHO, Marildes (org.) *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *A Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *A Leitura rarefeita: livro e leitura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. *O preço da leitura*. São Paulo. Ed. Ática. 2001.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

A disciplina **Língua portuguesa: redação e expressão I** trabalha com a formação dos estudantes centrada na produção de texto. A ementa trata dos tópicos:

Desenvolvimento da capacidade de leitura, de análise e de produção textual a partir de elementos constitutivos do texto, bem como de suas relações entre estrutura, coesão, argumentação e o tipo do autor, observando-se as novas gramaticais vigentes.

Esta disciplina trabalha com o tipo de leitura racional, que contribui com a vida acadêmica e profissional dos estudantes

A última disciplina localizada no curso de biblioteconomia intitulada “**Introdução aos estudos literários**” trabalha com o estudo e conhecimento sobre literatura. A ementa da disciplina é

O texto literário. O conceito de arte. Conceitos fundamentais. Relações entre ficção e realidade. A questão dos gêneros literários. A intertextualidade. A circulação dos textos literários. Autores representativos da literatura ocidental.

**Bibliografia Básica:**

FILHO, Domício Proença. *A Linguagem Literária*. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1967.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

Estas disciplinas contribuem com a formação do profissional leitor para atuar na formação de leitores no mercado. Ressalta-se a necessidade de disciplinas voltadas para vivência prática, pois, muitas vezes, cabem aos estudantes buscar estas vivências nos estágios. Além disso, como a leitura é um processo de aprendizagem, outra disciplina imprescindível seria uma que tratasse dos processos cognitivos básicos.

Retomando a questão da ênfase levantada nas respostas do questionário, a disciplina que mais trabalhou a leitura pertence à ênfase educacional, o que penalizou os estudantes da ênfase organizacional. Nesse caso, eles terão de recorrer à formação continuada e ao esforço próprio para suprir as necessidades no mercado. Afinal, o leitor deve ser construído durante toda a sua vida e não apenas durante a educação básica e formação acadêmica, especialmente quando se sabe que a educação foi deficitária em vários pontos.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve o objetivo de verificar a formação dos educadores da UFG e avaliar se eles estão sendo preparados para atuar na formação de leitores nas escolas. Assim, será possível trabalhar na mudança dos baixos índices registrados em pesquisas como o Pisa e Retratos da Leitura no Brasil.

Com as respostas dos questionários foi verificado que a leitura e o ensino são trabalhados na faculdade até sobre os Preceitos de Freire, da autonomia e da emancipação. Contudo, há ainda os preconceitos em leitura, com a super valorização da leitura racional (MARTINS, 2004) e a desvalorização dos outros tipos e níveis de leitura.

Este preconceito pode distanciar ainda mais a escola da vida extramuros dos alunos. Este distanciamento da escola reflete as péssimas opiniões e idéias que muita gente tem sobre a escola. Estas opiniões e sentimentos foram traduzidos para as obras literárias de autores como Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade e J. J. Veiga citados no início do trabalho.

Uma das formas de diminuir a distância da escola com a vida dos alunos seria o aproveitamento dos recursos que os alunos dispõem em suas vidas extramuros e não limitá-los, acreditando ser mais um empecilho que uma ferramenta a favor da educação, como muitas vezes, acontecem com tecnologias como MP3, internet, celulares... Outra forma é a interdisciplinaridade e a associação do conteúdo ensinado com a vida cotidiana.

Esta interdisciplinaridade deve ser tratada com a leitura, que, muitas vezes, fica restrita as aulas de língua portuguesa. O mesmo deve acontecer com a biblioteca escolar, que está em uma situação crítica. E mais, a formação acadêmica ainda está muito aquém para resgatá-la e integrá-la efetivamente à escola e à comunidade escolar.

O assunto não foi completamente esgotado neste trabalho, que apenas avaliou e propôs algumas melhorias e observações à formação acadêmica de alguns cursos realizados na Universidade Federal de Goiás. O assunto ainda requer muito estudo e pode ser estendido à todos os cursos de licenciatura da UFG. Desta forma, pode-se realmente propor a formação de leitores nas escolas de uma maneira interdisciplinar e com um real apoio da Biblioteca Escolar.

## 9. REFERÊNCIA

ADAMS, Ray; BEREZNER, Alla. **Analysis Of Pisa 2006 Preferred Items Ranking Using The Percent-Correct Method**. Disponível em:

<<http://www.pisa.oecd.org/dataoecd/20/43/44919855.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2010

ANDRADE, Carlos Drummond de. Aula de Português. In: \_\_\_\_\_. **A palavra mágica: poesia**. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 26. ISBN 8501048801 (broch.).

AZANHA, José Mário Pires. **Uma reflexão sobre a formação do professor da escola básica**. Educ. Pesqui. [online]. 2004, vol.30, n.2, pp. 369-378. ISSN 1517-9702. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022004000200016&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200016&lng=en&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em: 28 abr. 2010.

BRZEZINSKI, Iria. **Políticas contemporâneas de formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental**. Educ. Soc. [online]. 2008, vol.29, n.105, pp. 1139-1166. ISSN 0101-7330. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302008000400010&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000400010&lng=en&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em: 28 abr. 2010.

BUARQUE, Cristovam. **A universidade numa encruzilhada**. Paris: Ministério da Educação; UNESCO, 2003. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000035.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2010.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

DAVIS, Claudia et al. Posturas docentes e formação universitária de professores do ensino fundamental. **Cad. Pesqui. [online]**. 2007, vol.37, n.130, pp. 227-245. ISSN 0100-1574. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742007000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em: 28 abr. 2010.

DE PIETRI, Emerson. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 92 p. (Coleção Tópicos em Linguagem). Inclui bibliografia e índice. ISBN 9788586930652 (Broch.).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortez; Ed. Autores Associados, 1985. 96 p. (Polêmicas do Nosso Tempo).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 148 p. (Leitura). ISBN 8521902433 (broch.).

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura de professores e professoras: o que diz a historiografia da educação brasileira. In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Belo Horizonte, MG: Ceale, Mercado das letras, 2001. p. 77-118.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; TESCAROLO, Ricardo. Desafios para implementar o letramento informacional na educação básica. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, Apr. 2010. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982010000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 jul. 2010.

GIOVANI, Luciana Maria. **From informer teacher to partner teacher**: Reflections on the role of the university towards teachers' professional development and changes at school. Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 44, Apr. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621998000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100005&lng=en&nrm=iso)>. access on 28 abr. 2010. doi: 10.1590/S0101-32621998000100005.

GUIMARÃES, Milena B. H.; GUIMARÃES, Morgana B. H. Mídia, leitura e biblioteca escolar. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO DO SUL, 12., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/cabam/erebd/anais>>. Acesso em: 30 abr. 2010.

GUNTHER, Hartmut. **Como elaborar um questionário**. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/393/446>>. Acesso em: 28 jun. 2010.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos de leitura no Brasil**. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>>. Acesso em 28 abr. 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006. 112 p. (Educação em ação). ISBN 850804383 (broch.).

LEAHY, Cyana. **A leitura e o leitor integral**: lendo na biblioteca da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 111 p. (Leitura, Escrita e oralidade). ISBN 8575261886 (broch.).

LER e navegar: espaços e percursos da leitura. Marildes Marinho. Campinas: Mercado de Letras, 2001. 236 p., il. -. (Leituras no Brasil). Inclui bibliografia. ISBN 8585725745 (broch.).

LUDKE, MENGA. **O professor, seu saber e sua pesquisa**. Educ. Soc. [online]. 2001, vol.22, n.74, pp. 77-96. ISSN 0101-7330. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302001000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em: 28 abr. 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2004. 93 p., il. (Primeiros Passos).

NUNES, Célia Maria Fernandes. **Saberes docentes e formação de professores**: um breve panorama da pesquisa brasileira. Educ. Soc. [online]. 2001, vol.22, n.74, pp. 27-42. ISSN 0101-7330. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302001000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em: 28 abr. 2010.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT. **The PISA 2003 Assessment Framework**: Mathematics, Reading, Science and Problem Solving Knowledge and Skills. 200 p. Disponível em: <<http://www.pisa.oecd.org/dataoecd/46/14/33694881.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2010.

PESSOA, Fernando. **O guardador de rebanhos**: e outros poemas. Seleção e introdução de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Laboratório de Ensino a Distância, 2001. Disponível em:  
<<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>>. Acesso em: nov. 2009.

SILVA, Waldeck Carneiro. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995. 117p.

SOARES, Magda. O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Belo Horizonte, MG: Ceale, Mercado das letras, 2001. p. 31-76.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen V. R. and BARTHOLO JUNIOR, Roberto dos Santos. **O professor e o ato de ensinar**. Cad. Pesqui. [online]. 2005, vol.35, n.126, pp. 689-698. ISSN 0100-1574. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742005000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em: 28 abr. 2010.

VEIGA, José Jacinto. **Torvelinho dia e noite**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 207 p. ISBN 9788528608649 (broch.).

VICENTINI, Adriana Alves Fernandes; LEONARD, Edivaldo Marcondes; MENDES, Eliane Guimarães; FARIAS, Maria Natalina de Oliveira. **A prática da escrita e da leitura na formação docente**. Disponível em:  
<[http://www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss02\\_05.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss02_05.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2010.

VIEIRA, Alice. **Formação de leitores de literatura na escola brasileira**: caminhadas e labirintos. Cad. Pesqui. [online]. 2008, vol.38, n.134, pp. 441-458. ISSN 0100-1574. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742008000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em: 28 abr. 2010.

## APÊNDICE A –QUESTIONÁRIO

Este questionário destina-se a coletar dados para a pesquisa “A formação acadêmica dos educadores para atuar na formação de leitores em escolas” do Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia da UFG.

### 1. Marque o curso que você está concluindo, o turno e seu sexo:

Letras ( )                      Matutino ( )                      Feminino ( )  
 Biblioteconomia ( )              Vespertino ( )                      Masculino ( )  
 Pedagogia ( )                      Noturno ( )

### 2. Você se considera um leitor?

Sim ( ) Não ( )

Por que: \_\_\_\_\_

### 3. Qual o motivo de suas leituras hoje? Com que frequência elas ocorrem?

Legenda de Frequência							
Motivos de leitura	Diariamente	2 ou 3 vezes por semana	1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	2 ou 3 vezes por semestre	nunca
Curiosidade							
Diversão/ lazer							
Necessidade do cotidiano							
Informação							
Outros							

### 4. Com que frequência você lê os materiais descritos a seguir? (Responda conforme a legenda).

Legenda de Frequência							
Leituras	Diariamente	2 ou 3 vezes por semana	1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	2 ou 3 vezes por semestre	nunca
Quadrinhos							
Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)							
Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)							
Revistas especializadas (Galileu, Superinteressante, Nova Escola, Exame...)							
Livros de literatura							
Textos científicos							

Com que frequência você utiliza Internet ?

Legenda de Frequência							
Internet	Diariamente	2 ou 3 vezes por semana	1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	2 ou 3 vezes por semestre	nunca
e-mail							
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...							
e-books							
Artigos Científicos							
Sites de relacionamento							

**5. Relação com a leitura durante a educação básica (Alfabetização, Ensinos Fundamental e Médio):**

**Com que frequência membros de sua família liam?**

Legenda de Frequência						
Diariamente	2 ou 3 vezes por semana	1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	2 ou 3 vezes por semestre	nunca

**Seus responsáveis assinavam revistas e/ou jornais?**

Sim ( ) Não ( )

**Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura?**

Legenda de Frequência						
Diariamente	2 ou 3 vezes por semana	1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	2 ou 3 vezes por semestre	nunca

**Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura?**

Legenda de Frequência						
Diariamente	2 ou 3 vezes por semana	1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	2 ou 3 vezes por semestre	nunca

**Descreva brevemente como esses professores incentivavam a leitura?**

---



---



---

**Com que frequência você UTILIZAVA a biblioteca?**

Legenda de Freqüência						
Diariamente	2 ou 3 vezes por semana	1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	2 ou 3 vezes por semestre	nunca

**Com que freqüência sua família ou escola o levavam à museus e/ou livrarias?**

Legenda de Freqüência					
1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	1 vez por semestre	1 vez por ano	nunca

**6. Defina com suas palavras o que é leitura?**

---



---



---



---

**7. Defina com suas palavras o que é biblioteca?**

---



---



---



---

**8. Com que freqüência você utiliza os serviços da bibliotecas?**

Legenda de Freqüência							
Leituras	Diariamente	2 ou 3 vezes por semana	1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	2 ou 3 vezes por semestre	nunca
Consulta local							
Empréstimo							
Estudo							
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)							
Fotocópia							
Orientações com o Bibliotecário							
Internet							
Leitura de revistas e jornais							

**9. Você considera a formação que recebeu na faculdade adequada para ser um mediador de leitura nas escolas? Por quê?**

---

---

---

---

**10. Você estagia ou trabalha em uma escola?**

Sim ( ) Não ( )

Caso a resposta da questão 10 seja afirmativa responder as questões 11, 12 e 13.

**11. Existe biblioteca na escola?**

Sim ( ) Não ( )

**12. Como ela é utilizada?**

---

---

---

**13. Você considera adequada a utilização? Por que?**

---

---

---

---

## APÊNDICE B – TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS LETRAS

Marque o curso que você está concluindo, o turno e seu sexo:

LETRAS				56	58,95%
MATUTINO		VESPERTINO		SEM RESPOSTA	
21	37,50%	27 <sup>1</sup>	48,21%	8	14,29%
SEXO					
FEMININO		MASCULINO		SEM RESPOSTA	
37	66,07%	13	23,21%	6	10,71%

### RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS QUE MARCARAM A OPÇÃO SEXO MASCULINO.

Você se considera um leitor?

VOCÊ SE CONSIDERA UM LEITOR					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
11	19,64%	1	1,79%	1	1,79%
PORQUE					
Gosto de ler				1	1,79%
Por diversão e lazer				2	3,57%
Leitura de clássicos				1	1,79%
Necessidade cotidiana				5	8,93%
Leio muito				1	1,79%
Tenho o hábito da leitura				2	3,57%
Realiza leitura obrigatória				2	3,57%
Porque leio				1	1,79%
Faço leituras diversas				2	3,57%
SEM RESPOSTA				1	1,79%

<sup>1</sup> Dos 27 questionários respondido no turno vespertino, 3 marcaram vespertino e mattino, contudo foram contabilizados apenas no turno vespertino.

Qual o motivo de suas leituras hoje? Com que frequência elas ocorrem?

TIPOS DE LEITURA, LETRAS														
Motivos de leitura	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Curiosidade	6	10,71 %	2	3,57%	2	3,57%	1	1,79%					
Diversão/lazer	2	3,57%	4	7,14%	2	3,57%	1	1,79%	2	3,57%				
Necessidade do cotidiano	6	10,71 %	6	10,71 %										
Informação	7	12,50 %	4	7,14%	1	1,79%					1	1,79%		
Outros	2	3,57%	3	5,36%	1	1,79%	1	1,79%						

Com que frequência você lê os materiais descritos a seguir?

FREQUÊNCIA DE LEITURA, LETRAS														
Leituras	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Quadrinhos			5	8,93%	1	1,79%			3	5,36%	1	1,79%	1
Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)					5	8,93%	2	3,57%	3	5,36%	1	1,79%		
Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)	1	1,79%	4	7,14%	4	7,14%					2	3,57%		
Revistas especializadas (Galileu, Superinteressante, Nova Escola, Exame...)			1	1,79%	1	1,79%	4	7,14%	2	3,57%	4	7,14%	1	1,79%
Livros de literatura	3	5,36%	6	10,71 %			1	1,79%	2	3,57%	1	1,79%		
Textos científicos	4	7,14%	4	7,14%	1	1,79%	1	1,79%			2	3,57%		

Com que frequência você utiliza Internet ?

USO DA INTERNET, LETRAS														
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	e-mail	11	19,64%	1	1,79%	1	1,79%							
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...	2	3,57%	3	5,36%	3	5,36%								
e-books	1	1,79%	1	1,79%	2	3,57%			1	1,79%	2	3,57%	3	5,36%
Artigos Científicos	2	3,57%	3	5,36%	1	1,79%	1	1,79%	1	1,79%	2	3,57%		
Sites de relacionamento	1	1,79%	3	5,36%	1	1,79%	1	1,79%					1	1,79%

**Relação com a leitura durante a educação básica (Alfabetização, Ensinos Fundamental e Médio):**

LEGENDA DE FREQUÊNCIA, LETRAS														
frequência membros de sua família	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	família	2	3,57%	4	7,14%	2	3,57%	3	5,36%					2
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura	3	5,36%	3	5,36%	2	3,57%	2	3,57%	1	1,79%	1	1,79%	1	1,79%
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura	3	5,36%	2				2	3,57%			3	5,36%	3	5,36%
frequência você UTILIZAVA a biblioteca	1	1,79%	4	7,14%	3	5,36%	1	1,79%			3	5,36%	1	1,79%

Descreva brevemente como os professores de outras matérias incentivavam a leitura		
Livros e textos complementares	6	10,71%
Importância da leitura	2	3,57%
Não incentivavam	1	1,79%
Análise crítica	1	1,79%
Leitura literária	2	3,57%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	7,14%

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
4	7,14%	9	16,07%		

LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS									
Curso	1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	1 vez por semestre	1 vez por ano	nunca			
Letras				4	7,14%	4	7,14%	4	7,14%

**Defina com suas palavras o que é leitura?**

O QUE É LEITURA		
Decodificação, compreensão e interpretação	3	5,36%
Interação com o mundo	2	3,57%
Diversão e lazer	2	3,57%
Aprendizagem	1	1,79%
Visão de mundo	1	1,79%
Análise crítica	2	3,57%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	7,14%

**Defina com suas palavras o que é biblioteca?**

<b>O QUE É BIBLIOTECA</b>		
Acervo de livros	6	10,71%
Lugar de estudo e conhecimento	2	3,57%
Empréstimo	1	1,79%
Local de estudo e leitura	4	7,14%
Acervos diversos	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	3	5,36%

**Com que frequência você utiliza os serviços da bibliotecas?**

<b>UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA</b>														
Serviços	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Consulta local			6	10,71%	4	7,14%					2	3,57%	
Empréstimo			4	7,14%	5	8,93%	1	1,79%	1	1,79%	1	1,79%	1	1,79%
Estudo	1	1,79%	2	3,57%	2	3,57%	4	7,14%			1	1,79%	2	3,57%
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)			1	1,79%							4	7,14%	6	10,71%
Fotocópia					1	1,79%					3	5,36%	7	12,50%
Orientações com o Bibliotecário			1	1,79%	1	1,79%					2	3,57%	8	14,29%
Internet							1	1,79%	1	1,79%	4	7,14%	7	12,50%
Leitura de revistas e jornais			1	1,79%	1	1,79%	2	3,57%			3	5,36%	6	10,71%

**Você considera a formação que recebeu na faculdade adequada para ser um mediador de leitura nas escolas? Por quê?**

<b>VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS</b>					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
8	14,29%	3	5,36%	2	3,57%

<b>PORQUE</b>		
Leitura obrigatória	5	8,93%
formação suficiente	1	1,79%
Aprendi técnicas de incentivo a leitura	4	7,14%
Interesse próprio, importância da leitura	1	1,79%
Formação continuada	1	1,79%
Vivência prática no estágio	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	7,14%

**Você estagia ou trabalha em uma escola?**

<b>ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
13	23,21%				

**Existe biblioteca na escola?**

<b>EXISTE BIBLIOTECA NA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
11	19,64%	1	1,79%		

**Como ela é utilizada?**

<b>COMO ELA É UTILIZADA</b>		
Livre acesso a comunidade escolar	3	5,36%
Local de estudo e pesquisa	3	5,36%
Quase não é utilizada	1	1,79%
Empréstimo de livro	1	1,79%
Não há muito incentivo para utilizá-la	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	7,14%

**Você considera adequada a utilização? Por que?**

VOCÊ CONSIDERA ADEQUADA A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOECA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
5	8,93%	4	7,14%	4	7,14%

PORQUE		
Ela esta sempre cheia	1	1,79%
Falta de organização	1	1,79%
Falta incentivo	2	3,57%
Falta atividades diferenciadas	1	1,79%
Incentivo a utilização	1	1,79%
Ambiente de estudo	1	1,79%
Funciona como acredito que deve funcionar	1	1,79%
Possui acervo literário, mais pouca variedade	1	1,79%
SEM RESPOSTA		

## RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS QUE MARCARAM A OPÇÃO SEXO FEMININO.

### Você se considera um leitor?

VOCÊ SE CONSIDERA UM LEITOR					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
34	60,71%	3	5,36%	0	0,00%
PORQUE					
Gosto de ler			10	17,86%	
Leitura faz parte da rotina			11	19,64%	
Tenho o hábito da leitura			5	8,93%	
Leio literatura			4	7,14%	
Instrumento para o curso e/ou trabalho			11	19,64%	
Tenho opinião crítica nas leituras			3	5,36%	
Faço leituras diversas			7	12,50%	
Pouco tempo para leitura			1	1,79%	
Por diversão e lazer			1	1,79%	
Realizo leitura obrigatória			1	1,79%	
SEM RESPOSTA			1	1,79%	

Qual o motivo de suas leituras hoje? Com que frequência elas ocorrem?

TIPOS DE LEITURA, LETRAS														
Motivos de leitura	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Curiosidade	16	28,57%	6	10,71%	8	14,29%	3	5,36%	1	1,79%	1	1,79%	
Diversão/lazer	9	16,07%	13	23,21%	6	10,71%	2	3,57%	3	5,36%	1	1,79%	1	1,79%
Necessidade do cotidiano	30	53,57%	5	8,93%	1	1,79%	1	1,79%						
Informação	24	42,86%	4	7,14%	2	3,57%	1	1,79%	1	1,79%				
Outros	6	10,71%	2	3,57%	1	1,79%	3	5,36%	3	5,36%			1	1,79%

Com que frequência você lê os materiais descritos a seguir?

FREQUÊNCIA DE LEITURA, LETRAS														
Leituras	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Quadrinho	4	7,14%	6	10,71%	10	17,86%	2	3,57%	3	5,36%	3	5,36%	6
Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)	2	3,57%	5	8,93%	6	10,71%	9	16,07%	9	16,07%	3*	5,36%	1	1,79%
Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)	13	23,21%	5	8,93%	10	17,86%			3	5,36%	4	7,14%	1	1,79%
Revistas especializadas (Galileu, Superinteressante, Nova Escola, Exame...)		0,00%	3	5,36%	8	14,29%	4	7,14%	8	14,29%	7	12,50%	4	7,14%
Livros de literatura	20	35,71%	1	1,79%	3	5,36%		0,00%	2	3,57%	1	1,79%		
Textos científicos	10	17,86%	7	12,50%	2	3,57%	3	5,36%	5	8,93%	3	5,36%	2	3,57%

\*Uma pessoa especificou que faz leitura em outros locais, não compra.

Com que frequência você utiliza Internet ?

USO DA INTERNET, LETRAS														
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	e-mail	32	57,14%	4	7,14%	1	1,79%							
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...	19	33,93%	9	16,07%	3	5,36%	1	1,79%	2	3,57%	1	1,79%	1	1,79%
e-books	3	5,36%	6	10,71%	3	5,36%	1	1,79%	3	5,36%	3	5,36%	14	25,00%
Artigos Científicos	6	10,71%	3	5,36%	10	17,86%	3	5,36%	3	5,36%	8	14,29%	2	3,57%
Sites de relacionamento	15	26,79%	8	14,29%	3	5,36%	1	1,79%					8	14,29%

**Relação com a leitura durante a educação básica (Alfabetização, Ensinos Fundamental e Médio):**

LEGENDA DE FREQUÊNCIA, LETRAS														
frequência	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	membros de sua família	6	10,71%	9	16,07%	3	5,36%	2	3,57%	5	8,93%	2	3,57%	9
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura	11	19,64%	6	10,71%	7	12,50%	3	5,36%	3	5,36%	1	1,79%	6	10,71%
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura	7	12,50%	5	8,93%	2	3,57%	3	5,36%	2	3,57%	6	10,71%	12	21,43%
frequência você UTILIZAVA a biblioteca	4	7,14%	10	17,86%	9	16,07%	5	8,93%	1	1,79%	5	8,93%	3	5,36%

Descreva brevemente como os professores de outras matérias incentivavam a leitura		
Visita semanal a biblioteca	4	7,14%
Atividades de avaliação	6	10,71%
Leitura obrigatória	2	3,57%
Conscientização da importância da leitura	3	5,36%
Leitura complementar	9	16,07%
Leitura literária	5	8,93%
Diversão e lazer	1	1,79%
Filme complementar	1	1,79%
Não incentivava	4	7,14%
Livros didáticos	3	5,36%
Contação de história	1	1,79%
Pesquisa	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	9	16,07%

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
15	26,79%	21	37,50%	1	1,79%

LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS												
Curso	1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		1 vez por semestre		1 vez por ano		nunca	
Letras	1	1,79%	1	1,79%	3	5,36%	7	12,50%	10	17,86%	15	26,79%

Defina com suas palavras o que é leitura?

O QUE É LEITURA		
Lazer e diversão	6	10,71%
Decodificação de texto escrito	2	3,57%
Análise crítica	6	10,71%
Visão de mundo	8	14,29%
Decodificação, compreensão e interpretação	10	17,86%
Aprendizagem	10	17,86%
Decodificação e compreensão	4	7,14%
Hábito	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	3	5,36%

**Defina com suas palavras o que é biblioteca?**

<b>O QUE É BIBLIOTECA</b>		
Acervos diversos	6	10,71%
Acervo de livros	19	33,93%
Ambiente de leitura e estudo	20	35,71%
Empréstimos	4	7,14%
Diversão e lazer	3	5,36%
Pesquisa	9	16,07%
Armazenamento de informação	1	1,79%
Aprendizagem	1	1,79%
Acesso aos livros	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	1,79%

**Com que frequência você utiliza os serviços da bibliotecas?**

<b>UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA</b>														
Serviços	Diariament e		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	<b>Consulta local</b>	4	7,14%	16	28,57%	11	19,64%			2	3,57%			1
<b>Empréstimo</b>	3	5,36%	9	16,07%	19	33,93%	4	7,14%	1	1,79%	1	1,79%		
<b>Estudo</b>	5	8,93%	9	16,07%	7	12,50%	3	5,36%	6	10,71%	3	5,36%	3	5,36%
<b>Atividades Culturais (Exposições, palestras...)</b>					4	7,14%	3	5,36%	5	8,93%	3	5,36%	15	26,79%
<b>Fotocópia</b>	5	8,93%	2	3,57%	1	1,79%	2	3,57%	2	3,57%	1	1,79%	21	37,50%
<b>Orientações com o Bibliotecário</b>	4	7,14%	2	3,57%	2	3,57%	3	5,36%	2	3,57%	4	7,14%	15	26,79%
<b>Internet</b>	7	12,50%	3	5,36%	2	3,57%	2	3,57%	4	7,14%	7	12,50%	11	19,64%
<b>Leitura de revistas e jornais</b>	4	7,14%	6	10,71%	4	7,14%	1	1,79%	3	5,36%	7	12,50%	10	17,86%

**Você considera a formação que recebeu na faculdade adequada para ser um mediador de leitura nas escolas? Por quê?**

<b>VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS</b>					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
33	58,93%	4	7,14%		

<b>PORQUE</b>		
Interesse pessoal	1	1,79%
Incentivo a leitura	9	16,07%
É um dos focos da formação	5	8,93%
Formação continuada	4	7,14%
Estou inseguro, pois não tive uma vivência prática na formação	1	1,79%
Importância da leitura	6	10,71%
Gosto pela leitura	3	5,36%
A instituição orienta a leitura adequada	3	5,36%
Vivência prática como professor de estágio	1	1,79%
Leitura obrigatória	1	1,79%
Formação insuficiente na faculdade	1	1,79%
Teve acesso as técnicas de ensino da leitura	4	7,14%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	1,79%

### **Você estagia ou trabalha em uma escola?**

<b>ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
33	58,93%	4	7,14%		

### **Existe biblioteca na escola?**

<b>EXISTE BIBLIOTECA NA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
31	55,36%	1	1,79%	1	1,79%

### **Como ela é utilizada?**

<b>COMO ELA É UTILIZADA</b>		
Utilizada pelos professores	1	1,79%
Empréstimo de livros	4	7,14%
Ambiente de leitura	1	1,79%
Depósito de livros	1	1,79%
Não há acesso livre aos alunos	2	3,57%
Como BC UFG	1	1,79%
Acesso livre aos alunos	3	5,36%
Uso ilimitado dos estagiários	1	1,79%
Acervo desatualizado	1	1,79%
Os professores orientam a pesquisa	4	7,14%
Visita semanal	1	1,79%
Local de estudo e pesquisa	4	7,14%
Pouco utilizada por desinteresse dos alunos e falta de incentivo dos professores	1	1,79%
Os professores levam os alunos para atividades na biblioteca	1	1,79%
Utilizada pela comunidade escolar	2	3,57%
A biblioteca fica aberta no horário da aula	1	1,79%
Acesso a internet	1	1,79%
A "Bibliotecária não permite a utilização, alegando que os alunos não devolvem os livros e a internet desvia a atenção dos alunos	2	3,57%
Os alunos não são incentivado a prática da leitura e a utilização da biblioteca	1	1,79%
Utilizada pelos estagiários, baixa frequência de alunos	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	2	3,57%

### Você considera adequada a utilização? Por que?

<b>VOCÊ CONSIDERA ADEQUADA A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOECA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
18	32,14%	10	17,86%	4	7,14%

<b>PORQUE</b>		
Ambiente inadequado	1	1,79%
Não aproveita o potencial	3	5,36%
Falta acesso livre aos alunos	2	3,57%
Desorganização da escola	1	1,79%
Sim, realiza empréstimo, é ambiente de estudo e leitura	7	12,50%
Ela é bem utilizada pela comunidade da escola	4	7,14%
Estudo e pesquisa	3	5,36%
Acesso livre aos alunos	2	3,57%
É importante para a formação dos alunos	1	1,79%
Pouco interesse dos alunos	1	1,79%
Possui boa estrutura física e equipamentos	1	1,79%
Poderia funcionar no final de semana	1	1,79%
Não é utilizada	1	1,79%
Falta organização	1	1,79%
Muitos professores só utilizam para passar filmes	1	1,79%
Não realiza atividades de leitura	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	5	8,93%



**Com que frequência você utiliza Internet ?**

USO DA INTERNET, LETRAS														
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	e-mail	4	7,14%			1	1,79%							
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...	4	7,14%											1	1,79%
e-books			1	1,79%			1	1,79%					1	1,79%
Artigos Científicos	1	1,79%	1	1,79%	1	1,79%					1	1,79%	1	1,79%
Sites de relacionamento	1	1,79%	2	3,57%									1	1,79%

**Relação com a leitura durante a educação básica (Alfabetização, Ensinos Fundamental e Médio):**

LEGENDA DE FREQUÊNCIA, LETRAS														
frequência membros de sua família	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	liam	3	5,36%			1	1,79%							1
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura	2	3,57%			1	1,79%					2	3,57%	1	1,79%
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura					1	1,79%					1	1,79%	4	7,14%
frequência você UTILIZAVA a biblioteca	1	1,79%	2		1	1,79%					2	3,57%		

Descreva brevemente como os professores de outras matérias incentivavam a leitura		
Leitura complementar	2	3,57%
Atividades e avaliações	3	5,36%
Livros didáticos	1	1,79%
Importância da leitura	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	1,79%

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
3	5,36%	3	5,36%		

LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS												
Curso	1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		1 vez por semestre		1 vez por ano		nunca	
Letras							2	3,57%	1	1,79%	3	5,36%

**Defina com suas palavras o que é leitura?**

O QUE É LEITURA		
Diversão e lazer	2	3,57%
Análise crítica	2	3,57%
Atividade complexa que exige concentração	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	1,79%

**Defina com suas palavras o que é biblioteca?**

O QUE É BIBLIOTECA		
Lugar de conhecimento	1	1,79%
Acervo de livros	2	3,57%
Espaço de estudo e pesquisa	1	1,79%
Local de estudo e leitura	3	5,36%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

**Com que frequência você utiliza os serviços da bibliotecas?**

UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA														
Serviços	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Consulta local					1	1,79%	1	1,79%			1	1,79%	
Empréstimo	1	1,79%	1	1,79%	2	3,57%					1	1,79%		
Estudo	1	1,79%			2	3,57%					1	1,79%	1	1,79%
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)					1	1,79%							3	5,36%
Fotocópia									1	1,79%			3	5,36%
Orientações com o Bibliotecário					1	1,79%							3	5,36%
Internet	1	1,79%											3	5,36%
Leitura de revistas e jornais	1	1,79%			1	1,79%					1	1,79%	2	3,57%

**Você considera a formação que recebeu na faculdade adequada para ser um mediador de leitura nas escolas? Por quê?**

VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
4	7,14%	1	1,79%	1	1,79%

PORQUE		
Por ter sido preparado na formação	2	3,57%
Incentivo a leitura	1	1,79%
Gosto pela leitura	1	1,79%
Leitura obrigatória	1	1,79%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	1,79%

**Você estagia ou trabalha em uma escola?**

ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
5	8,93%	1	1,79%		

**Existe biblioteca na escola?**

EXISTE BIBLIOTECA NA ESCOLA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
4	7,14%			2	3,57%
COMO ELA É UTILIZADA					
Livre acesso da comunidade escolar		3	5,36%		
SEM RESPOSTA		2	3,57%		

### Como ela é utilizada?

VOCÊ CONSIDERA ADEQUADA A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOECA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
3	5,36%	1	1,79%	2	3,57%

### Você considera adequada a utilização? Por que?

PORQUE		
Incentivo a leitura	1	1,79%
Ambiente de estudo e pesquisa	1	1,79%
Empréstimo	1	1,79%
deveria ter livre acesso aos alunos	1	1,79%
SEM RESPOSTA	2	3,57%

## APÊNDICE C – TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS PEDAGOGIA

Marque o curso que você está concluindo, o turno e seu sexo:

PEDAGOGIA				76	54,29%
MATUTINO		NOTURNO		SEM RESPOSTA	
34	44,74%	34	44,74%	8	10,53%
SEXO					
FEMININO		MASCULINO		SEM RESPOSTA	
67	88,16%	2	2,63%	6	7,89%

### RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS QUE MARCARAM A OPÇÃO SEXO MASCULINO.

Você se considera um leitor?

VOCÊ SE CONSIDERA UM LEITOR					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
1	1,32%	1	1,32%	0	0,00%

PORQUE		
Realiza leitura obrigatória	1	1,32%
Realiza leitura para se manter atualizado e informado	1	1,32%
SEM RESPOSTA		

Qual o motivo de suas leituras hoje? Com que frequência elas ocorrem?

TIPOS DE LEITURA, PEDAGOGIA													
Motivos de leitura	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca
Curiosidade	1	1,32%											
Diversão/lazer										1	1,32%		
Necessidade do cotidiano					1	1,32%							
Informação	1	1,32%											
Outros													

Com que frequência você lê os materiais descritos a seguir?

FREQUÊNCIA DE LEITURA, PEDAGOGIA														
Leituras	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Quadrinhos			1	1,32%									
Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)					1	1,32%								
Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)					1	1,32%								
Revistas especializadas (Galileu, Superinteressante, Nova Escola, Exame...)											1	1,32%		
Livros de literatura													1	1,32%
Textos científicos													1	1,32%

Com que frequência você utiliza Internet ?

USO DA INTERNET, PEDAGOGIA														
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	e-mail	1	1,32%											
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...	1	1,32%												
e-books			1	1,32%										
Artigos Científicos					1	1,32%								
Sites de relacionamento	1	1,32%												

Relação com a leitura durante a educação básica (Alfabetização, Ensinos Fundamental e Médio):

LEGENDA DE FREQUÊNCIA, PEDAGOGIA														
frequência membros de sua família	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
										1	1,32%			
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura											1	1,32%		
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura													1	1,32%
frequência você UTILIZAVA a biblioteca							1	1,32%						

Descreva brevemente como os professores de outras matérias incentivavam a leitura		
Livros literários indicados (Professor de português).	1	1,32%
Leitura por diversão	1	1,32%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?				
SIM	NÃO		SEM RESPOSTA	
	1	1,32%		

LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS						
Curso	1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	1 vez por semestre	1 vez por ano	nunca
Pedagogia						4 5,26%

Defina com suas palavras o que é leitura?

O QUE É LEITURA		
Decodificação e compreensão de textos de estudo ou lazer	1	1,32%
Decodificação, Compreensão e aprendizagem	1	1,32%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

**Defina com suas palavras o que é biblioteca?**

O QUE É BIBLIOTECA		
Acervo de documentos variado destinado ao estudo	1	1,32%
Acervo de livros	1	1,32%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

**Com que frequência você utiliza os serviços da bibliotecas?**

UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA								
Serviços	Diariamente	2 ou 3 vezes por semana	1 vez por semana	2 vezes por mês	1 vez por mês	2 ou 3 vezes por semestre	nunca	
Consulta local			1	1,32%				
Empréstimo			1	1,32%				
Estudo						1	1,32%	
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)							1	1,32%
Fotocópia							1	1,32%
Orientações com o Bibliotecário			1	1,32%				
Internet			1	1,32%				
Leitura de revistas e jornais							1	1,32%

**Você considera a formação que recebeu na faculdade adequada para ser um mediador de leitura nas escolas? Por quê?**

VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
1	1,32%	1	1,32%		

PORQUE		
Para ser um mediador é necessário ser um bom leitor e este deve ser formado desde a educação básica.	1	1,32%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

**Você estagia ou trabalha em uma escola?**

ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
		2	2,63%		

**RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS QUE MARCARAM A OPÇÃO SEXO FEMININO.**

**Você se considera um leitor?**

VOCÊ SE CONSIDERA UM LEITOR					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
54	72,00%	12	16,00%	1	1,33%

PORQUE		
Faço leituras diversas	9	12,00%
Instrumento para o curso e/ou trabalho	6	8,00%
Leitura faz parte da rotina	12	16,00%
Por diversão e lazer	1	1,33%
Tenho opinião crítica nas leituras	2	2,67%
Realizo leitura obrigatória	8	10,67%
Por conhecimento e aprendizagem	2	2,67%
Não leio livros	2	2,67%
Leio livros	2	2,67%
Leio livros em quantidade e outros materiais que tem acesso	9	12,00%
Faço leituras diversas	4	5,33%
Decodifica, Compreende e interpreta	4	5,33%
Não leio literatura	1	1,33%
Não possuo técnicas para uma boa leitura	1	1,33%
Leio livros apenas nas férias	1	1,33%
Leitura freqüentemente	5	6,67%
Gosta de ler	3	4,00%
Pouco tempo para leitura	2	2,67%
<b>SEM RESPOSTA</b>		0,00%

**Qual o motivo de suas leituras hoje? Com que frequência elas ocorrem?**

TIPOS DE LEITURA, PEDAGOGIA														
Motivos de leitura	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Curiosidade	24	32,00%	13	17,33%	10	13,33%	6	8,00%	3	4,00%	3	4,00%	1
Diversão/lazer	13	17,33%	11	14,67%	11	14,67%	4	5,33%	9	12,00%	7	9,33%	2	2,67%
Necessidade do cotidiano	51	68,00%	12	16,00%	1	1,33%			1	1,33%				
Informação	38	50,67%	14	18,67%	7	9,33%	2	2,67%					1	1,33%
Outros	15	20,00%	3	4,00%	3	4,00%		0,00%	2	2,67%	3	4,00%	2	2,67%

**Com que frequência você lê os materiais descritos a seguir?**

FREQUÊNCIA DE LEITURA, PEDAGOGIA														
Leituras	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Quadrinhos	6	8,00%	9	12,00%	9	12,00%	6	8,00%	6	8,00%	19	25,33%	7
Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)	2	2,67%	6	8,57%	14	18,67%	10	13,33%	10	13,33%	13	17,33%	6	8,00%
Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)	19	25,33%	18	25,71%	11	14,67%	5	6,67%	2	2,67%	3	4,00%	7	9,33%
Revistas especializadas (Galileu, Superinteressante, Nova Escola, Exame...)	6	8,00%	6	8,57%	11	14,67%	9	12,00%	15	20,00%	14	18,67%	5	6,67%
Livros de literatura	9	12,00%	11	15,71%	7	9,33%	6	8,00%	9	12,00%	19	25,33%	3	4,00%
Textos científicos	44	58,67%	13	17,33%	3	4,00%		0,00%	2	2,67%	2	2,67%	3	4,00%

**Com que frequência você utiliza Internet ?**

USO DA INTERNET, PEDAGOGIA														
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	e-mail	53	70,67%	12	16,00%			1	1,33%	1	1,33%			
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...	25	33,33%	19	25,33%	8	10,67%	2	2,67%	3	4,00%	5	6,67%	2	2,67%
e-books	6	8,00%	3	4,00%	3	4,00%	2	2,67%	3	4,00%	4	5,33%	34	45,33%
Artigos Científicos	19	25,33%	22	29,33%	9	12,00%	10	13,33%	3	4,00%	2	2,67%	1	1,33%
Sites de relacionamento	27	36,00%	6	8,00%	8	10,67%	2	2,67%	6	8,00%	1	1,33%	15	20,00%

**Relação com a leitura durante a educação básica (Alfabetização, Ensinos Fundamental e Médio):**

<b>LEGENDA DE FREQUÊNCIA, PEDAGOGIA</b>														
frequência membros de sua família	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	19	25,33%	14	18,67%	13	17,33%	5	6,67%	1	1,33%	6	8,00%	9	12,00%
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura	30	40,00%	9	12,00%	11	14,67%	4	5,33%	6	8,00%	7	9,33%		
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura	18	24,00%	14	18,67%	11	14,67%	7	9,33%	3	4,00%	9	12,00%	5	6,67%
frequência você UTILIZAVA a biblioteca	6	8,00%	14	18,67%	17	22,67%	7	9,33%	5	6,67%	10	13,33%	7	9,33%

<b>Descreva brevemente como os professores de outras matérias incentivavam a leitura</b>		
Leituras complementares para discussão em sala	26	34,67%
Análise crítica	1	1,33%
Livros literários	4	5,33%
Atividades de avaliação	18	24,00%
Dando exemplos e curiosidades	1	1,33%
Falando sobre a importância da leitura	5	6,67%
Leitura obrigatória e avaliação	9	12,00%
Pesquisa	6	8,00%
Livro didático	3	4,00%
Contaçao de história	2	2,67%
Incentiva a utilização da biblioteca escolar	2	2,67%
Vestibular	4	5,33%
Propondo empréstimo e biblioteca de sala	2	2,67%
<b>SEM RESPOSTA</b>	10	13,33%

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
24	32,00%	43	57,33%		

LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS												
Curso	1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		1 vez por semestre		1 vez por ano		nunca	
Pedagogia	3	4,00%	5	6,67%	6	8,00%	13	17,33%	12	16,00%	28	37,33%

**Defina com suas palavras o que é leitura?**

O QUE É LEITURA		
Decodificação e compreensão	12	16,00%
Decodificação, compreensão, interpretação e análise crítica	22	29,33%
Aprendizagem	16	21,33%
Análise crítica	4	5,33%
Diversão e lazer	4	5,33%
Entendimento do mundo	3	4,00%
Forma de comunicação	1	1,33%
<b>SEM RESPOSTA</b>	8	10,67%

**Defina com suas palavras o que é biblioteca?**

O QUE É BIBLIOTECA		
Acervos de livros para pesquisa e estudo	11	14,67%
Local para pesquisa e equipamentos de mídia	1	1,33%
Ambiente para leitura e estudo	21	28,00%
Acervo de livros	12	16,00%
Aglomerados de trabalhos	1	1,33%
Acervo diverso	6	8,00%
Atividades culturais	5	6,67%
Acervo de documentos variado destinado a pesquisa	10	13,33%
Acervo físico ou digital e textos literários.	1	1,33%
Um lugar maravilhoso	1	1,33%
Espaço de estudo	1	1,33%
Preservação do conhecimento Humano através da guarda de materiais	1	1,33%
Conjunto de informações	3	4,00%
Empréstimo e pesquisa	3	4,00%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	5,33%

**Com que frequência você utiliza os serviços da bibliotecas?**

UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA														
Serviços	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Consulta local	4	5,33%	14	18,67%	12	16,00%	2	2,67%	5	6,67%	5	6,67%	7
Empréstimo	5	6,67%	9	12,00%	19	25,33%	5	6,67%	4	5,33%	7	9,33%	4	5,33%
Estudo	8	10,67%	9	12,00%	9	12,00%	2	2,67%	4	5,33%	5	6,67%	19	25,33%
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)	1	1,33%		0,00%	3	4,00%	2	2,67%	5	6,67%	8	10,67%	35	46,67%
Fotocópia	6	8,00%	2	2,67%	2	2,67%	3	4,00%		0,00%	2	2,67%	44	58,67%
Orientações com o Bibliotecário	3	4,00%	4	5,33%	4	5,33%	4	5,33%	4	5,33%	5	6,67%	32	42,67%
Internet	8	10,67%	4	5,33%	4	5,33%	4	5,33%	2	2,67%	7	9,33%	30	40,00%
Leitura de revistas e jornais	4	5,33%	5	6,67%	5	6,67%	4	5,33%	3	4,00%	8	10,67%	30	40,00%

**Você considera a formação que recebeu na faculdade adequada para ser um mediador de leitura nas escolas? Por quê?**

VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
38	50,67%	22	29,33%	6	8,00%

PORQUE		
Desenvolveu o hábito da leitura	7	9,33%
Aprimorou a leitura	4	5,33%
Consciência da importância da leitura	8	10,67%
Formação continuada	7	9,33%
Contribuição da instituição e interesse pessoal	4	5,33%
Disciplinas e atividades específicas	2	2,67%
Leitura obrigatória	6	8,00%
Pouco satisfatório, mas trabalhado superficialmente	2	2,67%
Trabalho superficial	2	2,67%
Não foi trabalhado o gosto pela leitura	3	4,00%
Estou insegura, pois não tive uma vivência prática na formação	3	4,00%
Teve formação melhor com o estágio	1	1,33%
Não despertou o gosto pela leitura	1	1,33%
A formação foi o suficiente	4	5,33%
Não teve tempo de estudo fora da faculdade	1	1,33%
Não houve incentivo para a utilização da biblioteca	1	1,33%
Não, Muitas falhas referente a leitura	1	1,33%
Possui leitura crítica e é capaz de replicar com os alunos	1	1,33%
Formação Incompleta	1	1,33%
Foi muito incentivada a transmitir conhecimento inclusive a leitura	4	5,33%
Proporcionaram o Gosto pela leitura	1	1,33%
Não teve professores e leituras adequadas para esta formação	1	1,33%
<b>SEM RESPOSTA</b>	9	12,00%

### Você estagia ou trabalha em uma escola?

ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
44	58,67%	18	24,00%	4	5,33%

### Existe biblioteca na escola?

EXISTE BIBLIOTECA NA ESCOLA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
36	48,00%	6	8,00%	6	8,00%

### Como ela é utilizada?

COMO ELA É UTILIZADA		
De acordo com o plano de aula dos professores	1	1,33%
É utilizada pelos funcionários, professores e estudantes.	3	4,00%
Somente por professores	2	2,67%
Estudantes acesso livre	9	12,00%
Os professores escolhem os livros	1	1,33%
Visita semanal da turma	3	4,00%
Incentivo a leitura pelos professores	2	2,67%
Empréstimo para os alunos a cada 15 dias	1	1,33%
A "bibliotecária" trabalha contação de história 1 vez por semana	1	1,33%
Aberta e livre para o público geral	3	4,00%
Leitura de Jornais e revistas pelos funcionários	1	1,33%
Os livros são separados por faixa-etária e guardados em pastas nas salas	1	1,33%
Realiza empréstimo	4	5,33%
Professor leva a turma	1	1,33%
Não tem influencia do bibliotecário	1	1,33%
SEM RESPOSTA	2	2,67%

### Você considera adequada a utilização? Por que?

VOCÊ CONSIDERA ADEQUADA A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOTECA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
26	34,67%	6	8,00%	10	13,33%



Com que frequência você lê os materiais descritos a seguir?

FREQÜÊNCIA DE LEITURA, PEDAGOGIA														
Leituras	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Quadrinhos			1	1,33%	1	1,33%	1	1,33%			1	1,33%	1
Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)	1	1,33%	1	1,33%					1	1,33%	1	1,33%		
Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)	2	2,67%	2	2,67%							1	1,33%	1	1,33%
Revistas especializadas (Galileu, Superinteressante, Nova Escola, Exame...)					3	4,00%					1	1,33%	1	1,33%
Livros de literatura			1	1,33%	2	2,67%					1	1,33%	1	1,33%
Textos científicos	5	6,67%			1	1,33%								

Com que frequência você utiliza Internet ?

USO DA INTERNET, PEDAGOGIA														
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	e-mail	6	8,00%											
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...	4	5,33%	2	2,67%										
e-books			1	1,33%	1	1,33%	1	1,33%					2	2,7%
Artigos Científicos	3	4,00%	2	2,67%					1	1,33%				
Sites de relacionamento	2	2,67%	1	1,33%	1						1	1,33%		

Relação com a leitura durante a educação básica (Alfabetização, Ensinos Fundamental e Médio):

LEGENDA DE FREQUÊNCIA, PEDAGOGIA														
frequência membros de sua família	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
		1	1,33%	2	2,67%					1	1,33%	2	2,67%	
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura	3	4,00%	1	1,33%							2	2,67%		
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura	4	5,33%	1	1,33%									1	1,33%
frequência você UTILIZAVA a biblioteca	3	4,00%			1	1,33%			1	1,33%			1	1,33%

Descreva brevemente como os professores de outras matérias incentivavam a leitura		
Livro literário	1	1,33%
Importância da leitura	1	1,33%
Pesquisa	1	1,33%
Levando livros e fazendo empréstimos	1	1,33%
<b>SEM RESPOSTA</b>	2	2,67%

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?				
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA
2	2,67%	4	5,33%	

LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS												
Curso	1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		1 vez por semestre		1 vez por ano		nunca	
Pedagogia					1	1,33%	2	2,67%	1	1,33%	2	2,67%

Defina com suas palavras o que é leitura?

O QUE É LEITURA		
Aprendizagem	2	2,67%
Decodificação e compreensão do texto escrito	2	2,67%
Leitura de mundo	1	1,33%
Decodificação e compreensão e interação	1	1,33%
SEM RESPOSTA		

**Defina com suas palavras o que é biblioteca?**

O QUE É BIBLIOTECA		
Acervo de livros e empréstimos	1	1,33%
Local de leitura e empréstimos	1	1,33%
Acervo de livros	3	4,00%
Acervo de livros, para aprendizado, diversão e informação	1	1,33%
SEM RESPOSTA		

**Com que frequência você utiliza os serviços da bibliotecas?**

UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA														
Serviços	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Consulta local			1	1,33%	3	4,00%	1	1,33%					
Empréstimo			1	1,33%	3	4,00%	2	2,67%						
Estudo					1		2	2,67%	1	1,33%			1	1,33%
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)									1	1,33%	3	4,00%	2	2,67%
Fotocópia	1	1,33%									1	1,33%	4	5,33%
Orientações com o Bibliotecário	1	1,33%			1	1,33%					1	1,33%	3	4,00%
Internet	1	1,33%	1	1,33%			1	1,33%			1	1,33%	2	2,67%
Leitura de revistas e jornais	1	1,33%			2	2,67%					2	2,67%	1	1,33%

**Você considera a formação que recebeu na faculdade adequada para ser um mediador de leitura nas escolas? Por quê?**

<b>VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
3	4,00%	2	2,67%	1	1,33%

<b>PORQUE</b>		
Formação deficitária	1	1,33%
Incentivo da leitura pelos professores	3	4,00%
Importância da leitura	1	1,33%
Falta mais Pesquisa	1	1,33%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	1,33%

**Você estagia ou trabalha em uma escola?**

<b>ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
3	4,00%	3	4,00%		

**Existe biblioteca na escola?**

<b>EXISTE BIBLIOTECA NA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
3	4,00%			2	2,67%

**Como ela é utilizada?**

<b>COMO ELA É UTILIZADA</b>		
Acesso livre para os alunos, funcionários e professores	2	2,67%
Visita semanal a biblioteca	1	1,33%
Aulas utilizando livros	1	1,33%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

**Você considera adequada a utilização? Por que?**

<b>VOCÊ CONSIDERA ADEQUADA A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOECA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
3	4,00%				

<b>PORQUE</b>		
Contato com o ambiente	2	2,67%
Incentivo a leitura	2	2,67%
Os professores podem utilizar livremente	1	1,33%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

## APÊNDICE D – TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS BIBLIOTECONOMIA

Marque o curso que você está concluindo, o turno e seu sexo:

BIBLIOTECONOMIA				21	70,00%
MATUTINO		SEM RESPOSTA			
19	90,48%	2	9,52%		
SEXO					
FEMININO		MASCULINO		SEM RESPOSTA	
14	66,67%	4	19,05%	3	14,29%

### RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS QUE MARCARAM A OPÇÃO SEXO MASCULINO.

Você se considera um leitor?

VOCÊ SE CONSIDERA UM LEITOR					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
4	19,05%	0	0,00%	0	0,00%

PORQUE			
Leio livros		1	4,76%
Leio muito		2	9,52%
Faço leituras diversas		1	4,76%
Leitura faz parte da rotina		2	9,52%
SEM RESPOSTA			

Qual o motivo de suas leituras hoje? Com que frequência elas ocorrem?

TIPOS DE LEITURA, BIBLIOTECONOMIA													
Motivos de leitura	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca
	Curiosidade	2	9,52%	1	4,76%	1	4,76%						
Diversão/lazer	1	4,76%							2	9,52%			
Necessidade do cotidiano	2	9,52%	1	4,76%									
Informação	4	19,05%											
Outros											1	4,76%	

Com que frequência você lê os materiais descritos a seguir?

FREQUÊNCIA DE LEITURA, BIBLIOTECONOMIA														
Leituras	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Quadrinhos	1	4,76%							2	9,52%			1
Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)					1	4,76%	2	9,52%	1	4,76%				
Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)	2	9,52%			2	9,52%								
Revistas especializadas (Galileu, Superinteresante, Nova Escola, Exame...)					2	9,52%	1	4,76%			1	4,76%		
Livros de literatura			1	4,76%			1	4,76%			1	4,76%	1	4,76%
Textos científicos	1	4,76%	2	9,52%	1	4,76%								

Com que frequência você utiliza Internet ?

USO DA INTERNET, BIBLIOTECONOMIA														
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	e-mail	3	14,29%	1	4,76%									
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...	3	14,29%	1	4,76%										
e-books							2	9,52%					2	9,52%
Artigos Científicos			1	4,76%	2	9,52%			1	4,76%				
Sites de relacionamento	1	4,76%	1	4,76%							1	4,76%	1	4,76%

Relação com a leitura durante a educação básica (Alfabetização, Ensino Fundamental e Médio):

LEGENDA DE FREQUÊNCIA, BIBLIOTCONOMIA														
frequência membros de sua família	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	1	4,76%					1	4,76%			1	4,76%	1	4,76%
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura					1	4,76%			2	9,52%	1	4,76%		
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura							1	4,76%			2	9,52%	1	4,76%
frequência você UTILIZAVA a biblioteca	1	4,76%	1	4,76%					2	9,52%				

Descreva brevemente como os professores de outras matérias incentivavam a leitura		
Livros de literatura nas aulas de português	1	4,76%
Livros didáticos	1	4,76%
Realização de trabalhos escolares	1	4,76%
Indicações de leituras	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?				
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA
1	4,76%	3	14,29%	

LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS												
Curso	1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		1 vez por semestre		1 vez por ano		nunca	
Biblioteconomia							1	4,76%			3	14,29%

Defina com suas palavras o que é leitura?

O QUE É LEITURA		
Diversão e lazer	1	4,76%
Conhecimento e aprendizagem	2	9,52%
Decodificação e interpretação de qualquer mensagem, símbolo ou fato	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	4,76%

**Defina com suas palavras o que é biblioteca?**

O QUE É BIBLIOTECA		
Local que reúne de forma organizada, informações em diferentes suportes e diferentes meios.	1	4,76%
Local que reúne de forma organizada, informações em diferentes suportes e diferentes meios, para atender as necessidades dos usuários	1	4,76%
Instituição que guarda e preserva a memória humana através dos registros	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	4,76%

**Com que frequência você utiliza os serviços da bibliotecas?**

UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA														
Serviços	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Consulta local							2	9,52%	1	4,76%	1	4,76%	
Empréstimo							3	14,29%	1	4,76%				
Estudo			1	4,76%							1	4,76%	2	9,52%
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)							1	4,76%			1	4,76%	2	9,52%
Fotocópia							2	9,52%			1	4,76%	1	4,76%
Orientações com o Bibliotecário											1	4,76%	3	14,29%
Internet			1	4,76%							1	4,76%	2	9,52%
Leitura de revistas e jornais			1	4,76%			1	4,76%			1	4,76%	1	4,76%

**Você considera a formação que recebeu na faculdade adequada para ser um mediador de leitura nas escolas? Por quê?**

<b>VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
1	4,76%	3	14,29%		

<b>PORQUE</b>		
Houve orientação para lidar com o usuário, disseminar a informação e atender as necessidades informacionais	1	4,76%
Não houve interesse pessoal	1	4,76%
Além das discussões faltaram atividades práticas	1	4,76%
Não foi tratado pela grade da faculdade	2	9,52%
Problemas com as ênfases	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

**Você estagia ou trabalha em uma escola?**

<b>ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
1	4,76%	3	14,29%		

**Existe biblioteca na escola?**

<b>EXISTE BIBLIOTECA NA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
				1	4,76%

**Como ela é utilizada?**

<b>COMO ELA É UTILIZADA</b>		
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	4,76%

**Você considera adequada a utilização? Por que?**

<b>VOCÊ CONSIDERA ADEQUADA A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOECA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
				1	4,76%

PORQUE		
SEM RESPOSTA	1	4,76%

## RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS QUE MARCARAM A OPÇÃO SEXO FEMININO.

Você se considera um leitor?

VOCÊ SE CONSIDERA UM LEITOR					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
12	57,14%	2	9,52%	0	0,00%

PORQUE		
Leitura de mundo	1	4,76%
Decodifica, compreende, interpreta e interage	2	9,52%
Leitura faz parte da rotina	8	38,10%
Leitura de livros e artigos	2	9,52%
Pratica o ato de ler	1	4,76%
Leio muito	1	4,76%
Leio pouco	1	4,76%
Por conhecimento e aprendizagem	1	4,76%
Faço leituras diversas áreas do conhecimento	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	4,76%

Qual o motivo de suas leituras hoje? Com que frequência elas ocorrem?

TIPOS DE LEITURA, BIBLIOTECONOMIA														
Motivos de leitura	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Curiosidade	7	33,33%	2	9,52%	2	9,52%					1	4,76%	
Diversão/lazer	3	14,29%	4	19,05%	3	14,29%	2	9,52%	1	4,76%				
Necessidade do cotidiano	8	38,10%	2	9,52%	2	9,52%	1	4,76%						
Informação	9	42,86%	5	23,81%										
Outros	2	9,52%	1	4,76%					2	9,52%			1	4,76%

Com que frequência você lê os materiais descritos a seguir?

FREQUÊNCIA DE LEITURA, BIBLIOTECONOMIA														
Leituras	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
Quadrinhos			1	4,76%	3	14,29%			2	9,52%	3	14,29%	3	14,29%
Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)			1	4,76%	4	19,05%	1	4,76%	2	9,52%	4	19,05%	1	4,76%
Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)	5	23,81%	4	19,05%	1	4,76%			3	14,29%			1	4,76%
Revistas especializadas (Galileu, Superinteressante, Nova Escola, Exame...)			1	4,76%	5	23,81%			3	14,29%	3	14,29%	2	9,52%
Livros de literatura	2	9,52%	2	9,52%			5	23,81%	2	9,52%	2	9,52%		
Textos científicos	10	47,62%	3	14,29%					1	4,76%				

Com que frequência você utiliza Internet ?

USO DA INTERNET, BIBLIOTECONOMIA														
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
e-mail	14	66,67%												
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...	7	33,33%	5	23,81%	2	9,52%								
e-books	1	4,76%			2	9,52%	2	9,52%	2	9,52%	1	4,76%	4	19,05%
Artigos Científicos	6	28,57%	7	33,33%					1	4,76%	1			
Sites de relacionamento	9	42,86%			1	4,76%							3	14,29%

Relação com a leitura durante a educação básica (Alfabetização, Ensinos Fundamental e Médio):

LEGENDA DE FREQUÊNCIA, BIBLIOTCONOMIA														
frequência membros de sua família	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
		4	19,05%	3	14,29%					6	28,57%			
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura	5	23,81%	3	14,29%	2	9,52%	1	4,76%	1	4,76%	2	9,52%		
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura	2	9,52%	4	19,05%	3	14,29%	2	9,52%	1	4,76%	2	9,52%		
frequência você UTILIZAVA a biblioteca	2	9,52%	2	9,52%	6	28,57%	2	9,52%			1	4,76%	1	4,76%

Descreva brevemente como os professores de outras matérias incentivavam a leitura		
Sugestões, recomendações e citações de textos complementares	8	38,10%
Dá exemplos reais de pessoas que obtiveram sucesso através da leitura	1	4,76%
Comentava sobre a importância da leitura	2	9,52%
Indicavam textos para a próxima aula	3	14,29%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	19,05%

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?				
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA
4	19,05%	10	47,62%	

LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS												
Curso	1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		1 vez por semestre		1 vez por ano		nunca	
Biblioteconomia	1	4,76%	1	4,76%	3	14,29%	2	9,52%	1	4,76%	6	28,57%

### Defina com suas palavras o que é leitura?

O QUE É LEITURA		
Decodificação e interpretação de qualquer mensagem, símbolo ou fato	3	14,29%
Decodificação e interação com a história	1	4,76%
Diversão e lazer	4	19,05%
Adquirir informação e conhecimento	3	14,29%
Análise crítica de dados	1	4,76%
Apreender o mundo através da palavra	1	4,76%
Decodificação de texto	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>	3	14,29%

### Defina com suas palavras o que é biblioteca?

O QUE É BIBLIOTECA		
Local que reúne de forma organizada, informações em diferentes suportes e diferentes meios, para atender as necessidades dos usuários	2	9,52%
Local que armazena informação em diferentes suportes e oferece diferentes serviços para a comunidade em que pertence	1	4,76%
Local de acesso à informação física ou virtual	1	4,76%
Local de conhecimento e laser	5	23,81%
Reunião de documentos para consulta ou leitura	2	9,52%
Unidade de informação com o objetivo de disseminá-la e formar leitores	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	19,05%

### Com que frequência você utiliza os serviços da bibliotecas?

UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA														
Serviços	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Consulta local	2	9,52%	2	9,52%	5	23,81%	1	4,76%	2	9,52%			
Empréstimo				0,00%	9	42,86%	4	19,05%	1	4,76%				
Estudo			5	23,81%	2	9,52%	3	14,29%	1	4,76%			2	9,52%
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)			1	4,76%	1	4,76%	2	9,52%	2	9,52%	5	23,81%	1	4,76%
Fotocópia					1	4,76%			1	4,76%	6	28,57%	5	23,81%
Orientações com o Bibliotecário			2	9,52%	1	4,76%			2	9,52%	3	14,29%	5	23,81%
Internet			2	9,52%	1	4,76%	2	9,52%	2	9,52%	2	9,52%	4	19,05%
Leitura de revistas e jornais			1	4,76%	2	9,52%	1	4,76%	1	4,76%			8	38,10%

Você considera a formação que recebeu na faculdade adequada para ser um mediador de leitura nas escolas? Por quê?

<b>VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
3	14,29%	8	38,10%	3	14,29%

<b>PORQUE</b>		
A faculdade apresentou como a leitura é importante na formação do aluno	1	4,76%
Parte das disciplinas trabalhavam este contexto	1	4,76%
Está insegura, pois não teve uma vivência prática na formação	1	4,76%
Não possui disciplinas para este fim	3	14,29%
Pouco tempo e pouca informação	1	4,76%
Ênfase empresarial	3	14,29%
Formação continuada	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>	4	19,05%

**Você estagia ou trabalha em uma escola?**

<b>ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
4	19,05%	10	47,62%		

**Existe biblioteca na escola?**

<b>EXISTE BIBLIOTECA NA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
4	19,05%				

**Como ela é utilizada?**

<b>COMO ELA É UTILIZADA</b>		
Espaço de estudo e incentivo a leitura literária	1	4,76%
É utilizada pelos funcionários, professores e estudantes; para estudo, leitura e lazer	1	4,76%
Pouco Utilizada	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	4,76%

**Você considera adequada a utilização? Por que?**

VOCÊ CONSIDERA ADEQUADA A UTILIZAÇÃO DA BIBLIOECA					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
2	9,52%	2	9,52%		

PORQUE		
Não aproveita todo o potencial	2	9,52%
Ela é bem freqüentada e dinâmica no atendimento ao público	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>	1	4,76%

### RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS QUE NÃO MARCARAM A OPÇÃO SEXO.

Você se considera um leitor?

VOCÊ SE CONSIDERA UM LEITOR					
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA	
3	14,29%	0	0,00%	0	0,00%
PORQUE					
Leitura faz parte da rotina				2	9,52%
Faço leituras diversas				1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>				1	4,76%

Qual o motivo de suas leituras hoje? Com que freqüência elas ocorrem?

TIPOS DE LEITURA, BIBLIOTECONOMIA														
Motivos de leitura	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Curiosidade	1	4,76%	1	4,76%			1	4,76%					
Diversão/lazer	1	4,76%	1	4,76%			1	4,76%						
Necessidade do cotidiano	1	4,76%	1	4,76%					1	4,76%				
Informação	2	9,52%	1	4,76%										
Outros					1	4,76%								

Com que freqüência você lê os materiais descritos a seguir?

FREQÜÊNCIA DE LEITURA, BIBLIOTECONOMIA														
Leituras	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Quadrinhos									1	4,76%	1	4,76%	1
Revistas de atualidades (Veja, Cláudia, Isto é...)					1	4,76%			1	4,76%			1	4,76%
Jornais Impressos (Diário da Manhã, O Popular ...)	1	4,76%	2	9,52%										
Revistas especializadas (Galileu, Superinteressante, Nova Escola, Exame...)					1	4,76%	1	4,76%					1	4,76%
Livros de literatura			1	4,76%					1	4,76%	1	4,76%		
Textos científicos	1	4,76%	2	9,52%										

Com que frequência você utiliza Internet ?

USO DA INTERNET, BIBLIOTECONOMIA														
Internet	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	e-mail	3	14,29%											
Reportagens, Jornais, revistas eletrônicas...	3	14,29%												
e-books	1	4,76%	1	4,76%									1	4,76%
Artigos Científicos			3	14,29%										
Sites de relacionamento	2	9,52%									1	4,76%		

Relação com a leitura durante a educação básica (Alfabetização, Ensinos Fundamental e Médio):

LEGENDA DE FREQUÊNCIA, BIBLIOTCONOMIA															
frequência membros de sua família liam	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca		
					1	4,76%					1	4,76%	1	4,76%	
Com que frequência seus professores de Língua Portuguesa incentivavam a leitura	1	4,76%	1	4,76%					1	4,76%					
Com que frequência seus professores das demais disciplinas incentivavam a leitura	1	4,76%	2	9,52%											
frequência você UTILIZAVA a biblioteca	1	4,76%			2	9,52%									

Descreva brevemente como os professores de outras matérias incentivavam a leitura		
Comentava sobre a importância da leitura	2	9,52%
Textos Complementares	1	4,76%
Cobranças em provas, discussões em sala	1	4,76%
Leitura obrigatória	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

SEUS RESPONSÁVEIS ASSINAVAM REVISTAS E/OU JORNAIS?				
SIM		NÃO		SEM RESPOSTA
		3	14,29%	

LEGENDA DE FREQUÊNCIA À MUSEUS E LIVRARIAS												
Curso	1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		1 veze por semestre		1 veze por ano		nunca	
Biblioteconomia							2	9,52%			1	4,76%

**Defina com suas palavras o que é leitura?**

<b>O QUE É LEITURA</b>		
Interação com o código escrito	1	4,76%
Decodificação e interpretação de qualquer mensagem, símbolo ou fato	2	9,52%
Contato com o conhecimento em livros ou outros suportes	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

**Defina com suas palavras o que é biblioteca?**

<b>O QUE É BIBLIOTECA</b>		
Local que reúne de forma organizada, informações em diferentes suportes e diferentes meios, para atender as necessidades dos usuários	2	9,52%
Local de interação com outros indivíduos e com a leitura	1	4,76%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

**Com que frequência você utiliza os serviços da biblioteca?**

<b>UTILIZAÇÃO OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA</b>														
Serviços	Diariamente		2 ou 3 vezes por semana		1 vez por semana		2 vezes por mês		1 vez por mês		2 ou 3 vezes por semestre		nunca	
	Consulta local			2	9,52%	1	4,76%							
Empréstimo			2	9,52%	1	4,76%								
Estudo			1	4,76%			2	9,52%						
Atividades Culturais (Exposições, palestras...)									1	4,76%	2	9,52%		
Fotocópia			1	4,76%			1	4,76%	1	4,76%				
Orientações com o Bibliotecário							1	4,76%					2	9,52%
Internet	2	9,52%					1	4,76%						
Leitura de revistas e jornais	2	9,52%			1	4,76%								

**Você considera a formação que recebeu na faculdade adequada para ser um mediador de leitura nas escolas? Por quê?**

<b>VOCÊ CONSIDERA A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACULDADE ADEQUADA PARA SER UM MEDIADOR DE LEITURA NAS ESCOLAS</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
2	9,52%	1	4,76%		

<b>PORQUE</b>		
Ênfase empresarial ficou prejudicada	1	4,76%
Teve contato com este universo na faculdade	2	9,52%
<b>SEM RESPOSTA</b>		

**Você estagia ou trabalha em uma escola?**

<b>ESTAGIA OU TRABALHA EM UMA ESCOLA</b>					
<b>SIM</b>		<b>NÃO</b>		<b>SEM RESPOSTA</b>	
		3	14,29%		

## **ANEXO A – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE LETRAS (PORTUGUÊS)**

### **DISCIPLINAS DA ÁREA DE PORTUGUÊS E LINGÜÍSTICA**

#### **INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Panorama geral dos fenômenos da linguagem e suas abordagens científicas. As concepções de linguagem. Os métodos da lingüística: língua, linguagem, texto e discurso como objetos de estudo.

##### **Bibliografia Básica**

- ILARI, R. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3. p. 53-92.
- MARTIN, R. Para entender a lingüística. São Paulo: Parábola, 2003.
- NEVES, M. H. de M. Gramática funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- RAPOSO, E. Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem. Lisboa: Caminho, 1992.
- SARFATI, G.; PAVEAU, A.-M. As grandes teorias da lingüística. Editora Claraluz, 2006.
- SAUSSURE, F. de. Curso de lingüística geral. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

##### **Bibliografia Complementar**

- FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à lingüística: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.
- GRANGER, G.-G. A ciência e as ciências. São Paulo: Editora UNESP, 1994.
- LOPES, E. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1996.
- WEEDWOOD, B. História concisa da lingüística. São Paulo: Parábola, 2002.

#### **FONÉTICA E FONOLOGIA**

Fonética articulatória. As noções de som, fone e fonema. Transcrições fonética e fonológica. Processos fonológicos e dialetológicos. Teorias e métodos de análise fonológica.

##### **Bibliografia Básica**

- BRANDÃO, S. F. Geografia lingüística no Brasil. São Paulo: Ática, 1989.
- CAGLIARI, L. C. Análise fonológica. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. Iniciação à fonética e à fonologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- COSERIU, E. Geografia lingüística. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- LYONS, J. Introdução à Lingüística Teórica. São Paulo: Ed. Nacional/Ed. da USP, 1979.
- SILVA, T. C. Fonética e fonologia do português. São Paulo: Contexto, 1999.
- WEISS, H. E. Fonética articulatória. Guia e exercícios. 3ª ed. Brasília: SIL, 1988.

##### **Bibliografia Complementar**

- CRYSTAL, D. Dicionário de Lingüística e Fonética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- HYMAN, L. M. Phonology: theory and analysis. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.
- KINDELL, G. E. Guia de análise fonológica. Brasília: SIL, 1981. \_\_\_\_\_. Manual de exercícios para análise fonológica. Brasília: SIL, 1981.
- LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. The sounds of the world's languages. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

RIOS, L. M. Subsídios da fonética e da fonologia para o ensino/aprendizagem de uma segunda língua. Cadernos de Letras, Goiânia, Série Lingüística, n. 7, UFG, 1996.

## **MORFOLOGIA**

Modelos de análise morfológica. Morfema, alomorfe, palavra. Identificação e classificação de morfemas e alomorfes. Processos morfofonológicos. Formação e classe de palavras em diversas línguas.

### **Bibliografia Básica**

BASÍLIO, M. Teoria Lexical. São Paulo: Ática, 2001.

KEHDI, V. Morfemas do português. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. Formação de palavras do português. São Paulo: Ática, 2002.

PETTER, M. M. T. Morfologia. In: FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à Lingüística II.

Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003. p.59-79.

ROSA, M. C. Introdução à morfologia. São Paulo: Contexto, 2000.

SÂNDALO, F. Morfologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à Lingüística. v. 1. São Paulo: Contexto, 2001. p. 181-206.

### **Bibliografia Complementar**

ELSON, V. & PICKETT, V. Introdução à morfologia e à sintaxe. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

GLEASON Jr., H. A. Introdução à Lingüística Descritiva. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

LYONS, J. Introdução à Lingüística Teórica. São Paulo: Ed. Nacional/Ed. da USP, 1979.

MATTHEWS, P. H. Morphology. 2nd. Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

PAYNE, T. E. Describing morphosyntax. A guide for field linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RICHARDS, J. Exercícios de análise gramatical. Brasília: SIL, 1981.

STEINBERG, M. Morfologia inglesa. Noções introdutórias. São Paulo: Ática, 1985.

WIESEMANN, U.; MATTOS, R. Metodologia de análise gramatical. Petrópolis: Vozes, 1980.

## **SINTAXE**

Teorias sintáticas com base na análise de fenômenos lingüísticos de línguas naturais.

### **Bibliografia Básica**

FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à lingüística I: Objetos Teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

LYONS, J. Língua(gem) e lingüística. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FARIA, I. H. et. al. Introdução à lingüística geral e portuguesa. Lisboa: Caminho, 1996.

MIOTO, C; SILVA, M. C. F; LOPES, R. E. V. Novo manual de sintaxe. Florianópolis: Insular, 2005.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras, v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

NEVES, M. H. M. A gramática funcional. São Paulo: Contexto, 1997.

RAPOSO, E. Teoria da gramática: a faculdade da linguagem. Lisboa; Caminho, 1992.

### **Bibliografia Complementar**

BORBA, F. S. Introdução aos estudos lingüísticos. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

LOBATO, L. Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LYONS, J. Introdução à lingüística teórica. São Paulo: Nacional, 1979.

## **LATIM**

Estudo morfossintático da língua latina. Estruturas do sistema verbo-nominal. Lexicologia e semântica latinas. Correlação entre estruturas lingüísticas do latim e do português.

### **Bibliografia Básica**

ALMEIDA, N. M. de. Gramática Latina. São Paulo: Saraiva, 1983.

CARDOSO, Z. de A. A Literatura Latina. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GARCIA, J. M. Introdução à teoria e prática do latim. Brasília: UNB, 2000.

REZENDE, A. M. Latina essentia. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

### **Bibliografia Complementar**

COMBA, J. Gramática Latina. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1991.

FARIA, E. Dicionário escolar latino-português. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, FENAME (Fundação Nacional de Material escolar), 1982.

ILARI, R. Lingüística românica. São Paulo: Ática, 2001.

NETO, S. da S. História do latim vulgar. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S. A., 1977.

RÓNAI, P. Gradus primus et Gradus secundus. São Paulo: Cultrix, 1986.

## **LATIM 2**

Análise e tradução de textos latinos dos períodos helenístico, clássico e pós-clássico. Princípios de morfossintaxe e de teoria da tradução. Tópicos de cultura romana e medieval.

### **Bibliografia Básica**

CARDOSO, Z. de A. A Literatura Latina. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Ernesto. Gramática da língua latina. Brasília: FAE, 1995.

GARCIA, J. M. G. Língua latina: a teoria sintática na prática dos textos. Brasília : Editora Unb, 1997.

### **Bibliografia Complementar**

COUTINHO, I. de L. Gramática Histórica. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 2004.

DEBORDES, F. Concepções sobre a escrita na Roma antiga. São Paulo: Ática, 1995.

FEDRO. Fábulas. Lisboa: Inquérito, 1990.

LIMA, A. D. Uma estranha língua? Questões de linguagem e método. São Paulo: UNESP, 1995.

OLIVEIRA, J. L. de. Conceitos de lingüística fabular. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

REZENDE, A. M. de; BIANCHET, S. B. Dicionário do Latim Essencial. Belo Horizonte: Crisálida, 1995.

SARAIVA, F. R. dos Santos. Dicionário latino-português. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

WILLIAMS, E. B. Do latim ao português. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 2001.

## **FONOLOGIA DO PORTUGUÊS**

Apresentação e análise do sistema e processos fonológicos do português do Brasil, tendo em vista os diversos aspectos pertinentes ao processo de ensino/aprendizagem. Relações da fonologia com a escrita da língua portuguesa.

### **Bibliografia Básica**

BRANDÃO, S. F. Geografia lingüística no Brasil. São Paulo: Ática, 1989.

CALLOU, D.; LEITE, Y. Iniciação à Fonética e à Fonologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MAIA, E. M. No reino da fala: a linguagem e seus sons. São Paulo: Ática (Série Princípios), 1985.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. Princípios de Lingüística Geral. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1998.

\_\_\_\_\_. Problemas de Lingüística Descritiva. 12ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, T. C. Fonética e fonologia do português. São Paulo: Contexto, 1999.

### **Bibliografia Complementar**

ABAURRE, M. B. M. Fonologia: a gramática dos sons. Letras. Santa Maria: UFSM, 1993, v. 5, p. 9-24.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Lingüística. São Paulo: Scipione, 1995.

FARACO, C. A. Escrita e alfabetização. São Paulo: Contexto, 1998.

JAKOBSON, R. Fonema e Fonologia. Trad. J. M. Câmara Jr. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1972.

## **MORFOLOGIA DO PORTUGUÊS**

Apresentação e análise dos processos de formação das palavras em português. Processos morfofonológicos. Aspectos relevantes da morfologia no ensino/aprendizagem do português como língua materna.

### **Bibliografia Básica**

BASÍLIO, M. Teoria Lexical. São Paulo: Ática, 2001.

BORBA, F. S. Introdução aos estudos lingüísticos. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

CARONE, F. Morfossintaxe. São Paulo: Ática, 1990. Coleção Fundamentos.

KEHDI, V. Morfemas do português. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. Formação de palavras do português. São Paulo: Ática, 2002.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. Princípios de Lingüística Geral. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1998.

MONTEIRO, J. L. Morfologia portuguesa. Campinas: Pontes, 1991.

### **Bibliografia Complementar**

ALVES, I. M. Neologismo. São Paulo: Ática, 1995. Coleção Princípios.

LOPES, E. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1985.

ROSA, M. C. Introdução à morfologia. São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, J. L. Introdução à lingüística. São Paulo: Contexto, 2002.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras, v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

FROMKLIN, V. Introdução à lingüística. Lisboa: Almedina, 1997.

## **SINTAXE DO PORTUGUÊS**

Estudo dos processos de estruturação sintática no português do Brasil. Análise descritiva e explicativa. Gramaticalidade e uso. Aplicações ao ensino de português.

### **Bibliografia Básica**

- LOPES, L. P. M.; MOLLICA, M. C. Espaços e interfaces da lingüística e da lingüística aplicada. Série Cadernos didáticos UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- NEVES, M. H. M. Que gramática ensinar na escola. São Paulo: Contexto, 2003.
- \_\_\_\_\_. A gramática: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. A gramática de usos do português. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- MIOTO, C; SILVA, M. C. F; LOPES, R. E. V. Novo manual de sintaxe. Florianópolis: Insular, 2005.
- SILVA, M. C. F. A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

### **Bibliografia Complementar:**

- CORÔA, M. L. M. S. O tempo nos verbos do português. São Paulo: Parábola, 2005.
- COSTA, S. B. B. O aspecto em português. São Paulo: Contexto, 1997.
- ILARI, R. A expressão do tempo em Português. São Paulo: Contexto, 2001.
- LOBATO, L. Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação. Belo Horizonte: Vigília, 1986.
- NEVES, M. H. M. A gramática na escola. São Paulo: Contexto, 1991.
- PONTES, E. Os verbos auxiliares em português. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. Sujeito: da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática, 1986, p. 119-149.
- TRAVAGLIA, L. C. Gramática: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2003.

### **TEXTO E DISCURSO**

As teorias de texto e de discurso. Aspectos sociocognitivos do processamento textual. As condições de produção dos enunciados. Intertextualidade e interdiscursividade. Gêneros do discurso. Enunciação e ethos. A construção dos efeitos de sentido nos diferentes textos. A questão da autoria.

### **Bibliografia Básica**

- BENTES, A. C. A Lingüística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à Lingüística, v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 245-287.
- BRANDÃO, H. N. Gêneros do discurso na escola. São Paulo: Cortez, 2000.
- KOCH, I. V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_.; ELIAS, V. M. Ler e Compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, D. Cenas de Enunciação. Curitiba: Criar, 2006.
- POSSENTI, S. Discurso, sujeito e o trabalho de escrita. Problemas atuais da análise do discurso, Araraquara, ano 8, n. 1, p. 27-41, 1994.

### **Bibliografia Complementar**

- DIONÍSIO, A. P. MACHADO; A. R. BEZERRA, M. A. (Org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- FIORIN, J. L. (Org). Introdução à Lingüística. São Paulo: Contexto, 2003 (v. 1 e 2).
- KOCH, I. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, I. V. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 1997.
- MAINGUENEAU, D. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2001.

### **PRODUÇÃO DO TEXTO ACADÊMICO**

Tipologia dos textos e gêneros textuais, tendo em vista a prática do texto acadêmico.

### **Bibliografia Básica**

CARVALHO, M. C. M. (Org.). Construindo o saber – metodologia científica – fundamentos e técnicas. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 1997. MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. Planejar gêneros acadêmicos. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOTTA-ROTH, D. (Org.). Redação acadêmica – princípios básicos. Santa Maria: Laboratório de Leitura e Redação – DLEM/UFSM, 2002.

VAL, M. G. C. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

### **Bibliografia Complementar**

CITELLI, A. Linguagem e persuasão. São Paulo: Ática, 2000.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1991.

FERNANDES, J. Técnicas de estudo e pesquisa. Goiânia: Kelps, 1999.

FIORIN, J. L. Linguagem e ideologia. São Paulo: Editora Ática, 1997.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. Resumo – leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. Resenha – leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEDEIROS, J. B. Redação científica – a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 1997.

MENDONÇA, L. M., ROCHA, C. R. R.; GOMES, S. H. A. Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos na UFG. Goiânia: UFG, 2005.

## **LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL**

Prática de leitura e produção de textos com ênfase nos aspectos de sua organização.

### **Bibliografia Básica**

CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, L. L. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Ática, 1998.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1999.

FREIRE, P. A importância do ato de ler (em três artigos que se completam). São Paulo: Cortez, 1983.

GERALDI, J. W. (Org.). O texto na sala de aula: leitura e produção. São Paulo: Ática, 1999.

### **Bibliografia Complementar**

BAGNO, M. Preconceito lingüístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BECHARA, E. Ensino de gramática. Opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 1987.

GARCIA, O. M. Comunicação em prosa moderna – aprenda a escrever, aprendendo a pensar. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1977.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. A coerência textual. São Paulo: Contexto, 1995.

\_\_\_\_\_. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 1993.

LUFT, C. P. Língua e liberdade – o gigolô das palavras. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PAULINO, G.; WALTY, I.; FONSECA, M. N.; CURY, M. Z. Tipos de textos, modos de leitura. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

PÉCORA, A. Problemas de redação. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VAL, M. G. C. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

## **SOCIOLINGÜÍSTICA**

A língua nos contextos sociais. Modelos de teoria e análise sociolingüística. Variação e mudança lingüística. Etnografia da fala. Variedades padrão e não-padrão, registros, estilo. A sociolingüística e o ensino de línguas.

### **Bibliografia Básica**

ALKMIM, T. Sociolingüística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à lingüística. v. 1. São Paulo: Cortez. 2001. p. 7-23.

MOLLICA, C. M.; BRAGA, M. (Org.). Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

ORLANDI, E. P. (Org.). Política Lingüística na América Latina. Campinas-SP: Pontes, 1988.

RECTOR, M. A fala dos jovens. Petrópolis: Vozes, 1994.

TARALLO, F.; ALKMIM, T. Falares crioulos. Línguas em contato. São Paulo: Ática, 1987.

TARALLO, F. Sociolingüística. São Paulo: Ática, 2000.

### **Bibliografia Complementar**

BAXTER, A. N.; LUCCHESI, D. 1997. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. Estudos lingüísticos e literários, v. 19, p. 65-84. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística.

BORGES, C. L. A língua geral: revendo margens em sua deriva. In: FREIRE, B. R. J.; ROSA, C. M. (Org.). Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2003.

CÂMARA JR., J. Mattoso. Dispersos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

VITRAL, L. Língua geral versus língua portuguesa; a influência do processo civilizatório. In: Silva, R. V. M. e (Org.). Para a história do português brasileiro. Tomo II. São Paulo: Humanitas.

## **PSICOLINGÜÍSTICA**

Modelos teóricos de aquisição da linguagem. Aquisição da língua oral e escrita em L1 e L2. Os modelos teóricos da produção, da compreensão e da aquisição da linguagem e sua aplicação em sala de aula.

### **Bibliografia Básica**

ABAURRE, M. B. M. et al. Cenas de Aquisição da Escrita. São Paulo: Cia de Letras, 1997.

BRAGGIO, S. L. B. Da influência da prática de ensino no processo de aquisição da linguagem escrita. Letras em Revista, v.1, n.1/2. 1990.

\_\_\_\_\_. Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolingüística. Porto Alegre: Artmed, 1992.

\_\_\_\_\_. (Org.). Contribuições da Lingüística para a alfabetização. Goiânia: Ed. da UFG, 1995.

\_\_\_\_\_. (Org.). Contribuições da Lingüística para o ensino de línguas. Goiânia: Ed. da UFG, 1998.

MAIA, E. M. No reino da fala. A linguagem e seus sons. São Paulo: Ática, 1985.

SCARPA, E. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à Lingüística. v. II. São Paulo: Cortez, 2002. p. 203-232.

### **Bibliografia Complementar**

- ABAURRE, M. B. M. Língua oral e língua escrita: aspectos da aquisição da representação escrita da linguagem. Apresentado no IX Congresso Internacional da ALFAL. 1990. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem. PUCRS: CEAAL, 1992.
- \_\_\_\_\_. Língua oral, língua escrita: interessa à lingüística, os dados da representação escrita da linguagem? Atas do IX Congresso Internacional de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL). Campinas: IEL/UNICAMP, 1993.
- \_\_\_\_\_. Explorando os limites da sistematicidade: Indícios da emergência de traços estilísticos na escrita infantil. Estudos Lingüísticos XXII. Anais do XL Seminário do GEL, v.1, Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda, 1993.
- \_\_\_\_\_. Indícios das primeiras operações de reelaboração de textos infantis. Estudos Lingüísticos XXXIII, Anais do XLI Seminário do GEL, v.1, São Paulo: USP, 1994.
- \_\_\_\_\_. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. 2001. Mimeo.
- BALIEIRO Jr., A. P. Psicolingüística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à Lingüística. v. II. São Paulo: Cortez, 2002. p. 171-201.
- GNERRE, M. Linguagem, Escrita e Poder. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LEMOS, C. T. G. A sintaxe no espelho. Cadernos de Estudos Lingüísticos, n. 10, 1986.
- \_\_\_\_\_. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema: pecado original. CEAAL-PUCRS. 1989.
- \_\_\_\_\_. Uma abordagem socio-constructivista na aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões. CEAAL-PUCRS, 1989. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem, 1993. Mimeo.
- SMOLKA, A. L. B. A criança na fase inicial da escrita. São Paulo: Cortez Editora. 1988.
- VYGOTZKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes. 1987.
- \_\_\_\_\_. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes. 1984.
- \_\_\_\_\_. et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone Editora.
- SLOBIN, D. Psicolingüística. São Paulo: EDUSP, 1980.

### **LINGÜÍSTICA ROMÂNICA**

A lingüística românica como ciência histórica. A formação das línguas românicas. Subsídios filológicos.

### **Bibliografia Básica**

- BASSETTO, B. Elementos de filologia românica. São Paulo: Edusp, 2001.
- FARACO, C. A. Lingüística histórica. Uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.
- ILARI, R. Lingüística românica. São Paulo: Ática, 2001.
- IORDAN, I. Introdução à lingüística românica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.
- VIDOS, B. E. Manual de lingüística românica. Rio de Janeiro: EduERJ, 1996.

### **Bibliografia Complementar**

- CARDOSO, Z. de A. Iniciação ao latim. São Paulo: Ática, 1989. Coleção Princípios.
- LAUSBERG, H. Lingüística românica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.
- MAURER JR., T. H. O problema do latim vulgar. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.
- \_\_\_\_\_. Gramática do latim vulgar. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.
- VASCONCELOS, C. M. de. Lições de filologia portuguesa. Lisboa, Revista, 1946.

## **ESTUDOS DIACRÔNICOS DO PORTUGUÊS**

A história da língua portuguesa. A romanização e a formação da língua portuguesa. Variedades lusófonas. A língua portuguesa no Brasil.

### **Bibliografia Básica**

- CASTILHO, A. O português do Brasil. In: ILARI, R. (Org.). *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 2001.
- COUTINHO, I. de L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1993.
- GOULART, A. T.; SILVA, O. V. da. *Estudo dirigido de gramática histórica*. São Paulo: Brasil S/A., 1978.
- ILARI, R. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 2001.
- PAIVA, D. F. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1943.
- SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.
- TARALLO, F. *Tempos Linguísticos*. São Paulo: Ática, 1994.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

### **Bibliografia Complementar**

- ALKMIM, T. M. *Para a história do português brasileiro. Novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- HERCULANO, A. *História de Portugal*. Lisboa: Bertrand, 1980.
- ILARI, R. *O português da gente. A língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.
- \_\_\_\_\_. MACHADO FILHO, A. V. L. *O Português quinhentista. Estudos linguísticos*. Salvador: Edufba, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Para a história do português brasileiro. Primeiros estudos, v. II, T. 1 e 2*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- PAIVA, D. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1943.
- ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- VIDOS, B. E. *Manual de linguística românica*. Rio de Janeiro: EduERJ, 1996.

## **SEMÂNTICA**

Objeto de estudo e percurso histórico da semântica. Teorias semânticas. Produção do sentido nas línguas naturais, especialmente na língua portuguesa.

### **Bibliografia Básica**

- BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1991. p. 277-283.
- CARDOSO, S. H. B. *A questão da referência*. Campinas: Autores Associados, 2003.
- FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 59-86.
- OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. *O significado de significado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- RUSSELL, B. Da denotação. In: *Ensaio escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores). p. 3-14.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 1991.
- STRAWSON, P. F. Sobre referir. In: RYLE; AUSTIN; QUINE; STRAWSON. *Ensaio*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores). p. 261-280.

ULLMAN, S. Semântica: uma introdução à ciência do significado. 4ª ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

### **Bibliografia Complementar**

AUROUX, S. Filosofia da linguagem. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. Anexo II.  
BLIKSTEIN, I. Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.  
ILARI, R; GERALDI, V. Semântica. São Paulo: Ática, 1994. LYONS, J. Semântica. Lisboa: Presença/ Martins Fontes, 1980. v. I.  
MARQUES, M. H. D. Iniciação à semântica. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.  
MATEUS, M. H. M. et al. Gramática da língua portuguesa. Coimbra: Almedina, 1983. p. 80-37.

### **PRAGMÁTICA**

Abordagens da linguagem em uso. Relações entre significado, ação e história. Estudos da comunicação na linguagem. Teoria dos atos de fala, dêiticos e implicaturas.

### **Bibliografia Básica**

AUSTIN, J. L. Performativo-constativo. In: OTTONI, P. Visão performativa da linguagem. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. p. 107-144.  
BENVENISTE, E. A filosofia analítica e a linguagem. In: Problemas de lingüística geral I. Campinas: Pontes, 1991. p. 294-305.  
\_\_\_\_\_. O aparelho formal da enunciação. Problemas de lingüística geral II. Campinas: Pontes, 1989. p. 81-90.  
GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.). Fundamentos metodológicos da lingüística. v. IV. Pragmática. Campinas: Unicamp, 1982. p. 81-103.  
RAJAGOPALAN, K. Sobre a especificidade da pesquisa no campo da pragmática. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, n. 42, p. 89-98, 2002.

### **Bibliografia Complementar**

AUSTIN, J. L. How to do things with words. 2ª ed. Oxford: Oxford University Press, 1980.  
FIORIN, J. L. Pragmática. In: FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à Lingüística. São Paulo: Contexto, 1999.  
PINTO, J P. Pragmática. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à Lingüística. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p. 47-68.  
RAJAGOPALAN, K. Os caminhos da pragmática no Brasil. D.E.L.T.A. v.15. n. especial, p. 323-338.

### **LINGÜÍSTICA ANTROPOLÓGICA**

Língua e cultura. A diversidade cultural. A língua nos diferentes contextos culturais. As teorias estruturalista e relativista de língua e cultura. Contato entre línguas e sua atualização. As sociedades indígenas, quilombolas e de imigrantes e suas línguas e culturas. Multilingüismo e bilingüismo. Educação intercultural.

### **Bibliografia Básica**

CORBERA-MORI, A. Conteúdos lingüísticos e políticos na definição de ortografias das línguas indígenas. In: D'ANGELIS, W.; VEIGA, J. (Org.). Leitura e escrita em escolas indígenas. Campinas: ALB/Mercado das Letras, 1997. p. 23-33.  
LOBATO, L. M. P. Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil. In: SILVA, D. E. G. (Org.). Língua, Gramática e discurso. Goiânia: Cànone, 2006.

OLSON, D. R. A escrita sem mitos. In: OLSON, D. R. O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997. p. 17-36.  
PIMENTEL da SILVA, M. S. A educação na revitalização da língua e da cultura Karajá na aldeia de Buridina. Revista do Museu Antropológico. Goiânia, v. 1, n. 1, 2000. p. 65-73.  
SOARES, M. F. Duas experiências relacionadas com a escrita em línguas indígenas. In: D'ANGELIS, W.; VEIGA, J. (Org.). Leitura e escrita em escolas indígenas. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1997. p. 34-52.

### **Bibliografia Complementar**

ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. ALFA- Revista de Lingüística, São Paulo, v.28, 1984. p. 119-126.  
BORGES, M. V. O fenômeno da diferenciação entre as falas feminina e masculina nas línguas indígenas. Revista do Museu Antropológico, Goiânia, v. 1, n. 1, 2000. p. 75-101.  
DAVIS, S. H. Vítimas do Milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil. Trad. Jorge A. F. Pontual. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.  
OLIVEIRA, G. M. O que quer a lingüística e o que se quer da lingüística - a delicada questão da assessoria lingüística no movimento indígena. In: Cadernos Cedes, 49 (Educação Indígena), 2000. p. 26-38.

### **ESTUDOS DO LÉXICO**

Significado lexical e relações lexicais. Lexicologia e lexicografia. A construção de Dicionários. Léxico e ensino.

### **Bibliografia Básica**

BASÍLIO, M. Teoria Lexical. São Paulo: Ática. 1987  
BIDERMAN, M. T. Teoria Lingüística. São Paulo: Martins Fontes, 2001.  
\_\_\_\_\_. Dicionário didático de Português. São Paulo: Ática, 1998.  
BORBA, F. S. Introdução aos estudos lingüísticos. São Paulo; Ed. Da UNESP, 2002.  
BORBA, F. S. et al. Dicionário de Usos do Português. São Paulo: Ática, 2002.  
CARONE, F. Morfossintaxe. São Paulo: Ática, 1999.

### **Bibliografia Complementar**

ILARI, R. Introdução ao estudo do Léxico – brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.  
RANCHHOD, E. (Org.). Tratamento das Línguas por Computador. Uma Introdução à Lingüística Computacional e suas Aplicações. Lisboa: Caminho, 2001.  
WELKER, H. A. Dicionários. Uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

### **ANÁLISE DO DISCURSO**

A constituição da análise do discurso. A noção de discurso: condições de produção, ideologia, efeito de sentido e sujeito. Formação discursiva, interdiscursividade, memória discursiva e história. Polifonia e heterogeneidade discursiva. Os gêneros discursivos.

### **Bibliografia Básica**

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.  
BRANDÃO, H. N. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.  
FERNANDES, C. A. Análise do Discurso: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.  
MAINGENEAU, D. Gênese dos discursos. Curitiba: Criar, 2005.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à Lingüística. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.  
ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2002.

### **Bibliografia Complementar**

BRAIT, B. Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.  
\_\_\_\_\_. Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.  
FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (Org.). Análise do discurso: unidade e dispersão. Uberlândia: Entremeios, 2004.  
FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.  
GREGOLIN, M. R. Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.  
NAVARRO, P. (Org.). Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.  
PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

### **ESTUDOS SOBRE LETRAMENTO**

Usos sociais da leitura e da escrita: eventos e práticas de letramento. Abordagem das teorias do processo de aquisição de leitura e escrita; análise das práticas escolares e não escolares de letramento.

### **Bibliografia Básica**

CHARTIER, R. A aventura do livro. Do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.  
KLEIMAN, A. B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.  
MANGUEL, A. Uma história da leitura. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.  
MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita. Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez Editora, 2003.  
OLSON, D.; TORRANCE, N. Cultura escrita e oralidade. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.  
SOARES, M. Letramento. Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.  
RIBEIRO, V. M. (Org.). Letramento no Brasil. São Paulo: Global Editora, 2003.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BARTON, D. Literacy. An introduction to the ecology of written language. Oxford, UK & Cambridge, USA: Blackwell, 1994.  
BAYNHAM, M. Literacy Practices. Investigating literacy in social contexts. London: Longman, 1995.  
GEE, J. P. Social Linguistics and Literacies. Ideology in Discourses. Hampshire: The Falmer Press, 1990.  
HEATH, S. B. Ways with Words. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.  
OLSON, D. O mundo no papel. São Paulo: Ática, 1997.  
STREET, B. V. Literacy in theory and practice. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.  
STREET, B. V. (Ed.). Cross-cultural approaches to literacy. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

### **ESTÁGIO 1 (PORTUGUÊS)**

Concepções de linguagem e ensino. A sala de aula como espaço de ensino-aprendizagem. As tarefas docentes: planejar, executar, avaliar. História da disciplina língua portuguesa no contexto escolar brasileiro. Tecnologias na educação.

### **Bibliografia Básica**

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais - Introdução. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais - 3.º e 4.º ciclos - Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. I Vol. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

### **Bibliografia Complementar**

BRASIL. Referenciais para a formação de professores. Brasília,: MEC/SEB, 1999.

GADOTTI, M. Concepção dialética da educação. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, W. Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.

GERALDI, J. W. A aula como acontecimento. Portugal: Tipave, Indústrias gráficas de Aveiro, 1994.

KLEIMAN. A. B. (Org.). Os significados do letramento. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras. 1995.

ROJO, R. A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs. São Paulo: EDUC; Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. Revista de Educação da AEC. N.101, out/dez. 1996, p. 9-26. Brasília.

### **ESTÁGIO 2 (PORTUGUÊS)**

O ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, segunda fase: objetivos, conteúdos, metodologias, avaliação. Análise e elaboração de material didático. Leitura do texto literário.

### **Bibliografia Básica**

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais - 3.º e 4.º ciclos - Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

### **Bibliografia Complementar**

BRASIL. Enem: Documento Básico. Brasília:INEP, 2000.

GERALDI, J. W. (Org.). O texto na sala de aula: leitura e produção. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. Livros didáticos, escola, leitura. In: A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

KARWOSKI, A. M. et al. (Org.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ROJO, R. A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs. São Paulo: EDUC; Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

### **ESTÁGIO 3 (PORTUGUÊS)**

O ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio: objetivos, conteúdos, metodologias, avaliação. Análise e elaboração de material didático. Leitura do texto literário. A pesquisa no contexto escolar.

### **Bibliografia Básica**

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. I Vol. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC/Semtc, 2002.

### **Bibliografia Complementar**

DEMO, P. Educar pela pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Col. educação contemporânea).

BRASIL. Enem: Documento Básico. Brasília: INEP, 2000.

BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). Português no Ensino Médio e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

DIONÍSIO, A.; MACHADO A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). Gêneros textuais e ensino. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

#### **ESTÁGIO 4 (PORTUGUÊS)**

Experiência docente no campo de estágio. Elaboração e apresentação dos resultados de pesquisa sobre o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

#### **Bibliografia Básica**

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. I Vol. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC/Semtc, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa - 3º e 4º ciclos. Brasília, 1997.

#### **Bibliografia Complementar**

FREIRE. P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1997

GERALDI, J. W. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PAIVA, A. et al. (Org.). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2004.

ROJO, R.; CORDEIRO, G. (Org.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

### **DISCIPLINAS DA ÁREA DE LITERATURA**

#### **INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS**

Introdução aos conceitos fundamentais da literatura. Abordagem da problemática dos gêneros literários. Noções sobre o poema, a narrativa e o drama.

#### **Bibliografia Básica**

AGUIAR E SILVA, V. Teoria da Literatura. Coimbra: Almedina, /s.d./

CULLER, J. Introdução à Teoria Literária. São Paulo: Beca Edições, 1999.

D'ONOFRIO, S. Teoria do texto 1. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. Teoria do texto 2. São Paulo: Ática, 1995.

PORTELLA, E. et al. Teoria Literária. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

STAIGER, E. Conceitos fundamentais de poética. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

#### **Bibliografia Complementar**

ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. A poética clássica. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1990.

CANDIDO, A. et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 1976.

- COMPAGNON, A. O demônio da teoria. Literatura e senso comum. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- COSTA, L. M. da; REMÉDIOS, M. L. R. A tragédia. Estrutura e história. São Paulo: Ática, 1988.
- EAGLETON, T. Teoria da literatura: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- GONÇALVES, M. T.; BELLODI, Z. C. Teoria da literatura “revisitada”. Petrópolis, RJ; Vozes, 2005.
- JOBIM, J. L. (Org.). Introdução aos termos literários. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
- STALLONI, Y. Os gêneros literários. Trad. Flávia nascimento. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

### **TÓPICOS DE HISTÓRIA DA LITERATURA**

Estudo dos principais estilos e períodos literários e de suas características básicas, mediante a análise de autores e obras representativas da literatura ocidental. Reflexões sobre o ensino da literatura.

#### **Bibliografia Básica**

- GUINSBURG, J. (Org.). O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- \_\_\_\_\_. (Org.). O Classicismo. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- HATZFELD, H. Estudos sobre o Barroco. Trad. Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- MELLO FRANCO, Afonso Arinos et al. O Renascimento. Ciclo de conferências promovido pelo Museu Nacional de Belas-Artes. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1978.

#### **Bibliografia Complementar**

- ÁVILA, A. O lúdico e as projeções do mundo barroco. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- GELLI, L. M. de M. A estética da ilustração. Textos doutrinários. São Paulo: Editora Atlas, 1992.
- HAUSER, A. História social da literatura e da arte. v. 1 e 2. Trad. Walter H. Geenen. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- LOBO, L. (Org.). Teorias poéticas do romantismo. Trad. Luíza Lobo. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1987.
- TRINGALLI, D. Escolas literárias. São Paulo: Musa Editora, 1994.

### **TEORIA DO POEMA**

Estudo da natureza e desenvolvimento da linguagem poética a partir de teorias que tenham por objeto o poema como forma de expressão da poesia. Utilização do texto poético no processo de ensino e aprendizagem.

#### **Bibliografia Básica**

- BOSI, V. et al. O poema: leitores e leituras. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2001.
- BOSI, A. (Org.). Leitura de poesia. São Paulo: Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CARA, S. de A. Poesia lírica. São Paulo: Ática, 1998.
- D’ONOFRIO, S. Teoria do texto 2. Teoria da lírica e do drama. São Paulo: Ática, 1995.
- FRIEDRICH, H. Estrutura da lírica moderna. Trad. Marisa Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- HAMBURGER, K. A lógica da criação literária. Trad. Margot P. Malnic. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 167-210.

STAIGER, E. Conceitos fundamentais da poética. Trad. Celeste Aínda Galeão. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1969. p. 19-75.

### **Bibliografia Complementar**

GOLDSTEIN, N. Versos, sons, ritmos. São Paulo: Ática, 1989.

JAKOBSON, R. Lingüística e comunicação. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1989.

MORICONI, Í. Como e por que ler poesia contemporânea. São Paulo: Objetiva, 2003.

PAZ, O. O arco e a lira. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEDROSA, C. (Org.). Mais poesia hoje. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 124-131

PERRONE-MOISÉS, L. Inútil poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PIGNATARI, D. O que é comunicação poética. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

TEZZA, C. A poesia segundo os poetas. In: \_\_\_\_\_. Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. p. 56-85.

### **TEORIA DA NARRATIVA**

Estudo da natureza e caracterização das principais formas da arte narrativa a partir de teorias que tenham por objeto a epopéia, o conto, a novela e o romance como formas de expressão literária. Utilização do texto narrativo no processo de ensino e aprendizagem.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

AGUIAR E SILVA, V. Teoria da Literatura. Coimbra: Almedina, /s.d./

AUERBACH, E. Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental. Trad. São Paulo: Perspectiva, /s.d./

BARTHES, R et al. Análise estrutural da narrativa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986. al. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 57-74.

CANDIDO, A. et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 1976.

LUKÁCS, G. Teoria do romance. São Paulo: Editora 34, 2000.

STAIGER, E. Conceitos fundamentais da poética. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. Dicionário de teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1988.

REUTER, Y. Introdução à análise do romance. Trad. Ângela Bergamini et al. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TODOROV, T. As estruturas narrativas. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1979

### **Bibliografia Complementar**

ADORNO, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, W. et al. Os pensadores. Trad. José Lino Grünewald et al. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.269-273.

ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. A poética clássica. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1990.

BENJAMIN, W. O narrador. In: \_\_\_\_\_ et al. Os pensadores. Trad. José Lino Grünewald et CULLER, J. Introdução à Teoria Literária. São Paulo: Beca Edições, 1999.

ECO, U. Seis passeios pelo bosque da ficção. Trad. Hildegard Feist São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EIKHENBAUM et al. Teoria da Literatura. Formalistas Russos. Trad. Ana Filipouski et al Porto Alegre: Globo, 1976.

PAZ, O. Ambigüidade do romance. In: \_\_\_\_\_. Signos em rotação. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SANTIAGO, S. Nas malhas da letra. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VASCONCELOS, S. G. Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII. São Paulo: Boitempo, 2002.

WATT, I. A ascensão do romance. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WELLEK, R.; WARREN, A. Teoria da Literatura. Sintra-Portugal: Europa-América./s.d./

## **TEORIA DO TEATRO**

Conceituação das formas e conteúdos do texto dramático a partir de teorias que tenham por objeto o teatro como forma de expressão literária. O teatro como instrumento de ensino e aprendizagem.

### **Bibliografia Básica**

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. A poética clássica. São Paulo: Cultrix, 1990.

CARLSON, M. Teorias do teatro. Estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

### **Bibliografia Complementar**

BENTLEY, E. A experiência viva do teatro. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

LESKY, A. A tragédia grega. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BORNHEIM, G. O sentido e a máscara. São Paulo: Perspectiva, 1975.

## **ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURA OCIDENTAL**

Estudos de obras da lírica, da narrativa ou do drama ocidentais, numa perspectiva comparativista.

### **Bibliografia Básica**

BLOOM, H. O cânone ocidental. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

CARPEAUX, O. M. História da literatura ocidental. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978.

COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. Literatura comparada. Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

NITRINI, S. Literatura comparada. São Paulo: Edusp, 1998.

### **Bibliografia Complementar**

AUERBACH, E. Mimesis. Representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BLOOM, H. Como e por que ler. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

CALVINO, I. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

D'ONOFRIO, S. Literatura ocidental. São Paulo: Ática, 1997.

MEYER, A. Do leitor. Textos críticos. São Paulo: Perspectiva, 1986.

## **TEORIA DA LITERATURA**

Estudo das obras fundadoras da Teoria da Literatura e de algumas das principais vertentes teóricas modernas.

### **Bibliografia Básica**

ARISTÓTELES. Poética. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. A poética clássica. São Paulo: Cultrix.

BOILEAU-DESPREAUX, Nicolas. A arte poética. São Paulo: Perspectiva.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria. Literatura e senso comum. Belo Horizonte; Editora UFMG, 1999.

LIMA, Luiz Costa. Teoria da literatura em suas fontes. V. 1 Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LIMA, Luiz Costa (Seleção, introdução e revisão técnica). Teoria da literatura em suas fontes, vol. 2. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2002.

### **Bibliografia Complementar**

AGUIAR E SILVA, V. M. Teoria da literatura. Coimbra: Almedina, 1988.

CULLER, J. Teoria literária. São Paulo: Beca, 1999.

EAGLETON, T. Teoria da literatura. Uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WELLEK, R.; WARREN, A. Teoria da literatura. Lisboa, Europa-América, 1987.

### **CRÍTICA LITERÁRIA**

Tendências tradicionais. Correntes da Crítica Literária no século XIX.

#### **Bibliografia Básica**

ARISTÓTELES, HORÁRIO E LONGINO. A poética clássica. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo, Cultrix, 1990.

HUGO, V. Do grotesco e do sublime. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PLATÃO. A república. Trad. de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.

PROUST, M. Contre Saint-Beuve. R. J.: Iluminuras, 1988.

ZOLA, É. O romance experimental e o naturalismo no teatro. Trad. de I. Caroni e C. Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1979.

#### **Bibliografia Complementar**

BRUNEL, P. A crítica literária. R. J.: Martins Fontes, 2003.

COELHO, E. P. Os universos da crítica. Lisboa: Edições 70, 1987.

CROCE, B. Breviário de estética. São Paulo: Ática, 1997.

EAGLETON, T. A função da crítica. Rio de Janeiro: Martins Fones, 2004.

ELIOT, T. S. A essência da poesia. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1972.

JAMES, H. A arte da ficção. Trad. de Daniel Piza. Rio de Janeiro: Imaginário, 1995.

LIMA, L. C. Teoria da literatura em suas fontes. v. I, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

POUND. E. A arte da poesia. São Paulo: Cultrix, 1976

RALLO, E. R. Métodos de crítica literária. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2005.

RICHARDS, I. A. A prática da crítica literária. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997. ROGER, J. A crítica literária. São Paulo: Difel, 2002.

SANTOS, W. Uma ciência da literatura. Goiânia: Ed. da UFG, 1983.

WARREN, A.; WELLEK, R. Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2003.

WINSATT, W. K.; BROOKS, C. Crítica literária: breve história. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997.

### **CRÍTICA LITERÁRIA 2**

Correntes da Crítica Literária no Século XX e tendências atuais.

#### **Bibliografia Básica**

LIMA, L. C. Teoria da literatura em suas fontes. v. II, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BARTHES, R. et al. Análise estrutural da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.  
BERGÉS, D. et al. Métodos críticos para a análise literária. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

### **Bibliografia Complementar**

BRUNEL, P. A crítica literária. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2003.  
EAGLETON, T. A função da crítica. Rio de Janeiro: Martins Fones, 2004.  
LIMA, L. C. Teoria da literatura em suas fontes. v. I, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.  
MARQUES, R.; BITTENCOURT, G. N. (Org.). Limiares críticos. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.  
MOTTA, L. T. Sobre a crítica literária brasileira no último século. Rio de Janeiro: Imago, 2004.  
RALLO, E. R. Métodos de crítica literária. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2005.  
RESENDE, B. Apontamentos de crítica cultural. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2005.  
RICHARDS, I. A. A prática da crítica literária. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.  
SANTIAGO, S. Nas malhas da letra. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.  
SANTOS, W. Uma ciência da literatura. Goiânia: Ed. da UFG, 1983.  
TADIÉ, J. Y. A crítica literária no século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1992.  
TURCHI, M. Z. Literatura e antropologia do imaginário: uma mitocrítica dos gêneros literários. Brasília: UNB, 2003.  
WARREN, A.; WELLEK, R. Leitura e crítica. Rio de Janeiro: Martins Fontes 1987.

### **LITERATURA INFANTIL E JUVENIL 1**

Monteiro Lobato e a renovação da literatura infantil brasileira. Relação texto e ilustração. Livros de imagens. A literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea: poetas, ficcionistas e ilustradores. Critérios de seleção do livro infantil e juvenil. A leitura da literatura infantil e juvenil na escola.

### **Bibliografia Básica**

COELHO, N. N. Literatura infantil. Teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 1991.  
ZILBERMANN, R.; LAJOLO, M. Literatura infantil brasileira. História & histórias. São Paulo: Ática, 1982.

### **Bibliografia Complementar**

BORDINI, M. da G. Poesia infantil. São Paulo: Ática, 1986.  
SILVA, V. M. T. Literatura infanto-juvenil: seis autores, seis estudos. Goiânia: Editora da UFG, 1994.  
SILVA, V. M. T.; MELO, A. M. L.; TURCHI, M. Z. Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia. Goiânia: Editora da UFG, 1995.  
SILVA, V. M. T.; TURCHI, M. Z. (Org.). Literatura infanto-juvenil: leituras críticas. Goiânia: Editora da UFG, 2002.  
SILVA, V. M. T. (Org.). Nas malhas da rede narrativa. Estudos sobre Lygia Bojunga Nunes. Goiânia: Cãnone Editorial, 2002.

### **LITERATURA INFANTIL E JUVENIL 2**

A tradição oral e a literatura infantil. Histórias de fadas recolhidas e parodiadas. A tradição oral brasileira na literatura infantil e juvenil contemporânea. Abordagens críticas ao texto infantil. A leitura da literatura infantil e juvenil na escola.

### **Bibliografia Básica**

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

COELHO, N. N. Literatura infantil. Teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 1991.  
SANT'ANNA, A. R. de. Paródia, paráfrase & cia. São Paulo: Ática, 1993.  
ZILBERMANN, R.; LAJOLO, M. Literatura infantil brasileira. História & histórias. São Paulo: Ática, 1982.

### **Bibliografia Complementar**

CASCUDO, L. C. Literatura oral no Brasil. São Paulo: Global, 2006.  
CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.  
JENNY, L. et al. Intertextualidades. Coimbra: Almedina, 1979.  
HUTCHEON, L. Uma teoria da paródia. Lisboa: Edições 70, 1989.  
VON FRANZ, M.-L. A interpretação dos contos de fadas. São Paulo: Paulinas, 1990.

### **LITERATURA PORTUGUESA 1**

Visão cronológica das correntes tradicionais da Literatura Portuguesa, desde o período medieval até segunda metade do século XIX, compreendendo os seguintes movimentos: Trovadorismo, Classicismo, Renascimento, Maneirismo, Barroco, Arcadismo e Romantismo.

### **Bibliografia Básica**

ABDALA JÚNIOR, B.; PASCHOALIN, M. A. História social da literatura portuguesa. 2ed. São Paulo: Ática, 1985.  
SARAIVA, A. J.; LOPES, Ó. História da literatura portuguesa. 15ed. Porto: Porto Ed., 1989.  
SPINA, S. A lírica trovadoresca. São Paulo: EDUSP, 1990.

### **Bibliografia Complementar**

BERARDINELLI, C. Estudos camonianos. Rio de Janeiro: MEC, 1973.  
CIDADE, H. Bocage: a obra e o homem. 4ed. Lisboa: Arcádia, 1980.  
CIDADE, H. Luís de Camões: o épico. 2ed. Lisboa: Presença, 1985.  
CIDADE, H. Luís de Camões: o lírico. 2ed. Lisboa: Presença, 1984  
COELHO, J. do P. Problemática da história da literatura. Lisboa: Ática, 1961.  
IANNONE, C. A., GOBI, M. V. Z., JUNQUEIRA, R. S. (Org.). Sobre as naus da iniciação-estudos portugueses de literatura e história. São Paulo: UNESP, 1998.  
MARTINS, M. A sátira na literatura medieval portuguesa (séculos XIII e XIV). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986.  
MATOS, M. V. L. de. Ler e escrever – ensaios. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.  
MOISÉS, C. F. O desconcerto do mundo - do Renascimento ao Surrealismo. São Paulo: Escrituras, 2001.  
SARAIVA, A. J. Gil Vicente e o fim do teatro medieval. 2ed. Lisboa: Europa-América, 1965.  
SARAIVA, A. J. O discurso engenhoso. São Paulo: Perspectiva, 1998.  
ZUNTHOR, P. A letra e a voz – a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

### **LITERATURA PORTUGUESA 2**

Visão panorâmica da Literatura Portuguesa do final do século XIX e da primeira metade do século XX, compreendendo os seguintes movimentos: Realismo/Naturalismo, Simbolismo, Orpheu, Presença e Neo-Realismo.

### **Bibliografia Básica**

ABDALA JÚNIOR, B.; PASCHOALIN, M. A. História social da literatura portuguesa. 2ed. São Paulo: Ática, 1985.

SARAIVA, A. J.; LOPES, Ó. História da literatura portuguesa. 15ed. Porto: Porto Ed., 1989.  
TELES, G. M. Vanguarda européia e modernismo brasileiro. 10ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

### **Bibliografia Complementar**

COELHO, J. do P. Diversidade e unidade em Fernando Pessoa. 9ed. Lisboa: Verbo, 1987.  
COELHO, J. do P. Introdução ao estudo da novela camiliana. Coimbra: Atlântida, 1946.  
DA CAL, E. G. Língua e estilo de Eça de Queiroz – elementos básicos. Coimbra: Almedina, 1981.  
LISBOA, E. José Régio. Uma literatura viva. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.  
LOPES, Ó. Álbum de família – ensaios sobre autores portugueses do século XIX. Lisboa: Caminho, 1984.  
LOPES, Ó. Modo de ler – crítica e interpretação literária/2. Porto: Inova, 1969.  
MACHADO, Á. M. A Geração de 70 – uma revolução cultural e literária. 3ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986.  
MACHADO, Á. M. As origens do romantismo em Portugal. 2ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.  
MOISÉS, C. F. O desconcerto do mundo - do Renascimento ao Surrealismo. São Paulo: Escrituras, 2001.  
MOISÉS, C. F. O poema e as máscaras – introdução à poesia de Fernando Pessoa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.  
REIS, C. Construção da leitura. Coimbra: INIC, 1982.  
SANTILLI, M. A. Entre linhas – desvendando textos portugueses. São Paulo: Ática, 1984.

### **LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA**

Estudo de obras literárias portuguesas da segunda metade do século XX e da contemporaneidade.

### **Bibliografia Básica**

ABDALA JÚNIOR, B.; PASCHOALIN, M. A. História social da literatura portuguesa. 2ed. São Paulo: Ática, 1985.  
MENDONÇA, F. A literatura portuguesa no século XX. São Paulo: Cultrix, 1981.  
SARAIVA, A. J.; LOPES, Ó. História da literatura portuguesa. 15ed. Porto: Porto Ed., 1989.  
MOISES, C. F. O desconcerto do mundo – do renascimento ao surrealismo. São Paulo. Escrituras, 2001.

### **Bibliografia Complementar**

ABDALA JUNIOR, B. A escrita neo-realista. São Paulo: Ática, 1981.  
CEIA, C. Introdução aos mistérios da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. Lisboa: Vega, 1996.  
GOMES, Á. C. A voz itinerante. São Paulo: EDUSP, 1993.  
LUCAS, F. Fontes literárias portuguesas. Campinas/São Paulo: Pontes/Secretaria de Estado da Cultura, 1991.  
MELO E CASTRO, E. M. de. As vanguardas na poesia portuguesa do séc. XX. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980.  
REIS, C. Construção da leitura. Coimbra: INIC, 1982.  
SANTILLI, M. A. Arte e representação da realidade no romance português contemporâneo. São Paulo: Quíron, 1979.  
SANTILLI, M. A. Entre linhas – desvendando textos portugueses. São Paulo: Ática, 1984.  
TORRES, A. P. et al. 21 ensaios sobre Eugénio de Andrade. Porto: Inova, s/d.

TORRES, A. P O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase. 2ed. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1983.

## **LITERATURA BRASILEIRA 1**

Poesia brasileira: origens, formação, rupturas. Exame das múltiplas contribuições e de suas relações.

### **Bibliografia Básica**

BOSI, A. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1970.

BOSI, A. (Org.). Leituras de poesia. São Paulo: Ática, 2000.

CÂNDIDO, A. Formação da literatura brasileira. 5a. ed., Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

COUTINHO, A. (Org.). A literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Sul América, 1972.

MERQUIOR, G. A razão do poema. Rio de Janeiro: Topbooks, 1992.

### **Bibliografia Complementar**

ARRIGUCCI, D. Jr. Humildade, paixão e morte. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

ÁVILA, A. O modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BARBOSA, J. A. de. A metáfora crítica. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOSI, A. O ser e o tempo na poesia. São Paulo: Cultrix, 1983.

CAMPOS, H. Metalinguagem e outras metas. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FRIEDRICH, H. A estrutura da lírica moderna. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GUINSBURG, J. (Org.). O romantismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MERQUIOR, J. Astúcias da mimese. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

MOISÉS. M. O simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1966.

SYIPHER, W. Do rococó ao cubismo. São Paulo: Perspectiva, 1980.

TELES, G. M. Vanguarda européia e modernismo brasileiro. 7.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

## **LITERATURA BRASILEIRA 2**

Prosa de ficção: estudo das manifestações fundamentais e prospecção de suas fontes, com especial destaque para o romance.

### **Bibliografia Básica**

BOSI, A. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1970.

CANDIDO, A. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981, 2 vol.

COUTINHO, A. (Org.). A literatura no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: Sul-Americana, 1972.

SCHWARZ, R. Ao vencedor, as batatas. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

### **Bibliografia Complementar**

ÁVILA, A. O modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BOSI, A. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. Machado de Assis: o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999.

CANDIDO, A. et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GUINSBURG, J. (Org.). O romantismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

JOBIM, J. L. (Org.) Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

LAFETÁ, J. L. et al. O nacional e o popular na cultura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LINS, O. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Ática, 1977.

SCHWARZ, R. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.  
SEVCENKO, N. Literatura como missão. São Paulo: Brasiliense, 1983.  
TELES, G. M. As vanguardas européias e o modernismo brasileiro. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

### **LITERATURA BRASILEIRA 3**

Prosa de ficção: estudo das manifestações fundamentais e prospecção de suas fontes, com especial destaque para o conto e a crônica.

#### **Bibliografia Básica**

BOSI, A. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1970.  
CANDIDO, A. Formação da literatura brasileira. 5a. ed., Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.  
COUTINHO, A. (Org.). A literatura no Brasil. 2a.ed., Rio de Janeiro: Sul América, 1972.  
HOHLFELDT, A. O conto brasileiro contemporâneo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.  
LUCAS, F. Do barroco ao moderno. São Paulo: Ática, 1987.

#### **Bibliografia Complementar**

BOSI, A. O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1984.  
CANDIDO, A. et al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992.  
GOMES, C. M. O conto brasileiro e sua crítica. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1977, 2v.  
SÁ, J. de. A crônica. São Paulo: Ática, 1975.  
XAVIER, I. O conto brasileiro e sua trajetória: a modalidade urbana dos anos 20 aos anos 70. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.

### **LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

Estudo das manifestações contemporâneas da literatura brasileira.

#### **Bibliografia Básica**

BOSI, A. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1970.  
\_\_\_\_\_. O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1984.  
COUTINHO, A. (Org.). A literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Sul América, 1972.  
MERQUIOR, G. A razão do poema. Rio de Janeiro: Topbooks, 1992.  
PROENÇA FILHO, D. (Org.). O livro do seminário. São Paulo: Nestlé, 1982.

#### **Bibliografia Complementar**

ARRIGUCCI, D. Jr. Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.  
BARBOSA, J. A. de. A metáfora crítica. São Paulo: Perspectiva, 1974.  
BOSI, A. O ser e o tempo na poesia. São Paulo: Cultrix, 1983.  
CAMPOS, H. Metalinguagem e outras metas. São Paulo: Perspectiva, 1992.  
LAFETÁ, J. L. et al. O nacional e o popular na cultura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.  
XAVIER, I. O conto brasileiro e sua trajetória: a modalidade urbana dos anos 20 aos anos 70. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.  
FRANCO, R. A festa: o itinerário político do romance pós-64. São Paulo: Unesp, 1998.

## **LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Estudo comparativo de obras e autores representativos das literaturas em língua portuguesa.

### **Bibliografia Básica**

- FERREIRA, M. Literaturas africanas de expressão portuguesa. Venda Nova: Bertrand, 1977. 2v.
- SARAIVA, A. J. História da literatura portuguesa. Porto: Porto Editora, 1984.
- SOW, A. I. et al. Introdução à cultura africana. Lisboa: Edições 70, 1980.
- TRIGO, S. Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira. Lisboa: Veja, s/d.

### **Bibliografia Complementar**

- BOSI, A. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1970.
- BUESCO, M. L. C. Sínteses da cultura portuguesa: história da literatura. Lisboa: Casa da Moeda, s/d.
- CÂNDIDO, A. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6a.ed., Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981, 2 vol.
- SIMÕES, J. G. História do romance português. Tomo II, Lisboa: Estúdios Cor, 1969.
- SANTILLI, M. A. C. B. Estórias africanas: história e antologia. São Paulo: Ática, 1985.
- \_\_\_\_\_. Arte e representação da realidade no romance português contemporâneo. São Paulo: Quíron, 1979.
- MACÊDO, T. Angola e Brasil: estudos comparados. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.
- MOURÃO, F. A. A. A sociedade angolana através da literatura. São Paulo: Ática, 1978.

## **DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS**

### **PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO 1**

Introdução ao estudo da Psicologia: fundamentos históricos e epistemológicos. A relação Psicologia e Educação. Abordagens teóricas: comportamental e psicanalítica e suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor e suas implicações no processo ensino-aprendizagem.

### **Bibliografia Básica**

- ALENCAR, E. S. de. (Org.). Novas contribuições da Psicologia aos processos de ensino e aprendizagem. São Paulo: Cortez, 1992.
- CATANIA, C. Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição. Porto Alegre: Artes Medicas, 1998.
- CARRARA, K. Introdução à Psicologia da Educação. São Paulo: Avercamp, 2004.
- MIZUKAMI, M. G.N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
- OUTEIRAL, J. O. Adolescer: estudos revisitados sobre adolescência. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- ROUDINESCO, E. Por que a psicanálise? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

### **Bibliografia Complementar**

- ANTUNES, M. A. M. A psicologia na educação: algumas considerações. São Paulo: Cadernos USP, p.97-112, 1991.
- BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FLAVELL, J. H. A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget. São Paulo. Livraria Pioneira Editora, 1988.
- FREUD, S. Um estudo autobiográfico /O mal-estar da civilização/ Novas lições de psicanálise In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- GOULART, I. B. Psicologia da educação. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JAPIASSU, H. Introdução à epistemologia da psicologia. São Paulo: Scipione, 1997.
- KUPFER, M. C. Freud e a educação. São Paulo: Scipione, 1992.
- LOUREIRO, M. C. da S. Psicologia escolar: mera aplicação de diferentes psicologias à educação? In: PATTO, M. H. (Org.). Introdução à psicologia escolar. 3ª ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 1997.
- OSÓRIO, L. C. Adolescente hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- SKINNER, B. F. Ciência e comportamento humano. Brasília: Edunp, 1970.
- \_\_\_\_\_. Sobre o behaviorismo. São Paulo: Cultrix, 1974.

## **PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO 2**

Abordagens teóricas: psicologia genética de Piaget, psicologia sócio-histórica de Vygotsky e suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor e suas implicações no processo ensino-aprendizagem.

### **Bibliografia Básica**

- MIZUKAMI, M.G.N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1996.
- PIAGET, J. Seis estudos em Psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- OLIVEIRA, M. K.; TAILLE, Y.; DANTAS, H. (Org.). Piaget, Vygotsky e Wallon. São Paulo: Summus, 1992.
- VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

### **Bibliografia Complementar**

- ARAÚJO, U. Moralidade e Indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: AQUINO, J. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- CASTORINA, J.A. O debate Piaget-Vygotsky: a busca de um critério para sua avaliação. In: CASTORINA, J.A. et al. (Org.). Piaget, Vygotsky: novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática, 1995.
- COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). Desenvolvimento Psicológico e educação – Psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1987. Goulart, I. B. Piaget – Experiências básicas para utilização pelo professor. Petrópolis: Vozes, 2000.
- OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento, um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.
- PIAGET, J. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- RATNER, C. A psicologia sócio-histórica de Vygotsky – Aplicações contemporâneas. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- VYGOTSKY, L.S.; LÚRIA, A. R. Estudo sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

## **POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL**

A relação Estado e políticas educacionais. Os desdobramentos da política educacional no Brasil pós-64. As políticas de regulação e gestão da educação brasileira e a (re)democratização da sociedade brasileira. Os movimentos de diversificação, diferenciação e avaliação da educação nacional. Legislação educacional atual. A regulamentação do sistema educativo goiano e as perspectivas para a escola pública em Goiás.

### **Bibliografia Básica**

- CARVALHO, A. D. (Org.). A construção do projeto da escola. Porto: Porto Editora, 1993.  
DEMO, P. A nova LDB: ramos e avanços. São Paulo: Papyrus, 1997.  
BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC/INL, 2000.  
SAVIANI, D. A nova Lei da Educação – LDB: trajetória, limites e perspectivas. São Paulo: Autores Associados, 1997.

### **Bibliografia Complementar**

- BARROS, R. S. M. de (Org.). Diretrizes e Bases da Educação. São Paulo: Pioneira, 1960.  
BUFFA, E. Ideologias em conflito: escola pública e escola privada. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

### **FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E SÓCIO-HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO**

A Educação como processo social. A educação brasileira na experiência histórica do ocidente. A ideologia liberal e os princípios da educação pública. Sociedade, cultura e educação no Brasil: os movimentos educacionais e a luta pelo ensino público no Brasil. A relação entre a esfera pública e privada no campo da educação e os movimentos da educação popular.

### **Bibliografia Básica**

- CAMBI, F. História da pedagogia. São Paulo: Unesp, 1999.  
COMENIUS, J. A. Didactica magna. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2002.  
DURKHEIM, É. A evolução pedagógica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.  
FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.  
GADOTTI, M. Pensamento pedagógico brasileiro. São Paulo: Ática, 1991.  
MANACORDA, M. A. História da educação: da Antiguidade aos nossos dias. 3ªed. São Paulo: Cortez, 1992.  
RICOER, P. Interpretação e ideologias. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.  
ROUSSEAU, J.-J. Emílio ou da educação. 3. ed. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

### **Bibliografia Complementar**

- AGOSTINHO, S. Santo Agostinho: Confissões. Trad. J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Abril Cultural, 1996. (Coleção os pensadores.)  
ABBAGNANO, N.; VISALBERGUI, A. História da pedagogia. Lisboa: Horizonte, 1981.  
DESCARTES, R. Discurso do método. In: \_\_\_\_\_. Descartes. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1996. p. 61-127. (Coleção os pensadores.)  
DEWEY, J. Experiência e educação. Trad. Anísio Teixeira. 2ªed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.  
KANT, I. Resposta à pergunta: que é o Iluminismo. In: \_\_\_\_\_. A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, 1989. p.11-19.  
MAQUIAVEL, N. O príncipe. In: \_\_\_\_\_. Maquiavel: O príncipe e escritos políticos. Trad. Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1996. p. 29-143. (Coleção os pensadores.)  
MONTAIGNE, M. Montaigne: Ensaio – vol. 1. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1996. (Coleção os pensadores.)  
PADOVANI, U.; CASTAGNOLA, L. História da filosofia. 10. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1974.

## **DISCIPLINAS ESPECÍFICAS DO BACHARELADO**

## **MONOGRAFIA 1**

Linguagem, seus objetos e métodos. Modelos de ciência e delimitação de objeto. Técnicas de produção do trabalho acadêmico e elaboração de projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

### **Bibliografia Básica**

BASTOS, L. da R. Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

BOOTH, W. C. A arte da pesquisa. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRANÇA, J. L. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

MENDONÇA, L. M. N. Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos na UFG. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2005.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2002.

### **Bibliografia Complementar**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS; NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS; NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002. Textos sugeridos pelo(a) professor(a) orientador(a).

## **MONOGRAFIA 2**

Concepções teóricas do objeto de estudo. Fundamentos teóricos e justificativas do trabalho científico.

### **Bibliografia Básica**

BOOTH, W. C. A arte da pesquisa. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CONTANDRIOPOULOS, A.-P. et al. Saber preparar uma pesquisa: definição, estrutura, financiamento. São Paulo: Hucitec, 1999.

MENDONÇA, L. M. N. Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos na UFG. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2005.

### **Bibliografia Complementar**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS; NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS; NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

Textos sugeridos pelo(a) professor(a) orientador(a).

## **MONOGRAFIA 3**

Metodologia científica. Os fatos científicos. Fontes de dados e execução de técnicas científicas nos estudos da linguagem.

### **Bibliografia Básica**

BOOTH, W. C. A arte da pesquisa. São Paulo: Martins Fontes, 2005. MENDONÇA, L. M. N. Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos na UFG.

Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2005.

### **Bibliografia Complementar**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS; NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS; NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

Textos sugeridos pelo(a) professor(a) orientador(a).

### **MONOGRAFIA 4**

Análise de dados e discussão de resultados. Redação, revisão final e defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

### **Bibliografia Básica**

BOOTH, W. C. A arte da pesquisa. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MENDONÇA, L. M. N. Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos na UFG. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2005.

### **Bibliografia Complementar**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS; NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS; NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

Textos sugeridos pelo(a) professor(a) orientador(a).

## **ANEXO B – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA<sup>1</sup>**

### **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Linguagem, sociedade, cultura, discurso e ensino de língua. Alfabetização e letramento. Concepções teóricas de aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita. Práticas lingüístico-discursivas e formação do leitor e do escritor. Literatura e alfabetização.

### **ARTE E EDUCAÇÃO I**

Conceito de Arte. Apreciação estética. Potencial criador. A dupla faceta da Arte na Educação: como fator integrante e integrador das demais áreas de saber. A Música na educação. Percepção e expressão em Música. Apreciação musical. Repertório para Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Música e movimento. Dança como expressão corporal. Cultura lúdica.

### **ARTE E EDUCAÇÃO II**

As Artes Visuais e a Educação. Diferentes formas de trabalho em Artes Visuais (pintura, desenho, modelagem, colagem, vídeo). Evolução do grafismo infantil e suas relações com a aquisição da escrita. Leitura de imagens. Cultura, imagem e tecnologias. Linguagem teatral e Educação. Jogos teatrais. Cultura lúdica.

### **FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO I**

Natureza e sentido da filosofia. Polis, nascimento da filosofia e Paidéia. Razão e educação na Idade Média. Razão e educação na Idade Moderna.

### **FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO II**

Filosofia e educação. Educação, cultura e formação. Educação, escola, cultura e saber.

### **FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Conceito de Ciência. Objeto das Ciências Humanas. Concepções teóricas na área das Ciências Humanas. O método das Ciências Humanas. As Ciências Humanas na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental. A formação dos conceitos fundamentais das Ciências Humanas e suas relações com conteúdos programáticos e currículos.

### **FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Formações do conceito de relações sociais, espaço e tempo na educação infantil e séries iniciais. Alternativas metodológicas para o ensino das Ciências Humanas. A questão do livro Didático. O local e o regional na educação infantil e séries iniciais ao E.F.

### **FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DE CIÊNCIAS NATURAIS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Subsídios teóricos para o entendimento do processo de construção do conhecimento científico e os paradigmas das Ciências. Contextualização do ensino das Ciências Naturais na educação

---

<sup>1</sup> Obs.: o site não disponibilizou a bibliografia básica e complementar.

infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Contribuições do ensino de Ciências frente às questões da inclusão, das drogas e da sexualidade.

### **FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DE CIÊNCIAS NATURAIS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Objetivos gerais, conceitos básicos e procedimentos metodológicos para o ensino das Ciências Naturais na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

### **FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Concepções de linguagem e lingüística. Ensino de língua e fracasso escolar. Leitura, produção de texto e análise lingüística. Literatura.

### **FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Leitura, produção de textos e análise lingüística. Pesquisa e formação do leitor e do escritor. Discurso, docência e pesquisa. Literatura. Diretrizes e projetos, em língua portuguesa, para a escola.

### **FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DE MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Visão histórica e epistemológica do conhecimento matemático. A função social dos conteúdos matemáticos. A matemática no currículo, na legislação e em diferentes enfoques teóricos metodológicos. O processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos matemáticos na educação infantil. Elaboração de propostas metodológicas para a matemática na educação infantil.

### **FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DE MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Fundamentos teóricos e metodológicos dos conteúdos (conceitos) matemáticos nos anos iniciais do ensino fundamental. Elaboração de propostas metodológicas para a matemática nos anos iniciais do ensino fundamental. A avaliação da aprendizagem matemática.

### **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO I**

A história como Ciência. História e história da educação: um debate teórico e metodológico atual. Origens da educação pública. História da educação brasileira na Colônia e no Império.

### **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO II**

A educação escolar no período republicano. A educação popular. Reformas educacionais: relação público/privado; relação centralização/descentralização; formação e profissionalização de professores. Pensamento pedagógico brasileiro.

### **POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EDUCAÇÃO BÁSICA**

A educação no contexto das transformações da sociedade contemporânea; a relação Estado e políticas educacionais; as políticas, estrutura e organização da educação escolar no Brasil a partir da década de 1990; a regulamentação do sistema educacional e da educação básica; as políticas educacionais em debate.

### **PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I**

História e eixos epistemológicos da Psicologia; Psicologia e Educação; desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor da criança ao adulto e suas implicações no processo ensino-aprendizagem. Abordagens teóricas: comportamental e psicanalítica e suas contribuições para a compreensão dos processos educativos.

### **PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO II**

Os processos de ensino-aprendizagem e desenvolvimento da criança ao adulto: contribuições de Piaget, Vygotsky e Wallon; interações socioculturais, construção do conhecimento e constituição dos sujeitos nas práticas sociais.

### **SOCIEDADE, CULTURA E INFÂNCIA**

A construção histórica – social e cultural do sentimento de infância. História do atendimento à infância brasileira. A concepção de infância na formação do pensamento pedagógico a partir das contribuições de Rousseau, Pestalozzi, Montenorl, Iroebel e Dewey. Sociedade, Modernidade, Educação e Infância.

### **SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO I**

Condições histórico-sociais e intelectuais do surgimento da Sociologia. O objeto e o método da Sociologia em Durkheim, Marx e Weber. A organização da vida social. A educação como processo social.

### **SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO II**

Concepções de educação dos clássicos da sociologia (Durkheim Marx e Weber). Educação e a organização da cultura em Gravrsci. Educação e teoria da prática em Bourdieu. A compreensão sociológica da educação no Brasil.

### **CULTURA, CURRÍCULO E AVALIAÇÃO**

Currículo e avaliação na educação brasileira: pensamento curricular; currículo e suas dimensões epistemológica, histórica, didático-pedagógica, política e cultural; política do conhecimento oficial e currículo escolar, como política cultural; concepções teóricas do currículo e da avaliação; currículo disciplinar e possibilidades de superação da disciplina; debates contemporâneos no campo do currículo e da avaliação; desafios para o século XXI.

### **DIDÁTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Estudo das contribuições da Pedagogia, da Didática e da pesquisa sobre a formação de professores – concepções pedagógicas; sentido social da profissão professor; a organização do trabalho docente: planejamento, desenvolvimento e avaliação do processo de ensino – tendo em vista a formação e atuação profissional dos alunos do curso de Pedagogia.

### **EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E MÍDIAS**

Educação e comunicação como práticas culturais. Mídias como expressão simbólica das diferenças culturais. A tecnologia como cultura e potencializadora da produção cultural. Consumo e ética. Processos educativos mediados por tecnologias; tecnologias e suas implicações na educação; gestão da comunicação e das mídias no ambiente escolar.

### **ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Vivência de processos de investigação e problematização da realidade de educação, a partir do campo de estágio e dos aportes teóricos da Pedagogia, tendo em vista o desenvolvimento

de conhecimentos, habilidades e compromisso inerente à profissão docente. Ênfase no conhecimento da organização do trabalho pedagógico desenvolvido no campo de estágio.

### **ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Vivência de processos de investigação e problematização da realidade de educação, a partir do campo de estágio e dos aportes teóricos da Pedagogia, tendo em vista o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e compromisso inerente à profissão docente. Ênfase na coleta sistemática de dados e elaboração do projeto de ensino-aprendizagem.

### **ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL III**

Vivência de processos de investigação e problematização da realidade de educação, a partir do campo de estágio e dos aportes teóricos da Pedagogia, tendo em vista o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e compromisso inerente à profissão docente. Ênfase no desenvolvimento e avaliação do projeto de ensino-aprendizagem.

### **ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL IV**

Vivência de processos de investigação e problematização da realidade de educação, a partir do campo de estágio e dos aportes teóricos da Pedagogia, tendo em vista o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e compromisso inerente à profissão docente. Ênfase na sistematização, análise e apresentação de relatório do trabalho desenvolvido.

### **GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO**

O trabalho na sociedade capitalista: história, modos de produção, relações de produção. A escola no capitalismo: organização, gestão dos processos educativos, o trabalho docente. A gestão escolar democrática nas políticas educacionais: concepções de gestão e organização da escola. A escola como cultura organizacional: o projeto político-pedagógico coletivo e o trabalho do professor.

### **TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I**

Metodologia do trabalho científico. Procedimentos básicos para o trabalho intelectual. A questão do conhecimento. Senso comum e saber científico. Limites da ciência. Mito da neutralidade científica. Conhecimento e poder. Normas e técnicas para a produção da monografia.

### **TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

Elaboração da monografia. Documentação e leitura da bibliografia. Construção lógica do trabalho. Redação final.

## ANEXO C – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

### **HISTÓRIA DA CULTURA E DOS REGISTROS DO CONHECIMENTO.**

Introdução às teorias da cultura. Cultura na sociedade antiga, média e contemporânea. A informação como base do processo cultural. As instituições de informação como agências de produção e transmissão cultural. Perspectiva histórica dos registros da informação. Espaços de comunicação e da cultura, das primeiras formas à atualidade. Produção atual dos registros do conhecimento. Informação como componente histórico-social. Cultura da informação na sociedade pós-industrial. Estrutura de poder e sociedade de massa. Informação, sociedade e cidadania inter-relações. Ação cultural do profissional da informação no processo de mudança social.

#### **Bibliografia Básica:**

BORNHEIM, Gerd. A propósito da história de uma vida: o livro. In: O lugar do livro hoje. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p. 37-44.

BELO, André. O que é a história do livro e da leitura? In: História & livro e leitura. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 37 – 70.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. Formas e sentido – cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado das letras, 2003.

\_\_\_\_\_. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1999.

SAMPSON, Geoffrey. Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia. São Paulo: Ática, 1996.

BARATIN, Marc & JACOB, Christian (org.). O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

MOMENTOS do livro no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BOWMAN, Alan K. Cultura escrita e poder no mundo antigo. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

MORRISON, Ken. Cultura, pensamento e escrita. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

OLSON, David. Cultura escrita e oralidade, Ed. Ática.

### **FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ACERVOS**

Conceituação e visão geral sobre a situação do desenvolvimento de coleções nas diferentes unidades de informação. A comunidade como fonte principal para o estabelecimento de objetivos. O desenvolvimento de coleções como um processo dinâmico. Estabelecimento de políticas para o desenvolvimento de coleções. Modelos de políticas. A seleção como processo técnico e intelectual. Princípios. Variações por tipo de unidade de informação. Seleção e temas correlatos. Censuras. Direitos autorais. Cooperação interbibliotecária. Instrumentos auxiliares à seleção. Seleção de materiais não-bibliográficos. Organização do serviço de aquisição. Doação e permuta. Desbastamento. Avaliação de coleções.

#### **Bibliografia Básica:**

ADORNO, Theodor W. Caprichos bibliográficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

\_\_\_\_\_. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

CASTRO, Maria das Graças Monteiro. A indústria cultural e a produção do livro infantil. Inter-Ação; Rev. Fac. Educ. UFG, 27 (1): 115-130, jan./jun. 2002.

EPSTEIN, Jason. O negócio do livro: passado, presente e futuro do mercado editorial. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LAJOLO, Marisa. Circulação e consumo do livro infantil brasileiro: um percurso de mercado. In: KHEDÉ, Sônia Salomão (org). Literatura infantil: um gênero polêmico. Porto Alegre: PUCCI, Bruno. Teoria crítica e educação. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Leitura na escola e na biblioteca. São Paulo: Papyrus, 1986.

\_\_\_\_\_. De olhos abertos. São Paulo : Ática, 1991.

VERGUEIRO, Waldomiro. Desenvolvimento de coleções. São Paulo : Pollis, 1989.

\_\_\_\_\_. Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

## **POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO EDUCACIONAL E SOCIAL**

Informação social produção, circulação e divulgação. Sistemas de produção cultural. Administração das ações culturais. O papel do Estado e atuação da sociedade civil diante da cultura. Políticas culturais e educacionais no Brasil. Educação, informação e cultura. Panorama histórico de educação no país. Processos educativos em sistemas de informação social. A literatura enquanto instrumento de educação em sistemas de informação social.

### **Bibliografia Básica:**

ABREU, Márcia (org.). Leitura, história e história da leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. O preço da leitura. São Paulo: Ed. Ática. 2001.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei 9394 de 20/12/96.

SAVIANI, Dermeval. Da Nova LDB ao Novo Plano Nacional de Educação: Por uma outra Política Educacional. Campinas: Autores Associados, 1998.

GRANDIN, Danilo. Escola e Transformação Social. Petrópolis: Vozes, 1998.

GUTIÉRREZ, Francisco. Educação como Práxis Política. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

FERREIRA, N.S.C. Gestão democrática na educação: atuais tendências, novos desafios. São Paulo: Cortez, 1998.

PARO, V.H. Gestão democrática da escola pública. São Paulo: Ática, 1998.

VEIGA, I.P.A. Escola – espaço do projeto político-pedagógico. Campinas : Papyrus, 1998.

BARRETO, Raquel Goulart (org). Tecnologias Educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas. RJ: Quartet, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

PRETTO, Nelson de Luca. Uma escola sem/com futuro. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

SETZER, Valdemar W. Meios eletrônicos e educação: uma visão alternativa. SP: Escrituras editora, 2001. (Coleção Ensaio Transversais).

TAKAHASHI, Tadao, et al. (coord.). Sociedade da Informação no Brasil: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

ZUIN, Antônio Álvares Soares. Indústria Cultural e Educação: o novo canto da sereia. Campinas, SP: Novos Autores Associados, 1999.

## **TEORIA DA AÇÃO CULTURAL**

Sociedade e cultura no Brasil. Políticas de cultura no Brasil. O Sistema de produção cultural. O consumo cultural. Sociedade de massa, cultura e informação. Modalidades da produção cultural. Unidades de informação, comunicação e cultura. Biblioteca e política cultural. A Biblioteca no circuito cultural do Estado. Biblioteca, educação formal e educação informal. Centro de cultura. Biblioteca e ação cultural. Da conservação à geração de bens culturais. A formação de um público. Modalidades de relacionamento com a comunidade.

### **Bibliografia Básica:**

- BAUMAN, Zygmunt: Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editoras, 1999.
- Cadernos de Memória Cultural 4. Ano 06, nº 4, 1998.
- CANCLINI, Nestor. Consumidores e cidadãos. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996.
- COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Políticas Culturais. São Paulo, Ed. Iluminuras, 1997.
- \_\_\_\_\_. Usos da Cultura: políticas de ação cultural. Paz e Terra, 1986.
- COELHO, Teixeira. Guerras Culturais. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- FARIA, Hamilton. Olhando para o Século XXI: Cultura e Governo Sustentável. nº 17, 1994.
- MENDONÇA, M. Lei de Incentivo a Cultura: uma saída para a arte. São Paulo: Carthago & Forte, 1994.
- MICELI, Sérgio. Estado e Cultura no Brasil. Paz e Terra, 1984.
- MILANESI, Luiz. A Casa da invenção centros de cultura: um perfil. São Paulo: Edições Siciliano, 1991.
- MIRANDA, Jair. Estudos de Viabilidade de projetos culturais: Os exemplos que vêm da Lapa. Dissertação de mestrado da Uni-Rio, 1995.
- MOISÉS, José Álvaro e BOTELHO, Isaura (org.). Modelos de Financiamento da Cultura. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. Política Cultural no Rio de Janeiro. In: Revista do Brasil. Ed. Especial, 1986.
- WEFFORT, F. e SOUZA, M. Um Olhar sobre a cultura brasileira. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.

### **LEITURA E SOCIEDADE**

Concepções de leitura. Textos e contextos. Tipos de textos, modos de leitura. Práticas promotoras de leitura em diferentes instâncias. Os diferentes mediadores da leitura. A leitura no desenvolvimento social, econômico e político. A leitura na família, na escola, na biblioteca. Programas de promoção da leitura.

### **Bibliografia Básica:**

- MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Cia das letras, 1997.
- Zilberman, Regina. Fim dos livros, fim dos leitores? São Paulo: Senac, 2001.
- CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. História da leitura no mundo ocidental. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARTIER, Anne-Marie & HERBRARD, Jean.. Discursos sobre a leitura. São Paulo: Ática, 1995. 2v.
- MARINHO, Marildes (org.) Ler e navegar: espaços e percursos da leitura. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. A Formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. A Leitura rarefeita: livro e leitura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- \_\_\_\_\_. O preço da leitura. São Paulo. Ed. Ática. 2001.
- LAJOLO, Marisa. Do Mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993.

### **TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I**

Elaboração, sob a supervisão de um professor orientador, de um trabalho final de curso, de natureza monográfica, em forma de revisão de literatura, de projeto ou de relatório de experiência, que demonstre conhecimentos e/ou habilidades específicas e que reflita um

aproveitamento geral do curso. Quando elaborado em equipe, requer, para os efeitos da avaliação, a comprovação da contribuição individual do estudante.

### **Bibliografia Básica:**

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. 2. Ed. SP: Brasiliense, 1991.
- CYRANKA, Lúcia F. de Mendonça e SOUZA, Vânia Pinheiro de. Orientações para Normalização de Trabalhos Acadêmicos. 2. ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. SP: Atlas, 1996.
- HIRANO, Sedi (Org.). Pesquisa Social e planejamento. 2. Ed. SP.: T. A . Queiroz, 1988.
- IANNI, Octávio. Os Horizontes do Pensamento. In: A Sociedade Global. 6. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.p. 165/182.
- LAGNEAU, Gérard. A sociologia da publicidade. SP.: Cultrix, 1981.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 3. Ed. SP: Atlas, 1991.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. Manual para elaboração de monografias e dissertações. 2. ed. SP: Atlas, 1994.
- MENDONÇA, Leda Moreira e ALESSANDRO, Walmirton Thadeu D'. Guia para apresentação de trabalhos técnico-científicos na UFG. Goiânia: Cegraf, 1997.
- SARMENTO (Org.) Walney Moraes. Problemas de Metodologia nas Ciências Sociais. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 3. ed. SP: Editora Autores Associados, 1986.
- RUDIO, Franz Victor. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica. 21. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

### **PRODUÇÃO CULTURAL PARA CRIANÇAS E JOVENS**

Noção de criança e jovem na sociedade contemporânea. Maneira como a sociedade concebe e cristaliza o modo de ser da criança e do jovem. Os mecanismos da cultura como mediadores na interação social. A criança na produção cultural a ela destinada. Produção cultural: circunstâncias de produção e consumo. Análise dos bens culturais: audio visual; HQ; tecnologias; livros escolares ou não entre outros.

### **Bibliografia Básica:**

- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1981.
- ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- \_\_\_\_\_. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- FEILITZEN, Cecília Von (org.) A criança e a mídia. São Paulo: Cortez, 2002.
- KRAMER, Sônia (org.) Infância e educação infantil. São Paulo: Papirus, 1999.
- \_\_\_\_\_. Infância e produção cultural. São Paulo: Papirus, 1998.
- \_\_\_\_\_. Infância: fios e desafios da pesquisa. São Paulo: Papirus, 1996.
- PERROTTI, Edmir. Confinamento cultural: infância e leitura. São Paulo: Summus Editorial, 1990.
- PRIORE, Mary Del (Org.). História das crianças no Brasil. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2000.
- PUCCI, Bruno (org.) Teoria crítica, estética e educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SOUZA, Solange Jobim. Linguagem e infância. São Paulo: Papyrus, 1994.  
ZILBERMAN, Regina (org.) A produção cultural para a criança. 2.ed. Poto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

### **MARKETING EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO**

Conceitos básicos e evolução dos princípios de marketing. Ambientes organizacional (interno e externo). Sistemas de informação de marketing. Marketing cultural e de serviços. Política de marketing identidade de serviços e de unidades de informação. Competências do profissional da informação para o marketing.

#### **Bibliografia Básica:**

- CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à teoria geral da administração. 3. ed. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1983. 617 p.
- COBRA, Marcos. Administração de marketing. São Paulo: Atlas, 1990.
- \_\_\_\_\_. Marketing básico. São Paulo: Atlas, 1991.
- EDUCACIÓN Y BIBLIOTECA. Marketing para bibliotecas. Madrid: TILDE, v. 9, n. 78, abr. 1997. 66 p. Dossier: Marketing para bibliotecas.
- KOTLER, Philip. Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle. Trad. Ailton Bomfim Brandão. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998. 725 p.
- \_\_\_\_\_. Marketing para organizações que não visam lucros. São Paulo: Atlas, 1988.
- LIMA, Regina Célia Montenegro. Marketing, informação e bibliotecas. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTACIÓN, 1994, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: ABMG, 1994. P. 510 - 523.
- LOBOS, Júlio. Encantando o cliente. São Paulo: J. Lobos, 1993.
- MARTÍNEZ, Lucila; CALVI, Gian. Biblioteca escola criativa: estratégias para uma gerência renovadora das bibliotecas públicas e escolares. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 1994. 93 p.
- MUYLAERT, Roberto. Marketing cultural & comunicação dirigida. São Paulo: Globo, 1993. 292 p.
- NAVARRO, Celia Chain. Gestión de información en las organizaciones. Murcia: Librero, 1997. 174 p.
- RICHERS, Raiman. O que é marketing. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 107 p.
- SCHILLER, Herbert I. Información y economía en tiempo de crisis. Madrid: Fundesco, 1984. 143p.
- SILVEIRA, Amélia, AMARAL, Sueli (comp.). Marketing em unidades de informações: estudos brasileiros. Florianópolis: UFSC, 1992.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. Biblioteconomia, educação e sociedade. Florianópolis: UFSC, 1993. 102 P.

### **FUNDAMENTOS EM BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.**

Fundamentos teóricos, história e aplicação da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Disciplinas afins: Arquivologia e Museologia. Visão histórica da evolução e dos campos da Biblioteconomia princípios, objetivos e terminologias profissionais. Função social, educativa e informativa de unidades de informação. Mercado de trabalho do profissional da informação. Ética, legislação e organização profissional.

#### **Bibliografia Básica:**

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas. Londrina: UEL, 1997. 171p.

- CYSNE, Fátima Portela. Biblioteconomia: dimensão social e educativa. Fortaleza: EUFC, 1993
- CLAIRG, Guinchat. Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação. Brasília: IBICT, 1994.
- FONSECA, Edson Nery da. Introdução a biblioteconomia. São Paulo: Pioneira, 1992.
- MACHADO, Ubaldino Dantas. Estudos avançados em biblioteconomia e ciência da informação. Brasília: ABDF, 1986.
- MAGÁN WALS, José Antônio. Tratado básico de Biblioteconomia. Madrid: Editorial Complutense, 2002.
- SOUZA, Francisco das Chagas. Biblioteconomia, educação e sociedade. Florianópolis, UFSC, 1993.
- TARGINO, Maria das Graças. Conceito de biblioteca. Brasília: ABDF, 1984.

### **DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL**

Documentação audiovisual: fundamentos e importância. Seleção e aquisição, armazenagem, conservação e preservação da documentação audiovisual. Representação descritiva e temática da documentação audiovisual.

#### **Bibliografia Básica:**

- PAZIN, Rosina Alice. Indexação de multimeios. Curitiba: UFPR, 1993.
- PEROTA, Maria Luiza Loures. Multimeios: seleção, aquisição, processamento, armazenagem, empréstimo. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991.

### **TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I I**

Elaboração do projeto de pesquisa em uma das duas ênfases oferecidas pelo curso, sob a orientação de um professor.

#### **Bibliografia Básica:**

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. 2. Ed. SP: Brasiliense, 1991.
- CYRANKA, Lúcia F. de Mendonça e SOUZA, Vânia Pinheiro de. Orientações para Normalização de Trabalhos Acadêmicos. 2. ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. SP: Atlas, 1996.
- HIRANO, Sedi (Org.). Pesquisa Social e planejamento. 2. Ed. SP.: T. A . Queiroz, 1988.
- IANNI, Octávio. Os Horizontes do Pensamento. In: A SOCIEDADE GLOBAL. 6. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.p. 165/182.
- LAGNEAU, Gérard. A sociologia da publicidade. SP.: Cultrix, 1981.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. Manual para elaboração de monografias e dissertações. 2. ed. SP: Atlas, 1994.
- MENDONÇA, Leda Moreira e ALESSANDRO, Walmirton Thadeu D'. Guia para apresentação de trabalhos técnico-científicos na UFG. Goiânia: Cegraf, 1997.
- SARMENTO (Org.) Walney Moraes. Problemas de Metodologia nas Ciências Sociais. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 3. ed. SP: Editora Autores Associados, 1986.
- RUDIO, Franz Victor. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica. 21. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

### **PESQUISA E NORMALIZAÇÃO DOCUMENTÁRIA**

Conceito de pesquisa documentária. Fontes de organização da informação em Biblioteconomia. Pesquisa documentária, leitura e anotações. Levantamento de suportes informacionais: identificação, localização e obtenção. Formas de trabalhos acadêmico-científicos. Fundamentos sociais da normalização documentária. Estrutura do trabalho acadêmico-científico.

### **Bibliografia básica:**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6024: numeração progressiva das seções de um documento: procedimento. Rio de Janeiro, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: sumário: procedimento. Rio de Janeiro, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: resumos: procedimento. Rio de Janeiro, 1990.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2001.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Escrevendo e normalizando trabalhos acadêmicos: um guia metodológico. Florianópolis : E. da UFSC, 1997. 126 p. (Série Didática)

FRANÇA, Júnia Lessa [et al.]. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 4. ed., rev. e aum. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

MENDONÇA, Leda M. N.; ROCHA, Cláudia Regina R.; GOMES, Suely H. A. Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos na UFG. 3. ed., rev. e ampl. Goiânia: UFG, PRPPG, 2003.

### **INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA**

Panorama geral dos fenômenos da linguagem e suas abordagens científicas. As concepções de linguagem. Os métodos da lingüística : língua, linguagem, texto e discurso como objetos de estudo

### **Bibliografia Básica:**

CAMPOS, Maria Luíza de A. Linguagem documentária: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: EdUFF, 2001. 133 p.

CINTRA, Anna Maria Marques. Para entender as linguagens documentárias. 2. ed, ver. e ampl. São Paulo: Polis, 1994. 92 p.

CUNHA, Isabel Maria R. Ferin. Do mito à análise documentária. São Paulo: Edusp, 1990. 163 p. (Teses; 11).

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. Tesouro: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto, 2002. 119 p.

### **INDEXAÇÃO E RESUMO**

Sistemas de recuperação da informação. O fluxo documentário. A função dos resumos na documentação. Tipologia de resumos documentários. Metodologias para elaboração de resumos documentários. A função da indexação na documentação. Tipologia de índices. Metodologias para indexação. Políticas de indexação. Avaliação de resumos e índices.

### **Bibliografia Básica:**

COLLISON, R. L. Índices e indexação. São Paulo: Polígono, 1971. 225 p.

FOSKETT, A. C. A abordagem temática da informação. São Paulo: Polígono, 1973. 437 p.  
LANCASTER, F. W. Indexação e resumos: teoria e prática. Brasília, Distrito Federal: Briquet de Lemos, 1993. 360 p.  
ROBREDO, Jaime; CUNHA, Murilo B. da. Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem informatizada da biblioteconomia e dos sistemas de informação. 2. ed. Brasília, DF: Ed. dos Autores, 1986.  
KENT, A. Manual de recuperação mecânica da informação. São Paulo: Polígono, 1972. 427p.  
KNIGHT, G. N. Treinamento em indexação: um curso da Society of Indexer. Rio de Janeiro: FGV, 1974.

## **LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS**

Análise da informação: conceitos, objetivos e funções. Panorama histórico. Análise bibliográfica e análise temática. Etapas da análise temática. Linguagens documentárias linguagem natural e controlada. Sistemas pré e pós coordenados. Estruturação das linguagens documentárias. Representação das linguagens documentárias. Indexação automática.

### **Bibliografia Básica:**

CURRÁS, Emília. Tesouros: linguagens terminológicas. Trad. de Antonio Felipe da Costa. Brasília, DF: IBICT, 1995. 286 p.  
FOSKETT, A. C. A abordagem temática da informação. São Paulo: Polígono, 1973. 437p.  
LANCASTER, F. W. Indexação e resumos: teoria e prática. Brasília, DF, Briquet de Lemos, 1993. 360 p.  
LUCAS, Clarinda Rodrigues. Leitura e interpretação em Biblioteconomia. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.  
SMIT, Johanna (Coord.). Análise documentária: análise da síntese. 2. ed. Brasília, Distrito Federal: IBICT, 1987. 135 p.

## **REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA I**

Evolução e teorias da representação descritiva. Tipologia dos documentos. Leitura técnica do documento. Catálogos de biblioteca conceitualização, funções, tipos, fluxos de catalogação. Formas de entradas autores, entidades coletivas, nomes geográficos e títulos uniformes. Listas de cabeçalhos de assunto.

### **Bibliografia Básica:**

BARBOSA, Alice Príncipe. Novos rumos da catalogação. Rio de Janeiro: BNG: Brasilart, 1978. 246 p.  
CÓDIGO de catalogação anglo-ameriano. Preparado por The American Library Association et al. 2. ed. São Paulo: FEBAB, 1983-1985. v. 2.  
CRUZ, Ana Maria da Costa. Representação descritiva de documentos: estudos de iniciação. Rio de Janeiro: FEBAB, 1994. 162 p.  
MENDES, Maria Tereza Reis. Cabeçalhos para entidades coletivas. Rio de Janeiro: Interciência, 2002. 142 p.  
MEY, Eliane S. A. Introdução à catalogação. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1995. 123 p.

## **REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA II**

Origem e evolução dos códigos de catalogação. Aspectos teóricos da representação descritiva. Padrões e normas da representação descritiva. Catalogação e Controle Bibliográfico Universal. Formatos para automação da catalogação.

### **Bibliografia Básica:**

- BARBOSA, Alice Príncipe Barbosa. Novos rumos da catalogação. Rio de Janeiro: BNG:Brasilart, 1978. 246 p.
- CÓDIGO de catalogação anglo-americano. Preparado por the American Library Association et al. 2. ed. São Paulo: FEBAB, 1983-1985. v. 2.
- FURRIE, Betty. O MARC bibliográfico: um guia introdutório: catalogação legível por computador. Trad. de Beatriz Valadares Cedón et al. Brasília, DF: Thesaurus, 2000. 95 p.
- MEY, Eliane S. Introdução à catalogação. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1995. 123 p.
- RIBEIRO, Antônia M. de C. M. AACR 2: Anglo American cataloging rules, 2nd edition: descrição e pontos de acesso. 2. ed., ed. ver. e atual. Brasília, DF: Ed. do Autor, 2001. 577 p.

### **FONTES DE INFORMAÇÃO I**

Fontes de informação conceitos, histórico, objetivos e funções. Controle Bibliográfico Universal e no Brasil. Classificação das fontes de informação. Tipologia e natureza das fontes de informação impressa, eletrônica e multimeios.

### **Bibliografia Básica:**

- CALDEIRA, P. T. Guias de referência. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.4, n.2, p.242-263, set. 1975.
- CAMPELLO, B. S.; CALDEIRA, P. T.; MACEDO, V. A. A. (Orgs.). Formas e expressão do conhecimento: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.
- CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.). Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- CAMPELLO, B. S. ; MAGALHÃES, M. H. A. Introdução ao controle bibliográfico. Brasília: Briquet de lemos/ Livros, 1997.
- CAMPOS, C. M., CALDEIRA, Paulo da Terra. Bibliografia especializada corrente no Brasil : três décadas de descontinuidade. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte: v.17, n.2, p.188-213, set. 1988.
- CARVALHO, M. L. B. Índice de citação: uma revisão da literatura. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.2, n.2, p.207-217, set. 1973.
- CENDÓN, B. V. Ferramentas de busca na Web. Ci. Inf. Brasília, v.30, n. 1, p.39-49, jan./abr. 2001.
- CUNHA, Murilo Bastos. Bases de dados no Brasil: um potencial inexplorado. Ci. Inf. Brasília, v.18, n.1, p.45-57, jan./jun. 1989.
- CUNHA, Murilo Bastos. Controle bibliográfico da literatura científica e tecnológica no Brasil. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.6, n.1, p.23-30, 1977.
- CORDÓN GARCÍA, J. A. ; LÓPEZ LUCAS, J.; VAQUERO PULIDO, J. R. Manual de investigación bibliográfica y documental: teoría e práctica. Madrid; Pirámide, 2001.
- GOMES, H. E. O ensino da bibliografia. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.93-104, mar. 1976.
- MONTALLI, Kátia Maria Lemos; CAMPELLO, Bernadete dos Santos. Fontes de informação sobre companhias e produtos industriais: uma revisão de literatura. Ci.Inf. , Brasília, v.6, n.3, p.321-326, set./dez. 1997.
- PAIM, I. O ensino da bibliografia especializada. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.233-249, set. 1983.
- SANTOS, M. V. R. A norma como fonte de informação bibliográfica. Ci. Inf., Brasília, v.1, n.2, p.23-30, 1982.
- SCHLIE, T. W. A utilização da informação sobre patentes em países em desenvolvimento. Ci. Inf., Brasília, v.6, n.2, p.55-58, 1977. 18

SILBERGER, Kathryn Kemp et al. Obras de referência: subsídios para uma avaliação criteriosa. Florianópolis : Ed. UFSC, 1990. 280p.  
TORRES RAMÍREZ, I. Las fuentes de información: estudios teórico-prácticos. Madrid: Síntesis, 1999.  
VILLARES, C. A. Utilização de bases de dados na Biblioteca Central da UnB. R. Bibliotecon. Brasília, Brasília, v.17, n.1, p.73-83, jan./jun. 1989.

## **FONTES DE INFORMAÇÃO II**

Natureza dos suportes informacionais nas áreas educacional, social, empresarial, tecnológica e científica avaliação, busca e recuperação.

### **Bibliografia Básica:**

CALDEIRA, P. T. Guias de referência. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.4, n.2, p.242-263, set. 1975.  
CAMPELLO, B. S.; CALDEIRA, P. T.; MACEDO, V. A. A. (Orgs.). Formas e expressão do conhecimento: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.  
CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.). Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.  
CAMPELLO, B. S. ; MAGALHÃES, M. H. A. Introdução ao controle bibliográfico. Brasília: Briquet de lemos/ Livros, 1997.  
CAMPOS, C. M., CALDEIRA, Paulo da Terra. Bibliografia especializada corrente no Brasil : três décadas de descontinuidade. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.17, n.2, p.188-213, set. 1988.  
CARVALHO, M. L. B. Índice de citação: uma revisão da literatura. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.2, n.2, p.207-217, set. 1973.  
CENDÓN, B. V. Ferramentas de busca na Web. Ci. Inf. Brasília, v.30, n. 1, p.39-49, jan./abr. 2001.  
CUNHA, Murilo Bastos. Bases de dados no Brasil: um potencial inexplorado. Ci. Inf. Brasília, v.18, n.1, p.45-57, jan./jun. 1989.  
CUNHA, Murilo Bastos. Controle bibliográfico da literatura científica e tecnológica no Brasil. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.6, n.1, p.23-30, 1977.  
CORDÓN GARCÍA, J. A. ; LÓPEZ LUCAS, J. ; VAQUERO PULIDO, J. R. Manual de investigación bibliográfica y documental: teoría e práctica. Madrid; Pirámide, 2001.  
GOMES, H. E. O ensino da bibliografia. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.93-104, mar. 1976.  
MONTALLI, Kátia Maria Lemos; CAMPELLO, Bernadete dos Santos. Fontes de informação sobre companhias e produtos industriais: uma revisão de literatura. Ci.Inf., Brasília, v.6, n.3, p.321-326, set./dez. 1997.  
PAIM, I. O ensino da bibliografia especializada. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.233-249, set. 1983.  
SANTOS, M. V. R. A norma como fonte de informação bibliográfica. Ci. Inf., Brasília, v.1, n.2, p.23-30, 1982.  
SCHLIE, T. W. A utilização da informação sobre patentes em países em desenvolvimento. Ci. Inf., Brasília, v.6, n.2, p.55-58, 1977. 20  
SILBERGER, Kathryn Kemp [et al]. Obras de referência: subsídios para uma avaliação criteriosa. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990. 280p.  
TORRES RAMÍREZ, I. Las fuentes de información: estudios teórico-prácticos. Madrid: Síntesis, 1999.  
VILLARES, C. A. Utilização de bases de dados na Biblioteca Central da UnB. R.

Bibliotecon. Brasília, Brasília, v.17, n.1, p.73-83, jan./jun. 1989.

### **ESTÁGIO EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO EDUCACIONAL E SOCIAL**

Elaboração e execução de projeto para uma Unidade de informação. Vivência da realidade de uma Unidade de Informação educacional/social.

### **ESTÁGIO EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA E INDUSTRIAL**

Elaboração e execução de projeto para uma Unidade de informação. Vivência da realidade de uma Unidade de Informação e tecnológica/empresarial.

### **LINGUAGENS DE CLASSIFICAÇÃO I**

Classificação conceitos, origem e evolução. Classificação do conhecimento. Origem e evolução dos sistemas de classificação Library of Congress, Colon Classification, Bliss, Brown, Cutter e Classification Research Group. Notação de autor.

#### **Bibliografia Básica:**

BARBOSA, Alice Príncipe. Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica. Rio de Janeiro : IBBD, 1969. 441p.

CAMPOS, Astério. O processo classificatório como fundamento das linguagens de indexação. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v.6, n.1, p.1-8, jan./jun. 1978.

CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1976, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro : IBICT, 1979. 2v.

DEWEY, Melvil. Sistema de Classificación Decimal. Trad. de Jorge Aguayo. Albany : Forest Press, 1980. 3v.

GIGANTE, Maristela Cid. Os sistemas de classificação bibliográfica como interface biblioteca/usuário. Ci Inf. , Brasília, v.25, n.2, p.193-196, maio/ago. 1996.

LEHNUS, Donald J. Notação de autor: manual para bibliotecas. Trad. de Hagar Espanha Gomes. Rio de Janeiro : Brasilart, 1978. 83p.

MCILWAINE, I. C. Guia para utilização da CDU: um guia introdutório para o uso e aplicação da Classificação decimal Universal. Tradução de Gercina Ângela Borém Lima. Brasília: IBICT, 1998.

MENDES, Edilze B. M. Visão panorâmica dos principais sistemas de classificação bibliográfica. Campinas : PUCCAMP/FABI, 1995.

PIEIDADE, M. R. Introdução à teoria da classificação. Rio de Janeiro: Intenciência, 1977. 190p.

SILVA, Odilon Pereira da, GANIM, Fátima. Manual da CDU. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1994. 89p.

SOUZA, Sebastião. CDU: guia para utilização da edição padrão internacional em língua portuguesa. Brasília: Thesaurus, 2001.

UDC CONSORTIUM. Classificação Decimal Universal: edição padrão internacional em língua portuguesa. Tradução de Francisco F. L. de Albuquerque e Maria Thereza Guimarães F. de Albuquerque Brasília: IBICT, 1997. 1026p.

### **LINGUAGENS DE CLASSIFICAÇÃO II**

Classificação Decimal de Dewey – CDD princípios teóricos e práticos; histórico; estrutura; notação e tabelas auxiliares . Classificação Decimal Universal – CDU princípios teóricos e práticos; histórico; estrutura; notação e tabelas auxiliares

#### **Bibliografia Básica:**

- BARBOSA, Alice Príncipe. Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica. Rio de Janeiro: IBBD, 1969. 441p.
- CAMPOS, Astério. O processo classificatório como fundamento das linguagens de indexação. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v.6, n.1, p.1-8, jan./jun. 1978.
- CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1976, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro : IBICT, 1979. 2v.
- DEWEY, Melvil. Sistema de Classificación Decimal. Trad. de Jorge Aguayo. Albany: Forest Press, 1980. 3v.
- GIGANTE, Maristela Cid. Os sistemas de classificação bibliográfica como interface biblioteca/usuário. Ci Inf., Brasília, v.25, n.2, p.193-196, maio/ago. 1996.
- LEHNUS, Donald J. Notação de autor: manual para bibliotecas. Trad. de Hagar Espanha Gomes. Rio de Janeiro: Brasilart, 1978. 83p.
- MCILWAINE, I. C. Guia para utilização da CDU: um guia introdutório para o uso e aplicação da Classificação decimal Universal. Tradução de Gercina Ângela Borém Lima. Brasília: IBICT, 1998.
- MENDES, Edilze B. M. Visão panorâmica dos principais sistemas de classificação bibliográfica. Campinas: PUCCAMP/FABI, 1995.
- PIEDADE, M. R. Introdução à teoria da classificação. Rio de Janeiro: Intenciência, 1977. 190p.
- SILVA, Odilon Pereira da, GANIM, Fátima. Manual da CDU. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 89p.
- SOUZA, Sebastião. CDU: guia para utilização da edição padrão internacional em língua portuguesa. Brasília: Thesaurus, 2001.
- UDC CONSORTIUM. Classificação Decimal Universal: edição padrão internacional em língua portuguesa. Tradução de Francisco F. L. de Albuquerque e Maria Thereza Guimarães F. de Albuquerque Brasília: IBICT, 1997. 1026p.

### **AUTOMAÇÃO EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO**

O processo de automação de unidades de informação planejamento, projeto e implantação da automação. Critérios de análise, seleção e aquisição de softwares e equipamentos. Avaliação de sistemas automatizados. Biblioteca virtual e digital. Interfaces e formatos de intercâmbio de informação. Planejamento e elaboração de base de dados.

#### **Bibliografia Básica:**

- BARSONI, Roberto. A Informática na Biblioteconomia e na Documentação. São Paulo :Polis, 1990, 127p.
- KIMBER, R.I. Automation in libraries. Oxford: Pergamon, 1999.
- RECORDER, Maria José, ABADAL, Ernest, CODINA, Luís. Informação eletrônica e novas tecnologias. São Paulo: Summus Editorial, 1995.
- ROBREDO, Jaime & CUNHA, M. B. A. A Documentação hoje e amanhã. 2.ed. Brasília, ABDF, 1994.
- ROWLEY, Jennifer. Biblioteca eletrônica. Trad. Briquet, Antonio Lemos de. Brasília: Briquet de Lemos, 2002.
- TEDD. A. An introduction to computer based library systems. Heyden, 1990.

### **TECNOLOGIA E INFORMAÇÃO**

Informação, tecnologia e Tecnologia da Informação aspectos conceituais; Inovação tecnológica abordagens teóricas; as tecnologias da informação suporte e armazenamento da informação, Redes de computação, internet e intranet, bancos de dados, sistemas de informação, sistemas especialistas, realidade virtual; Segurança e ética da informação.

### **Bibliografia Básica:**

- HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1994.
- LÈVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1993.
- LIPOVETSKI, Gilles. O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos Democráticos. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- MARCONDES FILHO, Ciro., (org.). Pensar Pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo: Edições NTC, 1996.
- MORAES, Dênis (org.). Globalização, Mídia e Cultura Contemporânea. Campo Grande: Letra Livre, 1997.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2000.
- EADIE, D. Microcomputadores: teoria e prática. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.
- FOSDICK, H. Computer basics for librarians and information scientists. Arlington: Information Resources Press, 1998.
- GUIMARÃES, A.; LAGES, N. A. Introdução a ciência da computação. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 2000.
- RECORDER, Maria José, ABADAL, Ernest, CODINA, Luís. Informação eletrônica e novas tecnologias. São Paulo: Summus Editorial, 1995.
- REIS, D.A. dos. Fundamentos de processamento de dados. São Paulo: Atlas, 2001

### **ADMINISTRAÇÃO**

Visão geral de sistemas de informação. Evolução do pensamento administrativo. Perfil do Administrador. Os desafios da administração contemporânea. Conceito e função de O&M nas organizações. Etapas de estudo das organizações. Análise da estrutura organizacional. Técnicas de análise e racionalização do trabalho. Técnicas de elaboração de manuais e normas de procedimento. Técnicas de O&M. Ergonomia nas organizações.

### **Bibliografia Básica:**

- CHIAVENATO, I. Teoria Geral da Administração. São Paulo: Makron Books, 1997.
- \_\_\_\_\_. Administração Teoria, Processo e Prática. São Paulo: Makron Books, 1997
- DRUCKER, P. F. 50 casos de Administração. São Paulo: Pioneira, 1993.
- HAMPTON, D. R. Administração Contemporânea: teoria, prática e casos. São Paulo: McGraw Hill, 1992.
- LODDI, J. B. História da Administração. São Paulo: Pioneira, 1993.
- MAXIMIANO, A. C. Teoria Geral da Administração. São Paulo: Atlas, 1997.
- MOTTA, P. R. Gestão Contemporânea: a ciência e a arte de ser dirigente. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- MOTTA, P. Transformação Organizacional: a teoria e a prática de inovar. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.
- NADLER, D. A. [et al]. Arquitetura Organizacional: a chave para a mudança empresarial. Rio de Janeiro: Campus, 1993

### **ADMINISTRAÇÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO**

Noções de gerência de recursos informacionais. Planejamento conceito, evolução e etapas. Noções de planejamento estratégico. Planejamento de unidades, produtos e serviços de informação. Elaboração, análise e financiamento de projetos. Avaliação dos serviços e produtos do sistema de informação.

### **Bibliografia Básica:**

- ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Planejamento de bibliotecas e serviços de informação. Brasília: Ed. Briquet de Lemos, 2000.
- CHIAVENATO, I. Teoria Geral da Administração. São Paulo: Makron Books, 1997.
- \_\_\_\_\_. Administração Teoria, Processo e Prática. São Paulo: Makron Books, 1997
- DRUCKER, P. F. 50 casos de Administração. São Paulo: Pioneira, 1993.
- HAMPTON, D. R. Administração Contemporânea: teoria, prática e casos. São Paulo: McGraw Hill, 1992.
- LODDI, J. B. História da Administração. São Paulo: Pioneira, 1993.
- MAXIMIANO, A. C. Teoria Geral da Administração. São Paulo: Atlas, 1997.
- MOTTA, P. R. Gestão Contemporânea: a ciência e a arte de ser dirigente. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- MOTTA, P. Transformação Organizacional: a teoria e a prática de inovar. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.
- NADLER, D. A. [et al]. Arquitetura Organizacional: a chave para a mudança empresarial. Rio de Janeiro: Campus, 1993

### **POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA E INDUSTRIAL**

Informação, ciência e tecnologia na sociedade contemporânea. O Estado e área de C&T. Políticas nacionais de ICT no planejamento e desenvolvimento de serviços de informação científica e tecnológica. Política industrial no Brasil. Política de Informação no Brasil.

### **Bibliografia Básica:**

- BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Política de ciência e tecnologia no Brasil. Brasília: MCT, 1992.
- BRASIL. III Programa Brasileiro de Desenvolvimento em Ciência e Tecnologia. Ação programada em ciência e tecnologia 29: informação em ciência e tecnologia. Brasília: PADCT/CNPq/IBICT, [1984].
- BRASIL. Presidência da República. Política industrial e de comércio exterior. Brasília: Presidência da República, 1991.
- CARVALHO, Maria Carmem Romcy de. Ação planejada em informação tecnológica. Ciência da Informação, v.21, n.2, p.147-148, maio/ago., 1992.
- COUTINHO, Luciano, FERRAZ, João Carlos. Estudo de competitividade da indústria brasileira. Campinas: Papirus, Unicamp, 1994.
- \_\_\_\_\_, Luciano. A terceira revolução industrial e tecnológica: as grandes tendências de mudança. Economia e Sociedade, n.1, p.69-87, 1992.
- CYSNE, Fátima Portela. Transferência de tecnologia e desenvolvimento. Ciência da Informação, v.25, n.1, p.26-35, 1996.
- DOUBOR, L. Sociedade do conhecimento. São Paulo: Pioneira, 1994.
- DRUKER, P. Sociedade pós-capitalista. São Paulo: Pioneira, 1993.
- FROTA, Maurício, FROTA, M. Helena. Acesso à informação: estratégia para a competitividade. Brasília: IBICT, 1994.
- LASTRES, Helena Maria Martins. Dilemas da política científica e tecnológica. Ciência da Informação, v.24, n.2, p.189-193, 1995.
- OLIVEIRA, João Batista Araújo. Ilhas de competências: carreiras científicas no Brasil. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1985.
- SCIENCE and technology in Brazil: a new policy for a global world. Rio de Janeiro: FGV, 1995.
- SICSÚ, Abraham B. Políticas científica e tecnológica no Japão, Coréia do Sul e Israel.

Brasília: IBICT, 1985.

TARAPANOFF, Kira. A política científica e tecnológica no Brasil. *Ciência da Informação*, v.21, n.2, p.149-158, mai/ago., 1992. 29

VIEIRA, Anna da Soledade. *Informação tecnológica no Brasil pós-PADCT*. *Ciência da Informação*, v.25 n.1, p.59-75, 1996.

WEITZEN, N. H. S. *O poder da informação*. São Paulo: Makron Books, 1991.

## **GESTÃO DA INFORMAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES**

Cultura Organizacional; Comunicação organizacional; Informação como recurso organizacional. Gerenciamento de recursos informacionais e tecnológicos. Informação e Processo de decisão empresarial. Habilidades e competência do Gestor da Informação.

### **Bibliografia Básica:**

ÁVILA, H. A., SANTOS, M. P. S. Cenários: estudo de futuros alternativos. *Ciência e Cultura*, v. 41, n. 3, p. 241-249, março 1989

BARBOSA, R. R. Monitoração ambiental: uma visão interdisciplinar. *Revista de Administração de Empresas*, v. 32, n. 4, p. 42-53, dezembro 1997.

BEUREN, Ilse Maria. *Gerenciamento da informação. Um recurso estratégico no processo de gestão empresarial*. São Paulo: Editora Atlas, 1998.

CHOO, Chun Wei. *The knowing organization: how organizations use information to construct meaning, create knowledge, and make decisions*. New York: Oxford University Press, 1997. cap.5. The management of choice organizations as decision making systems.

CRONIN, B. Esquemas conceituais e estratégicos para a gerência da informação. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. v.19, n.2, p.195-220. set. 1990.

DAVENPORT, Thomas H. *Ecologia da Informação. Por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação*. São Paulo: Futura, 1998.

DAVENPORT, Thomas H. *Reengenharia de Processos. Como inovar na empresa através da tecnologia da informação*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1994.

DEGEN, R. J. A importância estratégica e o funcionamento do serviço de inteligência empresarial. *Revista de Administração de Empresas*. v.26, n.1, p.77-84. jan./mar. 1984.

DEGENT, R. J. A importância estratégica e o funcionamento do serviço de inteligência empresarial. *Revista de Administração de Empresas*, v. 26, n.1, p. 77-83, jan./mar. 1986.

FREITAS, H. *A informação como ferramenta gerencial*. Porto Alegre: Ortiz, 1993.

MCGEE James, PRUSAK Laurence. *Gerenciamento estratégico da informação*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

McGEE, James e PRUSAK Laurence. *Gerenciamento Estratégico da Informação*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

MINTZBERG, H., AHLSTRAND, B., LAMPEL, J. *Safari de estratégia*. Porto Alegre: Bookman, 2000.

NONAKA Ikujiro e TAKEUCHI Hirotaka. *Criação de Conhecimento na Empresa. Como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998.

PORTER, M. *Estratégia competitiva: os conceitos centrais. Vantagem competitiva*. Rio de Janeiro: Campus, 1989. Cap.1, p.1-23. 31

SAPIRO, A. *Inteligência empresarial: a revolução informacional da ação competitiva*. *Revista de Administração de Empresas*. v.33, n.3, p.106-117, mai./jun., 1993.

STEWART, Thomas A. *Capital Intelectual. A nova vantagem competitiva das empresas*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998.

## **DOCUMENTAÇÃO EMPRESARIAL**

Fluxo da informação nas empresas. Principais documentos que se utilizam como instrumentos na administração das empresas. Critérios de seleção da informação e documentos para atender as diferentes formas de comunicação empresarial. Informação para negócios natureza, características. Noções básicas de tratamento de documentos empresariais. Acesso e utilização da Internet como fonte de informação para negócios.

### **Bibliografia Básica**

BEUREN, Ilse Maria. Gerenciamento da informação: um recurso estratégico no processo de gestão empresarial. São Paulo: Atlas, 1998.

BIO, Sérgio Rodrigues. Sistemas de informação: enfoque gerencial. São Paulo: Atlas, 1985.

BORGES, Mônica Erichsen Nassif, CARVALHO, Natália Guiné de Mello. Produtos e serviços de informação para negócios no Brasil: características. *Ciência da Informação*, v. 27, n. 1, p. 76-81, 1998.

GOMES, Elisabeth. Inteligência competitiva: como transformar informação em um negócio. São Paulo: Campus, 2001.

LÓPEZ YEPES, José. Manual de Información y Documentación. Madrid: Pirámide, 1996.

NAVARRO, Célia Chaín. Gestión de información en las organizaciones. Murcia: Universidad de Murcia, 2000.

### **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA**

O campo científico. Design de pesquisa. Aplicação de métodos quantitativos em biblioteconomia e ciência da informação. Análise de dados quantitativos. Aplicação de métodos qualitativos em biblioteconomia e ciência da informação Análise de dados qualitativos. Elaboração de Projeto de pesquisa.

### **Bibliografia Básica:**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. 2. Ed. SP: Brasiliense, 1991.

CYRANKA, Lúcia F. de Mendonça e SOUZA, Vânia Pinheiro de. Orientações para Normalização de Trabalhos Acadêmicos. 2. ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 1996.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. SP: Atlas, 1996.

HIRANO, Sedi (Org.). Pesquisa Social e planejamento. 2. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

IANNI, Octávio. Os Horizontes do Pensamento. In: A SOCIEDADE GLOBAL. 6. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.p. 165/182.

LAGNEAU, Gérard. A sociologia da publicidade. São Paulo: Cultrix, 1981.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 3. Ed. SP: Atlas, 1991.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Manual para elaboração de monografias e dissertações. 2. ed. SP: Atlas, 1994.

MENDONÇA, Leda Moreira e ALESSANDRO, Walmirton Thadeu D'. Guia para apresentação de trabalhos técnico-científicos na UFG. Goiânia: Cegraf, 1997.

SARMENTO (Org.) Walney Moraes. Problemas de Metodologia nas Ciências Sociais. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 3. ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 1986.

RUDIO, Franz Victor. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica. 21. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

### **SERVIÇO DE REFERÊNCIA E INFORMAÇÃO**

Abordagem histórico-conceituais. Natureza, funções e atribuições de serviços de referência. Serviços de referência e seus suportes de informação. Perfil do bibliotecário de referência. Adequação da oferta de produtos de serviços à demanda da informação. Qualidade em serviços, produtos e obras de referência. Técnicas de disseminação da informação. O ciclo vital do produto. Serviços computadorizados. Formação de usuários.

### **Bibliografia Básica:**

- ABELLÁN, Joaquín Ruiz; ALONSO, Mónica Izquierodo; LUCAS, Tomás Piñera. Aportaciones em torno a los usuários em documentacion. Documentaión de las Ciências de la Informacion, [s.n], n. 21, 11-75, 1998.
- AMARAL, Sueli A. do. Análise ambiental do GEOCINF. Ci. Inf.. Brasília, v. 18, n.2, p. 199-206, jul./dez. 1989.
- ARANGO, Dario A. Tecnologia e dependência. IN: TABAK, Fanny. Dependência tecnológica e desenvolvimento nacional. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.
- ARAÚJO, Luís César G. de. Organização e métodos: integrando comportamento, estrutura, tecnologia e estratégia. 3. ed. São Paulo : Atlas, 1992. 287 p.
- ARAÚJO, Vânia M. R. H. Usuários:uma visão do problema. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n.2, p. 175-192, set. 1974
- CUNHA, Murilho Bastos. Metodologia para estudos dos usuários de informação científica e tecnológica. Rev. Bib. de Brasília, Brasília, v. 10, n.2, p.5-19, 1982.
- DANTAS, Marcos. Sistemas de informação: a evolução dos enfoques. Ci. Inf., Brasília, v.21, n. 3, p. 192-196, set./dez. 1992.
- DNPM. Estudo de demanda de informação no setor geociências e tecnologia mineral. Ci. Inf., Brasília, v. 15, n.1, p. 81-89, 1986.
- HERNÁNDEZ, José A. (Coord.). Estrategias y modelos para enseñar a usa la información: guia para docentes, bibliotecários y archiveros. Murcia: KR, 2000. 290 p.
- KREMER, J. Fluxo de informação entre engenheiros:uma revisão de literatura. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v.15, n.1, p. 7-41, 1980.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1982.
- OBERHOFER, Cecília Alves. Conceitos e princípios para avaliação de sistemas de informação. Ci. Inf., Brasília, v. 12, n.1, p. 45-51, jan./abr.. 1983.
- RABELO, Odília C. P. O usuário nos currículos de biblioteconomia. Revista da Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFMG, Belo Horizonte, v.10, n.20, p. 179-192, 1981.
- RABELO, Odília Clark. Usuário:um campo em busca de sua identidade? Revista da escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 12, n.1, p.75-87, mar. 1983.
- VIEIRA, A. S. Repensando a biblioteconomia. Ci. Inf., Brasília, v. 12, n.2, p. 81-86, 1983.
- WITTER, Geraldina Porto. Aspectos psicológicos no relacionamento bibliotecário e usuário. Cie. Inf., Brasília, v.15, n.1, p. 33-37, jan./jun. 1986.

### **USOS E USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO**

Conceituação e origem dos estudos de usuários da informação. Categorias de usuários de informação das diferentes áreas. Metodologias de estudo de comunidade e de usuários. Estudos de usuários e suas aplicações práticas. Elaboração de perfis de usuários.

### **Bibliografia Básica:**

- ABELLÁN, Joaquín Ruiz; ALONSO, Mónica Izquierodo; LUCAS, Tomás Piñera. Aportaciones em torno a los usuários em documentacion. Documentaión de las Ciências de la Informacion, [s.n], n. 21, 11-75, 1998.
- AMARAL, Sueli A. do. Análise ambiental do GEOCINF. Ci. Inf.. Brasília, v. 18, n.2, p. 199-

206, jul./dez. 1989.

ARANGO, Dario A. Tecnologia e dependência. IN: TABAK, Fanny. Dependência tecnológica e desenvolvimento nacional. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

ARAÚJO, Luís César G. de. Organização e métodos: integrando comportamento, estrutura, tecnologia e estratégia. 3. ed. São Paulo : Atlas, 1992. 287 p.

ARAÚJO, Vânia M. R. H. Usuários: uma visão do problema. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n.2, p. 175-192, set. 1974

CUNHA, Murilho Bastos. Metodologia para estudos dos usuários de informação científica e tecnológica. Rev. Bib. de Brasília, Brasília, v. 10, n.2, p.5-19, 1982.

DANTAS, Marcos. Sistemas de informação: a evolução dos enfoques. Ci. Inf., Brasília, v.21, n. 3, p. 192-196, set./dez. 1992.

DNPM. Estudo de demanda de informação no setor geociências e tecnologia mineral. Ci. Inf., Brasília, v. 15, n.1, p. 81-89, 1986.

HERNÁNDEZ, José A. (Coord.). Estrategias y modelos para enseñar a usar la información: guía para docentes, bibliotecários y archiveros. Murcia: KR, 2000. 290 p.

KREMER, J. Fluxo de informação entre engenheiros: uma revisão de literatura. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v.15, n.1, p. 7-41, 1980.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1982.

OBERHOFER, Cecília Alves. Conceitos e princípios para avaliação de sistemas de informação. Ci. Inf., Brasília, v. 12, n.1, p. 45-51, jan./abr.. 1983.

RABELO, Odília C. P. O usuário nos currículos de biblioteconomia. Revista da Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFMG, Belo Horizonte, v.10, n.20, p. 179-192, 1981.

RABELO, Odília Clark. Usuário: um campo em busca de sua identidade? Revista da escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 12, n.1, p.75-87, mar. 1983.

VIEIRA, A. S. Repensando a biblioteconomia. Ci. Inf., Brasília, v. 12, n.2, p. 81-86, 1983.

WITTER, Geraldina Porto. Aspectos psicológicos no relacionamento bibliotecário e usuário. Cie. Inf., Brasília, v.15, n.1, p. 33-37, jan./jun. 1986.

## **LÍNGUA PORTUGUESA: REDAÇÃO E EXPRESSÃO I**

Desenvolvimento da capacidade de leitura, de análise e de produção textual a partir de elementos constitutivos do texto, bem como de suas relações entre estrutura, coesão, argumentação e o tipo do autor, observando-se as novas gramaticais vigentes. .

### **Bibliografia básica:**

CARRAHER, David W. Senso crítico: do dia-a-dia às ciências humanas. São Paulo, Pioneira, 1983.

BASTOS, Lília da Rocha. [et. Al]. Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias. 4. ed. rev. amp. Rio de Janeiro, LTC, 1995.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

FAIRCLOUGH, N. Discourse and social change. London, Longman, 1992.

FARACO, C. A., TEZZA, C. Prática de texto: língua portuguesa para nossos estudantes. Petrópolis, Vozes, 1992.

FAULSTICH, Enilde L. de J. Como ler, entender e redigir um texto. Petrópolis, Vozes, 1988.

FÁVERO, Leonor Lopes. Coesão e coerência textuais. 4. ed. São Paulo, Ática, 1997. (Série Princípios, 206).

FIGUEIREDO, Luiz Carlos. A redação pelo parágrafo. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1995.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. 13. ed. Rio de Janeiro, Fundação

Getúlio Vargas, 1986.

HALLIDAY, M. A. K. , HASAN, H. Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective. 3rd . ed. Oxford University Press.

KOCH, Ingedore G.V. Argumentação e linguagem. 3. ed. São Paulo, Cortez, 1993.

KRESS, G., van LEEUWEN, T. Reading images: the grammar of visual design. London, Routledge, 1996.

PENTEADO, J. R. Whitaker. A técnica da comunicação humana. 9. ed. São Paulo, Pioneira, 1986.

PERINI, Mário A. Gramática descritiva do português. São Paulo, Ática, 1995.

TERRA, Ernani, NICOLA, José de. Guia prático de ortografia. São Paulo, Scipione, 1996.

## **LÍNGUA PORTUGUESA: REDAÇÃO E EXPRESSÃO II**

Linguagem, língua e comunicação. O ato de narrar, relatar e argumentar. Tipologia e estrutura do texto narrativo e argumentativo: aspectos morfossintáticos pertinentes a estas habilitações. Correção gramatical de textos e sua adequação à estilística dos meios de comunicação jornalísticos. O texto jornalístico e de divulgação: natureza, estrutura e características.

### **Bibliografia Básica:**

CARRAHER, David W. Senso crítico: do dia-a-dia às ciências humanas. São Paulo, Pioneira, 1983.

CERVO, A.L., BERVIAN, P. A. Metodologia Científica. 4. ed. São Paulo, Makron Books, 1996.

BASTOS, Lília da Rocha. Et. Al. Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias. 4. ed. rev. amp. Rio de Janeiro, LTC, 1995.

CUNHA, celso, CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

FAIRCLOUGH, N. Discourse and social change. London, Longman, 1992.

FARACO, C. A., TEZZA, C. Prática de texto: língua portuguesa para nossos estudantes. Petrópolis, Vozes, 1992.

FAULSTICH, Enilde L. de J. Como ler, entender e redigir um texto. Petrópolis, Vozes, 1988.

FÁVERO, Leonor Lopes. Coesão e coerência textuais. 4. ed. São Paulo, Ática, 1997. (Série Princípios, 206).

FIGUEIREDO, Luiz Carlos. A redação pelo parágrafo. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1995.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. 13. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1986.

HALLIDAY, M. A. K. , HASAN, H. Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective. 3rd . ed. Oxford University Press.

KOCH, Ingedore G.V. Argumentação e linguagem. 3. ed. São Paulo, Cortez, 1993.

KRESS, G., van LEEUWEN, T. Reading images: the grammar of visual design. London, Routledge, 1996.

PENTEADO, J. R. Whitaker. A técnica da comunicação humana. 9. ed. São Paulo, Pioneira, 1986.

PERINI, Mário A. Gramática descritiva do português. São Paulo, Ática, 1995.

TERRA, Ernani, NICOLA, José de. Guia prático de ortografia. São Paulo, Scipione, 1996.

## **TEORIAS DA COMUNICAÇÃO I**

Comunicação, ideologia e poder. O objeto da comunicação, as contribuições interdisciplinares. As diversas abordagens e vertentes teóricas em comunicação. Elementos de interpretação de discurso.

### **Bibliografia Básica:**

- COHN, G. (org.) Comunicação e indústria cultural. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1978.  
DE FLEUR, M. e BALL-ROKEACH, S. Teorias da comunicação de massa. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.  
FREITAG, B. A teoria crítica: ontem e hoje. São Paulo, Brasiliense, 1990.  
LIMA, L.C. (org.) Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.  
MAFFESOLI, M. A contemplação do mundo. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995.  
MATTELARD, Armand e Michèle. História das Teorias da Comunicação. Porto: Campo das Letras, 1997.

### **TEORIAS DA COMUNICAÇÃO II**

Globalização, comunicação e consumo. Comunicação, imaginário e subjetividade. Estetização da realidade. O impacto das novas tecnologias no comportamento e na sensibilidade. Conceitos e tendências em comunicação contemporânea.

### **Bibliografia Básica:**

- BAUDRILLARD, J. Simulacros e simulação. Lisboa, Relógio D'Água, 1991.  
CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.  
CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.  
HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1989.  
KELLNER, Douglas. A cultura da mídia. Bauru, SP: Edusc, 2001.  
LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.  
MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2001.  
MAFFESOLI, M. A contemplação do mundo. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995.  
MATTELART, Armand. A globalização da comunicação. São Paulo: EDUSC, 2000.  
MORAES, Denis. Planeta mídia: tendências da comunicação na Era Global. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

### **SOCIOLOGIA**

Os primeiros grupos sociais, a formação da sociedade, as ciências sociais. Origem histórica e conceitual da sociologia, as principais vertentes sociológicas: Auguste Comte, Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. As instituições e os processos de socialização. A Sociologia como Ciência Social: objeto, método, relações com os demais ramos do conhecimento.. Controle social e movimentos sociais. A sociologia da comunicação.

### **Bibliografia Básica:**

- MARTINS, C. B.. O que é Sociologia. São Paulo, Brasiliense, 1988.  
CASTRO, <sup>a</sup> M. & DIAS, E. F.. Introdução ao Pensamento Sociológico. Rio de Janeiro, Eldorado, 1977.  
MOYA, C.. Imagem Crítica da Sociologia. São Paulo, Cultrix, 1970. (Capítulo I: "O Positivismo e as Origens da Sociologia).  
MILLS, W.. A Imaginação Sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. (Capítulo I: "A Promessa").  
BERGER, P.. Perspectivas Sociológicas. Petrópolis, Vozes, 1986. ("A Sociologia como

Forma de Consciência").

LUKES, S. In: Cohn, G (org.). Para Ler os Clássicos. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1977.

DURKHEIM, E.. As Regras do Método Sociológico. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1987.

DURKHEIM, E.. Sociologia e Filosofia. São Paulo, Ícone, 1994.

DURKHEIM, E.. Formas Elementares da Vida religiosa. São Paulo, Paulinas, 1989.

ARON, R.. As Etapas do Pensamento Sociológico. São Paulo, Martins Fontes/Ed. UnB, 1987.

WEBER, M.. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo, Livraria Pioneira, 1989.

GERTH, h. h. & MILL, W.. In: Weber, M.. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro, Zahar, s/d.

WEBER, M.. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro, Zahar, s/d.

WEBER, M.. Economia e Sociedade. Vol 1. Brasília, Ed. UnB, 1994.

HOLANDA, S. B.. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992.

DAMATTA, R.. A Casa e a Rua. Rio de Janeiro, Guanabara, 1991.

DAMATTA, R.. Carnavais, Malandros e Heróis. Rio de Janeiro, Guanabara, 1990.

SOUZA, J.. O Malandro e o Protestante. Mimeo: Trabalho apresentado no XX Encontro da ANPOCS. Caxambu, 1996.

ARAÚJO, C. E. P.. A Percepção da Diferença numa Sociedade Relacional: Anotações sobre o Caso Brasileiro. Mimeo: Trabalho apresentado no XXI Encontro da ANPOCS. Caxambu, 1997.

MOISÉS, J. A.. Os Brasileiros e a Democracia. São Paulo, Ática, 1995. 43

COHN, G.. Sociologia da Comunicação: Teoria e Ideologia. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1973.

COHN, G.. Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo, Cia Editora Nacional & Ed. USP, 1971.

LIMA, L. C.. Teoria da Cultura de Massa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990

## **FILOSOFIA**

Origem e o desenvolvimento dos problemas atuais da filosofia em suas diversas áreas: ciência e conhecimento, o problema do valor, filosofia e linguagem, filosofia e sociedade. Ciência e Ideologia. Teoria do Valor (juízos sobre Beleza de Juízos morais). A Filosofia e Linguagem (significado, interpretação, a relação escrita/leitura). Filosofia e sociedade (Globalização e cultura).

### **Bibliografia Básica:**

ARANHA, M. L. Arruda; MARTINS, M.<sup>a</sup> Pires. Filosofando. São Paulo: Moderna, 1973.

BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986.

DUFRENNE, Michel. Estética e Filosofia. São Paulo: Perspectiva, 1980.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. Lisboa: Portugal, 1966.

MOLES, Abraham, Teoria da Informação e Percepção Estética. Rio de Janeiro: EDUNB, 1978.

## **INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS**

O texto literário. O conceito de arte. Conceitos fundamentais. Relações entre ficção e realidade. A questão dos gêneros literários. A intertextualidade. A circulação dos textos literários. Autores representativos da literatura ocidental.

### **Bibliografia Básica:**

FILHO, Domício Proença. A Linguagem Literária. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.  
CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. São Paulo: Nacional, 1967.  
EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1997.  
ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.  
JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. São Paulo: Ática, 1994.

### **TEORIA DA IMAGEM**

Natureza e definição da imagem. Espaço e tempo representados. A retórica da imagem. Capacidade de referência. Signos. A perspectiva. A antropologia visual: a imagem do eu e do outro. A imagem fotográfica, cinematográfica e eletrônica (videográfica). A imagem “pós-moderna” – simulações e virtualidades (imagem análoga X imagem digital).

#### **Bibliografia Básica:**

JOLY, Martine. Introdução à Análise da Imagem, Papyrus Editora, São Paulo, 1996  
ROCHA, Everardo P. Guimarães Rocha, Magia e Capitalismo – um estudo antropológico da publicidade, Ed. Brasiliense  
DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico, Ed. Papyrus, 1994  
BRITO, João Batista de. Imagens Amadas, Ateliê Editorial, 1995  
MACHADO, Arlindo. A arte do Vídeo, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1988

### **PLANEJAMENTO GRÁFICO-VISUAL**

O espaço gráfico e seus elementos de expressão: diagrama, imagem, tipologia e cor. O projeto gráfico: conceito e produção. A relação entre a forma e o conteúdo editorial. Técnicas de representação e de reprodução: pré-impressão, acabamento e papéis. Desenvolvimento de projeto gráfico: jornal, revista e folder. Computação gráfica.

#### **Bibliografia Básica;**

CRAIG, James – Produção gráfica. Nobel, São Paulo, 1987.  
FOLHA DE SÃO PAULO – Novo manual da redação. FSP, São Paulo, 199  
RIBEIRO, Milton. Planejamento visual gráfico, Brasília, Linha gráfica, 1998.  
HURLBURT, Allen. The grid, NY, Van Nostrand Reinholdco, 1978.  
JÚNIOR, José Ferreira. Capas de Jornal, São Paulo, Senac, 2002.

### **FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO**

Os processos educacionais a partir de seus fundamentos teóricos e metodológicos e, ainda, de suas implicações na prática pedagógica. A constituição dos processos educacionais no âmbito da sociedade e da cultura, partindo da contribuição de diferentes áreas do conhecimento: Filosofia, Psicologia, História, Sociologia, Biologia. Os processos didático-pedagógicos: relação professor-aluno-saber, processo ensino-aprendizagem, planejamento de ensino-aprendizagem, à organização e coordenação do trabalho pedagógico e à gestão educacional: políticas públicas educacionais, projeto político-pedagógico, gestão democrática, planejamento, currículo e avaliação educacional.

#### **Bibliografia Básica:**

BUFFA, Ester Etalü. Educação e Cidadania. São Paulo: Cortez, 1996.  
CARVALHO, Adalberto Dias. Em Torno do Estatuto da Filosofia da Educação. In: Epistemologia das Ciências Humanas. Porto: Edições Aprofundamento, 1996.  
FREIRE, PAULO. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- \_\_\_\_\_. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. São Paulo: EDART, 1977.
- INFORMATO, Hélio. Fundamentos Sociais da Educação. Livrarias Nobel S.A.
- LUCKESI, Cípriciano Carlos. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Magistério de 2ª Grau. Série Formação do Profissional).
- MENEZES, João Gualberto [et alii]. Estrutura e Funcionamento da Educação Básica. São Paulo: Pioneira, 1998.
- SALVADOR, César Coll. Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- TURA, Maria de Lourdes Rangel (org). Sociologia para educadores. Rio de Janeiro. Quartet. 2002.
- GHIRALDELLI, Paulo. Didática e teorias educacionais. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: plano de ensino - aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.
- VEIGA, Ilma P. A. (Org.) Repensando a Didática. Campinas: Papirus, 1989.
- \_\_\_\_\_. (Org.) Projeto político - pedagógico da escola. Campinas: Papirus, 1995.
- \_\_\_\_\_. (Org.) Didática: o ensino e suas relações. Campinas: Papirus, 1996.

## **PSICOLOGIA DA COMUNICAÇÃO**

Elementos para análise lógica e social da: estrutura social, instituições, mudança social, opinião, atitudes, consciência, interdição, transgressão. Processo de socialização e processo de individualização. Canais interpessoais, intergrupais e massivos de informação. Estrutura e efeitos dos meios de comunicação. Barreiras psico-sociais ao processo de informação.

### **Bibliografia Básica:**

- ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. Massa. In: Temas básicos de sociologia. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ADORNO, T. Comunicação e indústria cultural. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.
- ADORNO, T. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARIES. P. Família e sociabilidade. In: História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara. 1986.
- .BELTRÃO, L. A sociedade de massa. In: A sociedade de massa: comunicação e literatura. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BERGER, P. O indivíduo na sociedade. In: Perspectivas sociológicas. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BERGER, P. A sociedade no indivíduo. In: Perspectivas sociológicas. Petrópolis: Vozes, 1986.
- COSTA, B.C. Indústria cultural: Análise crítica e suas possibilidades de revelar ou ocultar a realidade. In: PUCCI, B (org.). Teoria Crítica e educação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- D'ANDRÉA, F.F. Conceitos gerais. In: Desenvolvimento da personalidade. São Paulo: Difel, 1982.
- ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. RJ: Zahar, 1994.
- FROMM, E. Família e Autoridade. In: CAN EVACCI, M. Dialética da família. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FROMM, E. Consciência e sociedade industrial. In: FORACCHI, M.M. e MARTINS, J.S. Sociologia e sociedade. Rio de Janeiro: LTC, 1986.
- GUARESCHI, P. Comunicação e teoria crítica. In: Comunicação e controle social. Petrópolis: Vozes, 1991.

- IANNI, O .A sociedade global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- KA TZ, D. Formação de atitude e opinião pública. In: COHN, G. Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: T.A.Queiroz, 1987.
- LAMBERT. W. A significação social das atitudes. In: Psicologia Social, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MUNIZ SODRÉ. A consciência e o olhar. In: A máquina de Nan;iso. São Paulo: Cortez, 1994.
- PIETROCOLLA, L G. Sociedade de consumo. São Paulo: Global, 1986. 50
- RODRIGUES, A. Influência do comunicador no fenômeno de mudança de atitude. In: Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 1983.